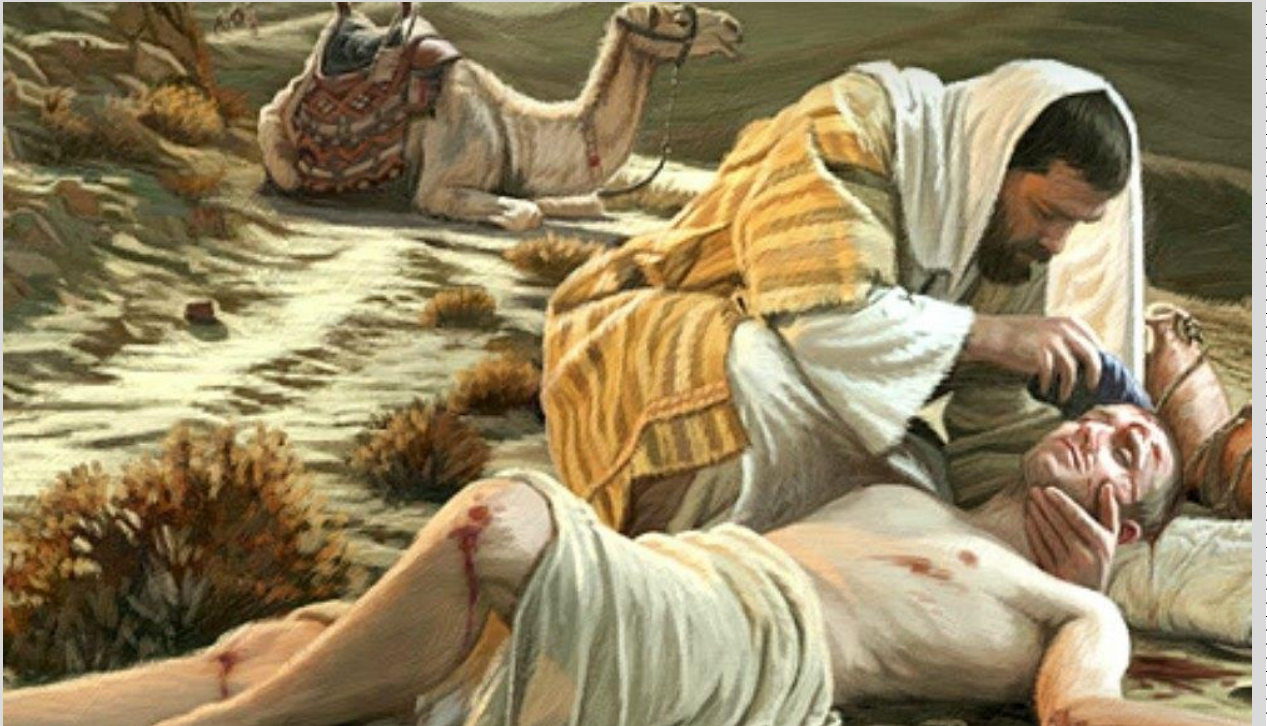




COMUNIDADES NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

**Movimento de apoio espiritual, religioso e vivencial para
viúvas, viúvos e pessoas sós**



Misericórdia

Índice

Reunião da CNSE nº – denominação.....	3
Orações	4
Apresentação	6
1. Por que este tema?	8
2. A Misericórdia no Antigo Testamento	15
3. Cego quem não quer ver.....	20
4. A tempestade	25
5. O Pai misericordioso	29
6. A Mãe da Misericórdia.....	35
7. Compaixão, a marca de Jesus	40
8. Atenção aos outros	48
9. Bom samaritano	56
10. Amem os seus inimigos.....	63
11. Justiça e misericórdia	69
12. Santidade e santos.....	76
13. Oração e Misericórdia	81
14. A Misericórdia e os Sacramentos	89
15. O temperamento que Deus lhe deu.....	99
16. Obras de misericórdia corporais e espirituais	108
Posfácio	115
Bibliografia consultada	117



Reunião da CNSE nº – denominação

Hospedeira –

Animadora (a hospedeira da reunião anterior)

Cons. Espiritual – Padre ...

Tema – Capítulo

ACOLHIDA: a- hospedeira

b- O Coordenador recorda rapidamente a reunião passada.

1- Momento de Oração (parte celebrativa da reunião).

* Invocação do Espírito Santo

* Oração a Nossa Senhora da Esperança

2- Dentro de cada capítulo estão:

* Texto de Meditação: (Bíblia) (inserido no tema)

* Orações espontâneas: (baseadas no texto da meditação; façamos orações de louvor, de agradecimento, súplica, etc.). **(Resposta: Amém)**

* Intenções, pedidos por intenções particulares (Oração de Petição).
(Rezemos ao Senhor! R: Senhor, escutai a nossa prece!)

* Oferecimento dessas orações e preces a Deus: feito pela SCE ou OE.

3- Momento da Coparticipação

a) Conversas bem tranquilas (porém sem digressão, objetiva, sobre fatos alegres, tristes ou importantes). Essas conversas normalmente aparecem sem momento definido, mas são importantes. Um dos grandes objetivos da CNSE.

b) Como está a vivência dos compromissos propostos pelo Movimento neste ano. Hoje a pergunta é sobre a **(PONTO DE UNIDADE)**

4- Tema de Estudos - Texto do tema que está em estudo (apostila), troca de ideias, canto, etc.

5- Avisos:

* Encontros de oração ou festivo ou evento programado.

* Aniversários

* Próxima reunião: data, local, tema

6- Encerramento da Reunião

1- Opcional: *Canto Nossa Senhora da Esperança

2- Pai-nosso, Ave-Maria, Glória

Qualquer evento público: Não se esquecer da echarpe.

Orações

1- Oração ao Espírito Santo

Vinde, Espírito Santo,

Enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor.

Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

Oremos: Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação. Por Cristo Senhor Nosso. Amém!

2- ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Senhora da Esperança, tua alegria era fazer a vontade do Pai.

Tua vida era estar atenta às necessidades dos outros.

Intercede por nós!

Quando nossa fé vacila,

Quando somos tentados a desesperar

Senhora da Esperança, intercede por nós!

Quando fechamos o coração,

Quando consentimos a injustiça,

Senhora da Esperança, intercede por nós!

Quando parece ser difícil seguir teu filho,

Quando nos cansamos de fazer o bem,

Senhora da Esperança, intercede por nós!

Quando o não se antecipa ao nosso sim,

Leva-nos a Jesus Cristo, nossa esperança. Amém

3- Hino a Nossa Senhora da Esperança

1. Na caravela, singrando os mares, na tempestade ou na bonança, veio tua imagem,
Nossa Senhora, Nossa Senhora da Esperança.

**R: No teu abraço, no teu regaço, Jesus menino, Jesus Criança, veio contigo,
Nossa Senhora, Nossa Senhora da Esperança**

2. E uma pombinha deixou o abrigo, correu o risco de uma mudança, pra vir contigo,
Nossa Senhora, Nossa Senhora da Esperança.
3. A paz serena da pomba branca que em ti se apoia, com confiança é o que
buscamos, Nossa Senhora, Nossa Senhora da Esperança.
4. Estás agora em nossa casa, barco ancorado na praia mansa. Estás conosco, Nossa
Senhora, Nossa Senhora da Esperança
5. É na tua prece que hoje cantamos com voz doçura que não se cansa, de te louvar,
Nossa Senhora, Nossa Senhora da Esperança.

Apresentação

Estar na Comunidade de Nossa Senhora da Esperança é também ter a vontade de conhecer Deus melhor, de O amar melhor e de O servir melhor, usando nossa vida integral para tanto.

À medida que aprendemos sobre as possibilidades de uma vida com Deus, nossas tristezas se transformam em esperança e até mesmo em alegria.

Quando temos um dissabor, uma doença grave ou uma surpresa ruim ou algo que nos fere profundamente, nos perguntamos: Por que comigo? Que fiz de errado? Será que mereço tanta ingratidão, tanto sofrimento?

A misericórdia divina e humana nos dão essas respostas. Quando convidamos Deus a nos acompanhar nas dificuldades, nossa postura muda de foco. O sofrimento se torna algo diferente quando compreendido como caminho de superação, aprendizado e ascese. Lógico que não é fácil e nem instantâneo. O sofrimento não desaparecerá. Vales sombrios e pranto não irão desaparecer. Mas poderemos nos mover com mais leveza e adaptabilidade dentro deles. Quando Jesus disse em Mt 9,13: “pois não venho chamar os justos, mas os pecadores”, afirma que somente aqueles que podem enfrentar sua condição de feridos podem estar disponíveis para a cura e adotar um novo modo de viver.

O caminho do Domingo de Ramos até a Páscoa nos ensina, por meio do sofrimento, a usar de paciência que conduz, lentamente, para uma vitória, se bem que difícil. O sofrimento nos convida a colocar nossas mágoas em mãos maiores! Absolutamente nada em nossas vidas está fora do reino do julgamento e da misericórdia de Deus. Ao nos aproximarmos honesta e lentamente de Deus com nossas mágoas e perdas, percebemos que temos muito também a agradecer. A cruz, o principal símbolo de nossa fé, convida-nos a ver a graça de Deus onde há dor, ver a ressurreição onde há morte.

Nossa grande ilusão é pensar que a vida é uma propriedade a ser possuída ou um objeto que se pode controlar, que as pessoas podem ser gerenciadas e manipuladas. E nos desesperamos quando a vida escapa ao nosso controle.

Converter-se é deixar Deus nos conduzir para longe de nossas compulsões. Começemos a ser misericordiosos com nós mesmos, primeiramente. “Quem não se ama não pode amar o outro”. O mundo, porém, não se restringe a mim. Os séculos XX e XXI já estão marcados pelo terrorismo sem piedade, por crianças vítimas de toda espécie de violência e condenadas à fome, por milhões de expatriados e refugiados, pandemia do coronavírus. (nunca acontecida nessa proporção universal), além das catástrofes naturais. Fica difícil, nessas circunstâncias desfavoráveis, falar, a quem não tem fé sólida, de um Deus misericordioso.

Nosso esforço de reflexão não vai responder à pergunta por que Deus permite esse sofrimento e sim nos leva a pensar sobre o Deus misericordioso, o Deus rico em misericórdia (Ef 2,4) que nos consola a fim de que nos consolemos uns aos outros (2Cor 1, 3 s). Papas, João XXIII, João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco, reconheceram com toda a clareza os “sinais dos tempos” e exortaram a que se voltasse a situar a questão da misericórdia no centro do anúncio e da prática celestiais. Por quê?

A misericórdia constitui o núcleo da mensagem cristã.

É significativo que palavras como misericórdia e compaixão tenham deixado de estar na moda, julgadas como sentimentalismo e fraqueza, gastas e antiquadas, por quem só procura sua própria saúde, sucesso e bem-estar. No entanto, a misericórdia constitui o núcleo da mensagem bíblica. E neste tema vamos percorrer esse caminho e (re)ver nossa forma de agir.

“O bem que você faz hoje pode ser esquecido amanhã. Faça assim mesmo.

No final de contas, é tudo entre você e Deus! Nunca foi entre você e os outros”.

(Santa Madre Teresa).

Busquemos o Senhor que é bom e misericordioso para com todos e sempre está perto dos que O invocam. Disponhamo-nos a acolher o convite para trabalharmos em favor do seu Reino, receber seus dons e experimentar o amor que tem por nós, a fim de glorificarmos seu Filho com nossa vida.

Que Deus permita que nossas reuniões, baseadas no ensinamento de Jesus que determinou toda a nossa cultura ocidental, produzam em nós um coração cada vez mais compassivo, compreensivo, enfim, misericordioso. Que Nossa Senhora da Esperança nos acompanhe e nos proteja em nossa caminhada rumo à santidade.

«A VIDA É A ARTE DO ENCONTRO, EMBORA HAJA TANTO DESENCONTRO PELA VIDA».

VÍNICIUS DE MORAES

Com humildade e grande carinho

Maria Inês B. Marini-2020/21

Observação: Alguns capítulos aparecem em outros temas, mas aqui com enfoque na misericórdia, pois a misericórdia está no centro das Escrituras.

Por que este tema?

A misericórdia consiste em sair o homem de si mesmo para ir ao encontro das misérias do próximo que lhe afligem o coração.

1. Jesus Cristo ensinou que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a «ter misericórdia» para com os demais. «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia». A Igreja vê nestas palavras um apelo à ação e esforça-se por praticar a misericórdia. Se todas as bem-aventuranças do Sermão da Montanha indicam o caminho da conversão e da mudança de vida, a que se refere aos misericordiosos é particularmente eloquente a tal respeito. O homem alcança o amor misericordioso de Deus e a sua misericórdia, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, segundo o espírito de amor para com o próximo.

O fato é que «Deus, que é rico em misericórdia, movido pela imensa caridade com que nos amou, restituiu-nos à vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos pelos nossos pecados». Estes tempos críticos e difíceis leva-nos a descobrir, também, no mesmo Cristo, o rosto do Pai, que é «Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação». Por esse motivo parece agora oportuno desenvolver este tema. Sugerem-no múltiplas experiências da Igreja e do homem contemporâneo; e exigem-no também as aspirações de tantos corações humanos, os seus sofrimentos e esperanças, as suas angústias e expectativas. Se é verdade que todos e cada um dos homens, em certo sentido, são o caminho da Igreja, também é verdade que o Evangelho e toda a Tradição nos indicam constantemente que devemos percorrer com todos e com cada um dos homens este caminho, tal como Cristo o traçou, ao revelar em si mesmo o Pai e o seu amor.

Nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superado a recusa com a compaixão e a misericórdia: as da ovelha extraviada e da moeda perdida; a do pai com seus dois filhos. Nessas está o núcleo do Evangelho e da nossa fé. Também outra, quando Pedro pergunta sobre quantas vezes devemos perdoar.

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. A misericórdia é

apresentada como uma força a que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão.

Na « plenitude do tempo » (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto, segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. « Quem O vê, vê o Pai » (Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.

Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa.

Papa Francisco: “Voltam à mente aquelas palavras, cheias de significado, que São João XXIII pronunciou na abertura do Concílio para indicar a senda a seguir:

« Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade. (...) A Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio Ecumênico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados ». E, no mesmo horizonte, havia de colocar-se o Beato (agora santo) Paulo VI, que assim falou na conclusão do Concílio: « Desejamos notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade. (...) »

«Paciente e misericordioso » é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O fato de Ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas ações da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição.

Observação: Neste tema os conceitos de Misericórdia, Compaixão, Solidariedade se interpenetram, sem nenhuma rigidez ou especificidade.

2. Vamos conversar sobre a **Palavra - 1Jo 4, 7-16**

3. Comentários

O amor de Deus é concreto em nós quando nos amamos uns aos outros!

“Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4, 20).

João é o apóstolo do amor, o discípulo do amor, o evangelista do amor. Ele nos aponta o amor como o sentido pleno do nosso encontro com Deus; é ele quem traz a definição mais plena de quem é Deus.

Deus é amor! E quem ama permanece em Deus e Deus permanece nele. Veja que não existe nenhum segredo ou nenhuma fórmula mágica para as pessoas estarem na presença de Deus Pai. Nós vivemos plenamente no Senhor quando sabemos viver o amor entre nós. E nós corremos um sério perigo, um sério risco em nossa vida, porque talvez seja mais fácil amar a Deus, porque Ele é Alguém a quem não vemos, porque parece que Ele é uma pessoa que está a serviço de nós, das nossas carências, das nossas fraquezas, dos nossos gostos e assim por diante. Muitas vezes, nós queremos transformar Deus em alguém guiado por nós em vez de sermos guiados por Ele. Nós queremos que Deus faça a “nossa” vontade, satisfaça os nossos gostos e conduza a vida conforme o nosso bel-prazer e conforme as nossas necessidades.

Deus é muito bom, Ele nos ama, nos espera “abaixar a bola”, tomar consciência de quem somos, de que Ele é Deus e de que nós somos criaturas, para que a Sua Palavra, o Seu amor e o Seu Espírito Santo possam nos conduzir. A primeira coisa a refletir: não existe esta história de amar a Deus, rezar o dia inteiro, passar momentos ou noites diante do sacrário, se nós não nos comprometermos a nos amar uns aos outros!

É muito fácil amar a Deus a quem ninguém vê; sabemos que Ele existe, O amamos; mas ninguém jamais viu a Deus a não ser Jesus, que no-Lo revelou. O amor do Altíssimo é concreto em nós quando nos amamos uns aos outros!

Então se queremos que o amor de Deus seja pleno em nós, amemos nossos irmãos, porque, se amo ao Senhor, mas nutro ódio por meu próximo, por qualquer pessoa, mostro a mim mesmo que meu amor é um falso amor, é um amor enganoso e mentiroso. Um amor pleno para Deus não tem lugar para ódio.

Nós não somos obrigados a gostar de todos e a nos relacionar bem com todos, porque existem pessoas que passam por nossas vidas e deixam marcas negativas. Nós podemos até não gostar deste ou daquele, mas não podemos odiar ninguém. Onde cresce o ódio desaparece o amor de Deus! Que nós sejamos curados de todas as marcas que o ódio possa ter deixado em nosso coração!

4. Troca de ideias. a) Você sente que Deus é misericordioso com você? b) Qual a diferença entre compaixão e atitude caritativa? c) Você consegue ser também misericordioso?

5. Oração. Vivo debruçada, Senhor, sobre as minhas dificuldades, absorvida pelos sofrimentos da família, buscando solução no plano imediato! Senhor, que eu possa levantar meus olhos do meu mundinho e curar as feridas do meu próximo, porque estarei assim curando as feridas de meu próprio coração. Amém.

6. Oração espontânea.

7. Intenções.

8. «DEUS, RICO EM MISERICÓRDIA»

Enquanto as várias correntes do pensamento humano, do passado e do presente, têm sido e continuam a ser marcadas pela tendência para separar a até mesmo para contrapor o teocentrismo e o antropocentrismo, a Igreja, seguindo a Cristo, procura, ao contrário, uni-los conjuntamente na história do homem, de maneira orgânica e profunda. Este é um dos princípios fundamentais, e talvez o mais importante, do magistério do último Concílio.

Em Cristo e por Cristo, Deus, com a sua misericórdia, torna-se também particularmente visível; isto é, põe-se em evidência o atributo da divindade, que já o Antigo Testamento, servindo-se de diversos conceitos e termos, tinha chamado «misericórdia». Cristo confere a toda a tradição do Antigo Testamento, quanto à misericórdia divina, sentido definitivo. Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas sobretudo Ele próprio encarna-a e personifica-a. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia. Para quem a vê n'Ele — e n'Ele a encontra — Deus, embora invisível, torna-se particularmente «visível» como Pai «rico em misericórdia».

A mentalidade contemporânea, talvez mais do que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica, nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou. Tal domínio sobre a terra, entendido por vezes unilateral e superficialmente, parece não deixar espaço para a misericórdia.

A situação do mundo contemporâneo não só manifesta transformações que fazem esperar um futuro melhor do homem sobre a terra, mas apresenta também múltiplas ameaças, que ultrapassam largamente as conhecidas até agora. Quem poderia imaginar viver uma pandemia do coronavírus?

A verdade revelada por Cristo a respeito de Deus «Pai das misericórdias» permite-nos «vê-IO» particularmente próximo do homem, sobretudo quando este sofre, quando é ameaçado no próprio coração da sua existência e da sua dignidade. Por este motivo, na atual situação da Igreja e do mundo, muitos homens e muitos ambientes, guiados por vivo sentido de fé, voltam-se quase espontaneamente, por assim dizer, para a misericórdia de Deus. São impelidos a fazê-lo certamente pelo próprio Cristo, o qual,

mediante o seu Espírito, continua operante no íntimo dos corações humanos. O mistério de Deus «Pai das misericórdias» revelado por Cristo torna-se, no contexto das hodiernas ameaças contra o homem, como que um singular apelo dirigido à Igreja.

Religião sem caridade vira uma coisa monstruosa. Jesus recordou um ensinamento escrito no Profeta Oséias, no Antigo Testamento “Quero a misericórdia e não o sacrifício”. Quando você ouvir essa palavra “sacrifício” na Bíblia, lembre-se que ela se refere aos sacrifícios de animais que se faziam no Templo de Jerusalém (bois, carneiros, aves). O sacrifício é uma forma de culto muito comum nas religiões tradicionais. Então, Deus está dizendo nesta palavra do profeta que prefere a misericórdia ao sacrifício de animais. O verdadeiro culto é o da misericórdia, do amor, da caridade para com o próximo.

A revelação e a fé ensinam-nos, efetivamente, não tanto a meditar de modo abstrato sobre o mistério de Deus, «Pai das misericórdias», quanto a recorrer a esta mesma misericórdia em nome de Cristo e em união com Ele. Cristo não disse, porventura, que o nosso Pai, Aquele que «vê o que é secreto», está continuamente à espera, por assim dizer, de que nós, apelando para Ele em todas as necessidades, perscrutemos cada vez mais o seu mistério: o mistério do Pai e do seu amor?

9. Mensagem

— Vovó, como se enfrenta a dor?

— Com as mãos, minha querida. Se você a enfrentar com a mente, em vez da dor se suavizar, ela endurece ainda mais.

— Com as mãos, vovó?

— Sim. Nossas mãos são as antenas da nossa alma. Se você as movimenta costurando, cozinhando, pintando, tocando ou afundando-as na terra, você envia sinais de cuidado para a parte mais profunda de si mesma. E tua alma se ilumina porque você lhe está dando atenção. Assim, ela não precisa mais lhe enviar a dor para ser notada.

— As mãos são realmente tão importantes assim?

— Sim, minha pequena. Pense nos recém-nascidos: eles começam a conhecer o mundo graças ao toque de suas mãozinhas. Se você olhar, verá que as mãos dos velhos contam mais sobre a vida deles do que qualquer outra parte do corpo. Diz-se que tudo o que é feito com mão é feito com o coração. Porque é realmente assim: as mãos e o coração estão conectados. Os fisioterapeutas sabem muito bem disso: quando tocam o corpo de outra pessoa com as mãos, criam uma conexão profunda. É precisamente a partir dessa conexão que vem a cura. Pense nos apaixonados: quando suas mãos se tocam, fazem amor da maneira mais sublime que existe.

— As minhas mãos, vovó ... há quanto tempo não as uso assim!

— Movimente-as, minha querida, comece a criar com elas e tudo dentro de você mudará também. A dor não passará. Mas vai se transformar na mais bela obra-prima. E não vai doer mais. Porque a partir dela, você poderá bordar a tua essência. (Elena Bernabè)

10. Vamos cantar? Aleluia. (não deixem de cantar, ou pelo menos, ouvir)

<https://youtu.be/MiZ2N7rP2CA>

Pai, eu quero te amar/ Tocar o teu coração/
E me derramar aos teus pés/
Mais perto eu quero estar, Senhor
E Te adorar com tudo que eu sou
E a Ti render glória e aleluia

Aleluia, aleluia, aleluia, alelu-uuu-ia

Quando lutas vierem me derrubar /
Firmado em Ti eu estarei/ Pois tu és o meu refúgio, oh Deus/
E não importa onde estiver/ No vale ou no monte adorarei
A Ti eu canto glória e aleluia

Aleluia, aleluia, aleluia, alelu-uuu-ia

Senhor, eu preciso do teu olhar/
Ouvir as batidas do teu coração/
Me esconder nos teus braços, oh Pai/
Toda minha alma deseja a Ti /
Junto com os anjos cantarei
Tu és santo, Tu és exaltado,

Aleluia, aleluia, aleluia, alelu-uuu-ia

11. Observações para a coordenadora

1- As partes intituladas Apoio, Iluminando, Alargando, etc., podem ser lidas em casa e conversadas na reunião. Ou fazer tudo na reunião. Combine o que é melhor para o grupo.

2- Em todos os capítulos falaremos sobre os santos. A biografia do santo deve ser contada dentro do encontro em que ela se insere. Por esse motivo, a coordenadora já designa de **antemão** a encarregada. Todas terão oportunidade. Neste sentido, aqui neste capítulo não está pedida a biografia porque se está começando o tema.

3- A música tem uma função muito importante na saúde física, emocional, mental, espiritual. Ouvir boa música é um bem imenso. Há tanta beleza musical no mundo em canções que estão arquivadas, esquecidas e mesmo desconhecidas. Vai aqui uma dica: repare na simplicidade da música, na beleza da interpretação, na harmonia, na mensagem da letra... Uma expressão da Beleza... Em coisas simples... luz do mistério da vida.

As músicas sugeridas são pelo Youtube, mas pode ser pela pelo app que quiser. Só tenha o cuidado de deixá-la preparada para ser tocada. Se for desconhecida, leve a letra. (Pular anúncios, que geralmente tem). Ou escolha qualquer outra música que se adapte ao tema, à sua escolha.

4- Não tenha pressa para esgotar o capítulo no encontro. Temos muito tempo. Continue no próximo se necessário. Importante é não ser muito longo o encontro e **jamais** deixar de fazer a coparticipação da vida e a troca de ideias.

5- Na medida do possível, seguir o Roteiro proposto pelo Movimento. Está no início deste tema.

A Misericórdia no Antigo Testamento

1. Muito difundida a ideia de que Deus do Antigo Testamento é irado e vingativo, enquanto no Novo Testamento é bom e misericordioso. Existem mesmo muitas passagens que comprovam essa opinião. Vamos conversar sobre isso.

Na Bíblia, o coração não designa unicamente um órgão de importância vital; do ponto de vista antropológico; designa o centro da pessoa, a sede dos sentimentos e do julgamento. Por isso a misericórdia não é vista como debilidade ou brandura não varonil, indigna de um verdadeiro herói.

De acordo com a Sagrada Escritura, a pessoa necessita manifestar os seus sentimentos, a sua consternação, o seu enternecimento, a sua alegria, a sua tristeza; também pode se queixar a Deus e não tem de se envergonhar de suas lágrimas.

A Bíblia dá um passo além e fala teologicamente também do coração de Deus: 1 Sm13; Jr 3; At 13. Fala do coração divino que se entristece pelo ser humano e pelos seus pecados (Gn 6) e diz que Deus pastoreia o seu povo de coração íntegro (Sl 78).

Mais exemplos:

“Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade para aqueles que guardam Seus preceitos e Seus testemunhos. Salmo 25:10.

Mas Tu, ó Senhor, és um Deus cheio de compaixão e gracioso, longânimo e abundante em misericórdia e verdade. Salmo 86:15.

Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante de Ti. Salmo 89:14.

O Senhor é clemente e cheio de compaixão, tardio em irar-se e grande em misericórdia. O Senhor é bom para todos e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras. Salmo 145:8-9.

Através das misericórdias do Senhor não somos consumidos, porque suas compaixões não falham. Eles são novos todas as manhãs; Grande é a tua fidelidade. Lamentações” 3:22-23.

A Ele se dirige David, consciente da gravidade da sua culpa (2Sm 11).

A Ele se dirige Jó, depois das suas rebeliões, ao encontrar-se na sua tremenda desventura.

Dirige-se ao Senhor também Ester, consciente da ameaça mortal, iminente, contra o seu povo (Est 4).

O ponto principal encontra-se no profeta Oseias que afirma que o coração de Deus estremece e que se Lhe comovem as entranhas (Os 13).

2. Leitura do Salmo 136 - Eterna é sua misericórdia

3. Comentários

O termo mais importante para a compreensão da misericórdia é *hesed*, que significa favor imerecido, afabilidade, benevolência e, portanto, a graça e a misericórdia divina. Embora o homem que foi infiel a Deus merecesse o mais justo castigo, recebe dEle acolhimento e perdão.

Antes da Paixão, Jesus rezou ao Pai com este salmo da Misericórdia, fato esse que o torna, para nós cristãos, ainda mais importante e compromete-nos a assumir o refrão na nossa oração de louvor diária: “eterna é a sua misericórdia”.

O conceito de «misericórdia» no Antigo Testamento tem longa e rica história. Devemos remontar a essa história para fazer resplandecer mais plenamente a misericórdia que Cristo revelou.

Israel foi o povo da aliança com Deus, aliança que muitas vezes violou. Quando tomava consciência da própria infidelidade, apelava para a misericórdia. E ao longo da história de Israel não faltaram Profetas e outros homens que despertavam tal consciência. A este propósito, os Livros do Antigo Testamento apresentam-nos numerosos testemunhos. Entre os fatos e os textos mais salientes, podemos recordar: o início da história dos Juízes, a oração de Salomão ao ser inaugurado o Templo, uma parte das intervenções proféticas de Miqueias, as consoladoras garantias oferecidas por Isaías, a súplica dos hebreus exilados e a renovação da Aliança depois do regresso do exílio.

É significativo o fato de os Profetas na sua pregação apresentarem a misericórdia, a qual muitas vezes se referem por causa dos pecados do povo, em ligação com a incisiva imagem do amor da parte de Deus. O Senhor ama Israel com amor de singular eleição, semelhante ao amor de um esposo; e por isso perdoa as suas culpas e até as infidelidades e traições. Ao encontrar-se perante a penitência, a conversão autêntica do povo, restabelece-o novamente na graça. Na pregação dos Profetas, a misericórdia significa a especial força do amor, que prevalece sobre o pecado e sobre a infidelidade do povo eleito.

O Senhor revelou a sua misericórdia tanto nas obras como nas palavras, desde os primórdios do povo que escolheu para si. Mesmo quando o Senhor, exasperado pela infidelidade do seu povo, decide acabar com ele, são ainda a compaixão e o amor generoso para com os seus que O levam a sustentar a sua indignação. E então, torna-se fácil compreender a razão pela qual os Salmistas, ao quererem cantar ao Senhor os mais sublimes louvores, entoarão hinos ao Deus do amor, da compaixão, da misericórdia e da fidelidade.

O Antigo Testamento encoraja os homens desventurados, sobretudo os que estão oprimidos pelo pecado — como também todo o povo de Israel, que tinha aderido à Aliança com Deus — a fazerem apelo à misericórdia e permite-lhes contar com ela. Recorda-a nos tempos de queda e de desalento. Em seguida, dá graças e glória a Deus pela misericórdia, todas as vezes que ela se tenha manifestado e realizado, tanto na vida do povo como na das pessoas individualmente.

4. Troca de ideias. a) Conversemos sobre esta afirmação: “Onde quer que se perca a compaixão, a clemência, o perdão mútuo, o altruísmo recíproco, proliferam o egoísmo, a indiferença em relação ao próximo e as relações pessoais limitam-se a ser um processo de intercâmbio econômico, pondo em risco o caráter humano da cultura e da sociedade”. b) Que Deus lhe foi ensinado na catequese? Com que idade fez a 1ª comunhão? c) “Quando eu **era criança, falava como criança**, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança.” (1 Cor 13, 11). Continuamos criança na fé e nas atitudes?

5. Oração. Senhor Jesus, coloca em meu coração o desejo de seguir leis verdadeiramente cheias do Teu amor e da Tua misericórdia para ser mais capaz de respeitar o ser humano em sua essência. Não obstante todas as minhas fragilidades, ensina-me a dignificar o ser humano. Ajuda-me a ser mais afável, acolhedor e cheio de misericórdia em meus relacionamentos interpessoais. Faz com que nenhuma de minhas atitudes me leve a desmerecer ou excluir o ser humano, que criaste à Tua imagem e semelhança. Que eu deixe, Senhor, de ter uma fé imatura e cresça em Seu Amor. Amém

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Recapitulando. A mensagem da misericórdia divina atravessa todo o Antigo testamento.

a- Já no livro do Eclesiástico tinha-se apresentado o sábio como a pessoa que é capaz de perdoar as ofensas e ter compaixão pelos seus semelhantes: *“Perdoe a injustiça que o seu próximo cometeu e, quando você pedir, Deus também perdoará os pecados que você tiver cometido”* (Eclo 28,2).

b- Como se diz: “Guardar ressentimento é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra” (autor desconhecido).

c- “Perdoa a injustiça cometida por teu próximo: assim, quando orares, teus pecados serão perdoados” (Eclo 28,2). Se nós necessitamos ser perdoados por Deus é porque somos falhos. Aliás, se o próprio Jesus colocou na oração do Pai nosso o pedido de perdão – “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6,12) – lembrando que é nessa mesma oração que pedimos ao Pai “o

pão nosso de cada dia”, isso significa que o perdão é algo que deve fazer parte do nosso cotidiano. Diariamente nós podemos cometer algum erro, assim como diariamente alguém pode “pisar na bola” conosco. Daí a necessidade diária do perdão.

d- Ainda a respeito do perdão, o Eclesiástico nos aconselha: “Lembra-te do teu fim e deixa de odiar” (Eclo 28,6). Nossa vida terrena é muito curta para ser estragada pelo ressentimento da raiva, da mágoa ou do ódio. Essa importância exagerada que damos à ferida que o outro abriu em nós é totalmente desproporcional à duração da nossa vida neste mundo. A vida é curta demais para vivermos em função de mágoas em relação ao passado. Por isso, o melhor que temos a fazer é perdoar, para que nossa vida volte a fluir, para que possamos dormir melhor e termos saúde física, psíquica e espiritual Deus apazigua, uma ou outra vez, a sua justa e santa ira e, apesar da infidelidade do seu povo, mostra-Se misericordioso com ele, concedendo-lhe uma nova oportunidade para se converter. Deus é protetor e guarda dos pobres e carentes de direitos. Sobretudo os salmos são a prova que refuta concludentemente a reiterada afirmação de que o Deus do AT é um Deus zeloso, vingativo e irado; antes, pelo contrário, desde o Livro do Êxodo aos Salmos, o Deus do AT é “clemente, compassivo, paciente e misericordioso”.

e- A escala do amor tem muitos degraus, e o mandamento de Jesus pede para crescermos sempre mais neste amor. Do simples evitar o egoísmo, a pedagogia de Deus nos conduz a sermos capazes de doar a vida pelo outro. A que ponto da escada do amor você está?

f- Olhe para sua comunidade paroquial: é uma comunidade que vive o amor? Onde falta o amor, segundo você? O que você poderia fazer mais para ajudar o amor crescer na sua comunidade?

9. Iluminando e Cantando - Salmo Responsorial: 102(103)

<https://youtu.be/eByFuU638G4>

R: O Senhor é bondoso, compassivo e carinhoso.

1. Bendize, ó minha alma, ao Senhor, / e todo o meu ser, seu santo nome! / Bendize, ó minha alma, ao Senhor, / não te esqueças de nenhum de seus favores! – **R.**

2. Pois ele te perdoa toda culpa / e cura toda a tua enfermidade; / da sepultura ele salva a tua vida / e te cerca de carinho e compaixão. – **R.**

3. Não fica sempre repetindo as suas queixas / nem guarda eternamente o seu rancor. / Não nos trata como exigem nossas faltas / nem nos pune em proporção às nossas culpas. – **R.**

4. Quanto os céus por sobre a terra se elevam, / tanto é grande o seu amor aos que o temem; / quanto dista a nascente do poente, / tanto afasta para longe nossos crimes. - **R.**

10. Procure a Vida de **São Mateus** e conte-a no encontro.

Cego quem não quer ver

1. Que possamos, ao longo de nossa existência, aprender a usar a misericórdia pois Jesus nos ajuda a passar pelas etapas de conversão diária:
 - b- Não julgueis e não sereis julgados.
 - c- Não condeneis e não sereis condenados.
 - d- Perdoai e sereis perdoados.
 - e- Dar e ser-vos-á dado.
 - f- A medida que usardes com os outros será usada com você.

2. Conversando sobre a **Palavra - João 9, 1-17**

3. Comentários.

“Se fôsseis cegos, não teríeis culpa; mas como dizeis: ‘Nós vemos’, o vosso pecado permanece” (Jo 9,41). Existe um “não poder” ver, um “não conseguir” enxergar; mas também existe um “não querer” enxergar, um “não admitir” a verdade a respeito daquilo que a vida está tentando nos fazer ver há tempos. Existe uma cegueira que é proposital em nós: preferimos não ver para não nos comprometer. Essa cegueira é praticamente impossível de ser curada, porque não se trata de não poder, mas de não querer ver. Este relato da cura de um cego de nascença nos revela que a cura da nossa cegueira começa pela correção da visão distorcida que temos em relação ao sofrimento, interpretando que quando Deus permite que uma pessoa sofra, é porque ela pecou. Na época de Jesus, havia uma mentalidade que afirmava que era possível a uma criança pecar antes de nascer, quando ainda estava no ventre de sua mãe. Jesus corrige essa visão distorcida, ao dizer: “Nem ele, nem seus pais pecaram” (Jo 9,3). Ao fazer barro e colocar sobre os olhos do cego, Jesus nos diz que a cura da nossa cegueira começa quando aceitamos mudar a nossa maneira de ver as coisas, quando aceitamos nos colocar como barro nas mãos de Deus, nosso Oleiro, que pode nos fazer enxergar além das aparências: “O homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração” (1Sm 16,9). A pandemia do coronavírus foi um barro colocado sobre os olhos, olhos habituados a ver somente aquilo que lhes interessa e lhes oferece alguma vantagem; olhos que agora precisam enxergar e admitir a verdade de que somos todos iguais e todos mortais.

O Evangelho nos fala de visões que se chocam: de um lado, os fariseus, que veem Jesus como “um homem que não vem de Deus, porque não guarda o sábado” (Jo 9,16), e os judeus, que veem Jesus como “um pecador” (Jo 9,24); de outro, o homem

que era cego e que vê Jesus como “um profeta” (Jo 9,17), como “um homem que veio de Deus” (Jo 9,33).

4. Troca de ideias. a) Qual visão nós temos a respeito de Deus, de Jesus, da Igreja, da política etc.? b) Quantas pessoas estão cegas pelo fanatismo e pela ignorância. Exemplo? c) Quantas pessoas são doutrinadas por líderes políticos ou religiosos, por pseudos-filósofos, por youtubers, mídias sociais que você conhece?

5. Oração. Senhor Jesus, minha visão a respeito da vida algumas vezes é estreita e superficial. Amplia, Senhor, a minha capacidade de ver, de enxergar e de compreender as coisas! Senhor, eu quero aprender a ver em profundidade. Lava meus olhos nas águas da tua Verdade, para que eu veja o que preciso ver, em vista do meu bem, do meu crescimento e em vista da minha colaboração para que outras pessoas deixem de serem guiadas por outros que têm uma visão distorcida e mal intencionada. Ajuda-me a ver, Senhor, para além das aparências. Ilumina-me com a tua Luz, para que eu caminhe na vida como filho(a) da luz, vivendo segundo a bondade, a justiça e a verdade. Amém!

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Reflexão. Uma das coisas que nos ajuda a enxergar, a ampliar nossa visão a respeito da vida, é a leitura. Apesar de a geração nova não gostar de ler, a quarentena imposta pelo coronavírus foi uma grande oportunidade de fazermos leituras que ampliem e aprofundem nossa visão a respeito de nós mesmos e da vida. Nossa maior riqueza é o conhecimento que nos transforma.

O conflito entre os judeus e o homem que era cego fez com que este fosse expulso da comunidade religiosa (Jo 9,34). Quando começamos a enxergar melhor as coisas, passamos a enfrentar conflitos com pessoas que até então nos impunham a sua maneira de ver. Mas existem certos rompimentos que são necessários e que, embora nos causem sofrimento no momento, acabam nos fazendo bem. Quando começamos a ver com um pouco mais de profundidade, entendemos que precisamos nos afastar de pessoas e de hábitos que são nocivos, que nos adoecem, por nos oferecerem uma visão distorcida da realidade. Assim como Jesus conversou com o homem que havia sido expulso da comunidade, ele nos pergunta se estamos dispostos a continuar aprofundando a nossa visão, compreendendo melhor a nós mesmos, os outros e a própria vida. Jesus nos convida a aceitar o desafio de permitir que certos acontecimentos quebrem com a imagem que temos de Deus, uma imagem distorcida, incorreta, que precisa ser reformulada porque não está sendo suficiente para sustentar a nossa fé frente aos acontecimentos do mundo atual. Jesus afirmou que a verdade do seu Evangelho provoca uma reviravolta, fazendo com que “os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos” (Jo 9,39). Os fariseus, que se julgavam ter uma visão esclarecida a respeito de tudo, não aceitam enxergar Jesus como salvador, coisa que o cego de nascença enxergou não somente com seus olhos físicos, mas também com os olhos da sua fé.

Desse modo, um relato que começou acusando um cego de nascença de ser pecador terminou revelando que o pecado não consiste em ter nascido cego (Jo 9,2-3), mas em insistir em não ver, em não querer enxergar (Jo 9,40-41). Concluindo nossa reflexão, o Evangelho de hoje deixa claro que a cegueira física não é consequência do pecado. Já a cegueira da falta de fé é consequência de um pecado de obstinação e, portanto, não pode ser curada. Desse modo, precisamos tomar para nós a pergunta dos fariseus: "Porventura também nós somos cegos?" (Jo 9,40). Nós também somos pessoas obstinadas em nossa visão estreita e, muitas vezes, míope a respeito da realidade? Até que ponto nós queremos ver? Até que ponto queremos viver como filhos da luz, guiando-nos na vida pela bondade, pela justiça e pela verdade? (Ef 5,8-9). Jesus hoje toca em nossos olhos e nos convida a nos lavar, a mergulhar nas águas da Sua verdade para que possamos começar a ver, a enxergar com outros olhos a nós mesmos, aos outros e a realidade à nossa volta. E é aqui que entra a nossa solidariedade, a nossa compreensão, a nossa misericórdia.

Adaptado da homilia de Pe. Paulo Cezar Mazzi

Os homens limitam-se a ler a superfície enquanto Deus vê o íntimo. Que grande mal fazem as palavras quando são movidas por sentimentos de ciúme, inveja, incompreensão, cegueira! Falar mal do irmão, na sua ausência, equivale a deixá-lo mal visto, a comprometer a sua reputação. Não julgar e nem condenar significa, positivamente, saber individuar o que há de bom em cada pessoa e não permitir que venha a sofrer pelo nosso juízo parcial e a nossa pretensão de saber tudo, de ser sempre os certinhos. Isto ainda não é suficiente para ser misericordioso. Jesus também pede para perdoar e dar-se. Ser instrumentos do perdão porque Deus assim o faz conosco diariamente.

9. Historinha

Um professor trouxe balões e deu um a cada aluno no salão. Ordenou que escrevessem seus nomes, deixou-os no chão e tirou os alunos da sala.

Depois os alunos entraram e disse-lhes: "Vocês têm 5 minutos para encontrarem os balões com os seus próprios nomes".

Enquanto cada um procurava o seu nome acabaram os 5 minutos.

Ninguém conseguiu encontrar o seu em cinco minutos.

Mais tarde repetiu a experiência, mas disse-lhes: "Agora cada um pegue qualquer balão e entregue-o ao dono".

Em um minuto todos os alunos tinham seus próprios balões!!

Disse o professor: " Os balões são a felicidade. Ninguém vai encontrá-la procurando a sua própria sem se importar com a de mais ninguém. Temos que dar aos outros para recebê-la!"

10. Iluminando

Há histórias que nos transmitem melhor que um armário de conceitos a força reparadora que buscamos. Esta é contada pelo escritor judeu, prémio Nobel da Paz, Elie Wiesel. Na infância esteve prisioneiro em Auschwitz na companhia dos pais, irmãos, amigos e só ele sobreviveu. Podemos imaginar até que ponto se sentia espoliado! A partir de 1945, quando a guerra acaba, passa anos em que o único objetivo da vida era procurar uma impossível justiça para o irreparável. «Como foi possível tamanho horror?... Como foi possível?» E a sua vida era isto. Cada dia adormecia e acordava num inferno. Não conseguia encontrar a sua alma. Até que foi falar com um rabino. E o rabino disse-lhe: «Meu filho, enquanto tu não perdoares, continuarás prisioneiro em Auschwitz». E esta palavra redimensionou o seu coração para sempre”, porque começou a ver, deixando de ser cego para a outra realidade que estava vivendo. (José Tolentino Mendonça, in "Pai-nosso que estais na Terra")

11. Mensagem

ENCORAJAR E DAR ESPERANÇA A QUEM PASSA POR DIFICULDADES.

O incentivo de um amigo conforta o coração de quem está em dificuldade.

O apoio da família é fundamental para quem se sente fragilizado.

Diante de qualquer desafio, a solidariedade das pessoas mais próximas dá coragem e esperança para seguir em frente e superar com mais facilidade as barreiras ou resistir às provas mais duras da vida.

A presença, a escuta, uma visita pessoal, um telefonema e todas as atitudes que demonstram apoio incondicional: é o que espera uma pessoa que necessita de ajuda.

Podemos agir de modo prático oferecendo-nos para substituí-la em alguma de suas tarefas diárias, por exemplo. Ou sugerindo uma solução imediata que pode ser adotada com nossa ajuda.

O encorajamento recíproco nos dá entusiasmo e esperança com equilíbrio, quando é fruto da vivência do Mandamento Novo de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” (Jo 13,34) (Apolônio Carvalho Nascimento)

12. Vamos cantar? Música: São Paulo. Voz: Sílvio Brito

<https://youtu.be/-WFFC7PZyn0> - São Paulo (Francisco e Clara)

Eu era cego, não enxergava.
Eu perseguia quem me amava.
Mas sua luz me iluminou
Hoje sou Paulo Apóstolo sou.

Loucura da cruz (Loucura da cruz)
Loucura de amor (Loucura de amor)
Loucura de tudo por causa de Nosso Senhor
Loucura da cruz (Loucura da cruz)
Loucura de amor (Loucura de amor)
Loucura de tudo por causa de Nosso Senhor (continua)

13. A pessoa designada agora deve contar a vida de **São Paulo e sua conversão.**

A tempestade

***Abraçar o Senhor para abraçar a esperança:* esta é a mensagem do Papa Francisco aos fiéis de todo o mundo que, naquele momento, se encontravam em meio à tempestade causada pela pandemia do coronavírus. (27/3/2020)**

1. Diante de uma Praça São Pedro completamente vazia, mas em sintonia com milhões de pessoas através dos meios de comunicação, o trecho escolhido para a oração dos fiéis foi a tempestade acalmada por Jesus.

2. Leitura da Palavra: Marcos, 4, 35-40

3. Comentários

Papa Francisco na celebração extraordinária de oração pela pandemia da Covid-19 (trechos)

Ao entardecer...» (Mc 4, 35): assim começa o Evangelho. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos, todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «vamos perecer» (Mc 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar na estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez no Evangelho que vemos Jesus a dormir). Acordam-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os

discípulos em tom de censura: «Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» (4, 40).

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer n'Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (4, 38) Não Te importas: pensam que Jesus Se tenha se desinteressado deles, não cuide deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: «Não te importas comigo». É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais conosco do que Ele. De fato, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de «empacotar» e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiar com hábitos aparentemente «salvadores», incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades.

Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso «eu» sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela abençoada pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

«Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: «Acorda, Senhor!»

4. Troca de ideias. Há muito o que conversar. a) Onde entra a misericórdia aqui? b) Como usar ou como a usamos no tempo da pandemia? c) Conte um caso exemplar de misericórdia havido nessa época.

5. Oração. Concede-me o dom do discernimento, a graça de separar o que tem valor e o que não tem, de modo que eu dê prioridade somente àquilo que conformará minha vida à Tua vontade. Desse modo, eu experimentarei a cada dia a alegria de que verdadeiramente Tu fazes com que todas as coisas que me acontecem sirvam para o

meu bem e para a minha salvação, segundo o Teu projeto de amor para comigo. Em nome de Jesus, na graça do Espírito Santo. Amém!

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Aprofundando

O Senhor nos dirige um apelo, um apelo à fé. Nos chama a viver este tempo de provação como um tempo de decisão: o tempo de escolher o que conta e o que passa, de separar aquilo que é necessário daquilo que não é. “O tempo de reajustar a rota da vida rumo ao Senhor e aos outros.”

Francisco cita o exemplo de pessoas que doaram a sua vida e estão escrevendo hoje os momentos decisivos da nossa história. Não são pessoas famosas, mas são “médicos, enfermeiros, funcionários de supermercados, pessoal da limpeza, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho”.

“É diante do sofrimento que se mede o verdadeiro desenvolvimento dos nossos povos”, afirmou o Papa, que recordou que a oração e o serviço silencioso são as nossas “armas vencedoras”.

A tempestade nos mostra que não somos autossuficientes, que sozinhos afundamos. Por isso, devemos convidar Jesus a embarcar em nossas vidas. Com Ele a bordo, não naufragamos, porque esta é a força de Deus: transformar em bem tudo o que nos acontece, inclusive as coisas negativas. Com Deus, a vida jamais morre.

Em meio à tempestade, o Senhor nos interpela e pede que nos despertemos. “Temos uma âncora: na sua cruz fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor.”

Abraçar a sua cruz, explicou o Papa, significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e posse, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. “Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança.” Aqui está a força da fé e que liberta do medo. Francisco então concluiu:

“Deste lugar que atesta a fé rochosa de Pedro, gostaria nesta tarde de confiar a todos ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, saúde do seu povo, estrela do mar em tempestade. Desta colunata que abraça Roma e o mundo, desça sobre vocês, como um abraço consolador, a bênção de Deus.”

9. Exemplificando

São Maximiliano Maria Kolbe (1894-1941)

O caso de Kolbe é praticamente arquetípico para o caminho da oferta da vida. O padre polonês, franciscano conventual, morreu como prisioneiro do campo de concentração nazista de Auschwitz depois de se oferecer voluntariamente para ir para a câmara de inanição – onde os condenados eram deixados para morrer de fome – no lugar de outro preso.

Uma integrante se encarregue de saber mais sobre ele para partilhar na reunião.

10. Vamos Cantar? “Há um barco esquecido na praia”

<https://youtu.be/JqmT4N22vAU>

O Pai misericordioso

1. Esta parábola é sobejamente conhecida e aparece em vários temas da CNSE, mas, por ser símbolo do perdão, não poderia deixar de figurar aqui. No entanto vamos refletir primordialmente sobre o **pai**. Para muitos estudiosos, essa passagem do Evangelho é um dos momentos mais profundos e dinâmicos dos ensinamentos de Jesus. O chamado que este tema nos faz é para nos convertemos no pai que ama, perdoa, acolhe e devolve a dignidade perdida.

Somos a semelhança de Deus na Terra e nos é pedido que sejamos santos como nosso Pai é santo. Essa santificação só se consegue amando e praticando a misericórdia, através de um coração convertido.

Peçamos ao Espírito Santo que abra nossos corações e nossas mentes para que possamos tomar decisões para sermos cada vez mais amorosos.

2. Conversando sobre a **Palavra - Lc 15, 11-24**

3. Comentários

Pode parecer estranho, mas Deus deseja tanto me encontrar até mais do que eu. Deus não é o patriarca que fica em casa e, carrancudo, exige pedidos de desculpas e promessas de não mais errar. Ao contrário, deixa a casa e, não levando em conta a dignidade (era feio e indigno correr), corre ao encontro do filho, ignorando desculpas ou erros e o traz à mesa bastante farta que o espera. Estava impaciente!

A comemoração faz parte do reino de Deus, que não só oferece perdão, reconciliação e cura e muita alegria: “Alegrai-vos comigo, este meu filho estava perdido e foi encontrado”.

Esta parábola é uma história que fala de um amor que existiu antes que qualquer rejeição fosse possível. A vida toda de Jesus e sua pregação tiveram somente um objetivo: revelar o amor do Pai, inextinguível, ilimitado, maternal e paternal e mostrar o caminho para que este amor guie todas as frações de nossas vidas diárias.

“Eu posso aceitar que valha a pena que eu seja procurado? Eu, particularmente, tenho de aprender a me apoderar de toda a verdadeira alegria que há e ficar feliz com os irmãos que voltaram a casa. Esta é a verdadeira disciplina. Exige escolher a luz mesmo quando há muito escuridão me assustando. A recompensa por escolher a alegria é a alegria mesmo”. (Nowen)

Do ponto de vista de Deus, um silencioso ato de arrependimento, um pequeno gesto de amor desinteressado, um momento de verdadeiro perdão é tudo o que é preciso para que Deus corra feliz ao nosso encontro.

Se Deus perdoa os pecadores, certamente os que têm fé devem fazer o mesmo. Se Deus é misericordioso, então, com certeza, aqueles que O amam devem fazer o mesmo.

4. Troca de ideias. a) Conseguimos dar liberdade a nossos filhos mais velhos ou nos “intrometemos” na vida deles? b) Qual nossa primeira atitude ou pensamento quando pressentimos que o filho vai errar na decisão? c) Nossos filhos costumam nos ver como maternos e teriam a coragem de nos pedir perdão? d) Sabemos acolher os que erram? Conhecem histórias de mães que cuidam com amor do filho drogado ou alcoólatra? e) Sabemos também elogiar?

5. Oração. Senhor, eu quero ser compassivo como Vós. Tenho de deixar meu rebelde e imaturo filho mais novo e o meu ressentido e invejosos filho mais velho que vivem dentro de mim aprenderem de Vós o amor incondicional, misericordioso, espontâneo e, com alegria, sentir pena dos que me machucaram e se afastaram de Vós. E ainda os abençoar Amém!

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Refletindo

Posso ver três caminhos para chegar a esta compassiva espiritualidade paternal.

1. Pesar

Requer permitir que os pecados do mundo, inclusive os meus, firam o meu coração e me façam derramar lágrimas por eles. Não precisa ser lágrimas dos olhos, as que brotam do coração são valiosas.

“Olha, minha alma, como um ser humano pode causar tanto sofrimento a outro; olha para aquelas pessoas tramando fazer o mal a seus companheiros; olha para aqueles pais hostilizando os filhos; olha para aquelas mulheres violentadas e submissas; para as crianças abandonadas. Olha, minha alma, os asilos, os hospitais e o lamento dos pobres.”

Se não tenho um coração pesaroso, não desenvolvo a misericórdia.

2. Perdão

É através do perdão constante que nos tornamos como o Pai. Perdoar de coração é muito, muito difícil.” Quando teu irmão pecar contra ti perdoa setenta vezes sete”.

Quando perdoo, quero ouvir que eu estava certo; queria ouvir explicações; quero ter a satisfação de receber elogios pela minha atitude; quero manter meu orgulho ferido e manter o controle. Não é esse o perdão de Deus.

3. Generosidade

Na parábola, o pai dá a seu filho não só o que pede, mas também o cumula de presentes. E não reserva nada a si mesmo. Oferece mais do que seria razoável esperar de quem foi ofendido.

Temos interesse, amor-próprio exacerbado, sede de poder, ganância e muito orgulho. Por que daria eu energia, tempo e dinheiro e atenção a quem me ofendeu? Também devo me doar ao próximo e é um exercício, porque é algo que não ocorre espontaneamente.

Ambos os filhos, o pródigo e o mais velho, podem gradativamente e com disciplina, ser transformados no pai misericordioso. Que alegria maior tem um pai quando pode alegremente abraçar um filho que estava perdido?

A alegria é um movimento natural de quem tem e recebe amor. É a tônica da vida cristã.

9. Iluminando

1 - Para seu filho, jovem pai.

Escute, filho: enquanto falo isso, você está deitado, dormindo, uma mãozinha enfiada debaixo do seu rosto, os cachinhos louros molhados de suor grudados na fronte. Entrei sozinho e sorratamente no seu quarto. Há poucos minutos atrás, enquanto eu estava sentado lendo meu jornal, fui assaltado por uma onda sufocante de remorso. E, sentindo-me culpado, vim para ficar ao lado de sua cama.

Andei pensando em algumas coisas, filho: tenho sido intransigente com você. Na hora em que se trocava para ir à escola, ralhei com você por não enxugar direito o rosto com a toalha. Chamei-lhe a atenção por não ter limpado os sapatos. Gritei furioso com você por ter atirado alguns de seus pertences no chão.

Durante o café da manhã, também impliquei com algumas coisas. Você derramou o leite fora da xícara. Não mastigou a comida. Pôs o cotovelo sobre a mesa. Passou manteiga demais no pão. E quando começou a brincar e eu estava saindo para pegar o ônibus, você se virou, abanou a mão e disse: “Tchau, papai!” e, franzindo o cenho, em resposta lhe disse: “Endireite esses ombros!”

De tardezinha, tudo recomeçou. Voltei e quando cheguei perto de casa vi-o ajoelhado, jogando bolinha de gude. Suas meias estavam rasgadas. Humilhei-o diante de seus amiguinhos fazendo-o entrar na minha frente. As meias são caras – Se você as comprasse tomaria mais cuidado com elas! Imagine isso, filho, dito por um pai!

Mais tarde, quando eu lia, lembra-se de como me procurou, timidamente, uma espécie de mágoa impressa nos seus olhos? Quando afastei meu olhar do jornal, irritado com a interrupção, você parou à porta: “O que é que você quer?”, perguntei implacável.

Você não disse nada, mas saiu correndo num ímpeto na minha direção, passou seus braços em torno do meu pescoço e me beijou; seus braços foram se apertando com uma afeição pura que Deus fazia crescer em seu coração e que nenhuma indiferença conseguiria extirpar. A seguir retirou-se, subindo correndo os degraus da escada.

Bom, meu filho, não passou muito tempo e meus dedos se afrouxaram, o jornal escorregou por entre eles e um medo terrível e nauseante tomou conta de mim. Que estava o hábito fazendo de mim? O hábito de ficar achando erros, de fazer reprimendas? Era dessa maneira que eu o vinha recompensando por ser uma criança. Não que não o amasse; o fato é que eu esperava demais da juventude. Eu o avaliava pelos padrões da minha própria vida.

E havia tanto de bom, de belo e de verdadeiro no seu caráter. Seu coraçãozinho era tão grande quanto o sol que subia por detrás das colinas. E isto eu percebi pelo seu gesto espontâneo de correr e de dar-me um beijo de boa noite. Nada mais me importa nesta noite, filho. Entrei na penumbra do seu quarto e ajoelhei-me ao lado de sua cama, envergonhado!

É uma expiação inútil; sei que, se você estivesse acordado, não compreenderia essas coisas. Mas amanhã eu serei um papai de verdade! Serei seu amigo, sofrerei quando você sofrer, rirei quando você rir. Morderei minha língua quando palavras impacientes quiserem sair pela minha boca. Eu irei dizer e repetir, como se fosse um ritual: “Ele é apenas um menino, um menininho!”

Receio que o tenha visto até aqui como um homem feito. Mas, olhando-o agora, filho, encolhido e amedrontado no seu ninho, certifico-me de que é um bebê. Ainda ontem estive nos braços de sua mãe, a cabeça deitada no ombro dela. Exigi muito de você, exigi muito.

2 - Nossa história

14 de fevereiro de 2017

Gisberto conta sem espanto o que parece inacreditável. Foram muitas as confissões que ouviu em 58 anos de sacerdócio. De uma delas relembra até mesmo os detalhes. E desenha a cena: subiu as escadas de madeira do hotel e, antes mesmo de chegarem ao quatinho minúsculo, aquele homem que tanto buscara estava em lágrimas. Consolou o assassino do seu pai, como faria a qualquer outro que lhe procurasse na igreja ou fora dela.

– Não precisa chorar, porque cada um de nós tem cinco minutos de anjo e cinco de capeta.

O padre deu alento ao homem que deixou, além de si, outros dez filhos órfãos de pai.

– Pode ser o crime que for, tem que tratar como gente.

É o lema que defendeu toda a vida e ainda hoje, aos 85 anos.

Gisberto Pugliesi, o caçula de onze filhos, tinha um ano e três meses quando o crime ocorreu. A família vivia de agricultura e criação de animais, em uma chácara de Uberaba.

Um rego de água que cortava as terras foi o motivo da discórdia. O pai de Gisberto e o vizinho não se entenderam sobre o uso do córrego e o homem resolveu na espingarda. Esperou debaixo de um pé de café e atirou, quando o pai chegava em casa.

Gisberto conta que passou a entender o contexto familiar lá pelos cinco anos. A mãe já havia se mudado para Franca, tentando criar os onze filhos com a ajuda da família.

Os irmãos começavam a trabalhar com 10, 11 anos. Gisberto começou em uma livraria e foi de pequeno que decidiu:

– Eu sempre tive na cabeça a ideia de encontrar esse homem.

Garante – diferente do que se pode imaginar – que a ideia nunca foi movida a vingança ou mágoa. A mãe cultivou outros sentimentos entre as tantas dificuldades que enfrentaram.

Ele estava com 14 anos, trabalhando em uma loja de roupas, quando o padre da paróquia morreu. Pediu folga para ir ao velório. Decidiu ali que seria padre, para substituir a perda.

Foram onze anos de estudo em Ribeirão Preto e São Paulo antes de celebrar a primeira missa. Na foto da ordenação, em cinco de julho de 1959, os dez irmãos e a mãe estavam reunidos em celebração.

A jornada que começou ali foi sempre voltada ao outro. Em Jardinópolis e Ribeirão Preto, onde passou a vida sacerdotal, construiu casas para famílias e crianças, foi diretor de serviço social na prefeitura e cura da Catedral de São Sebastião. Na Pastoral Carcerária – e hoje fora dela – defendeu a dignidade do preso.

O perdão sempre esteve presente. Mas, mesmo com tanto que já havia feito, faltava o principal.

Na década de 70, enfim, Gisberto encontrou o homem que passou uma vida a buscar.

Esteve em Uberaba, cidade onde o crime se passou, levando presos que participavam de um curso da Pastoral Carcerária. Durante seu discurso, Gisberto contou aos detentos a história do assassinato do pai.

– Se esse homem estivesse vivo, eu estaria pronto para perdoá-lo.

No final do curso, um funcionário do local procurou o padre e disse que conhecia a história. O homem, ele revelou, morava e trabalhava em um hotel da cidade.

Gisberto só foi ao local quando Júlio, o assassino que agora tinha nome, avisou que aceitaria recebê-lo.

Foi sozinho e levou no bolso, por intuição, a hóstia sagrada.

– Se ele não fez a comunhão, vai ser a chance da vida dele. E foi.

Padre e assassino em lágrimas conversaram sobre Deus, perdão, comunhão.

Pelas mãos do padre Gisberto, filho do homem que matou, Júlio recebeu a primeira comunhão.

– A capacidade de perdoar vem do conhecimento de quem é Jesus. Eu fui formado para perdoar, não para vingar. Estou sempre ao lado do pobre, do sofredor, do injustiçado, concluiu o padre.

10. Vamos cantar? O Filho pródigo

<https://youtu.be/OWjj6QjXgUs>

Muito alegre te pedi o que era meu e parti...

11. Vida de santo: Santo Afonso Maria de Ligório

A Mãe da Misericórdia

Entre os Santos, sobressai Maria, Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade.

1. No cântico do Magnificat repercutem, com a plenitude do seu conteúdo profético, as palavras que Maria pronunciou durante a visita que fez a Isabel, esposa de Zacarias: «A sua misericórdia estende-se de geração em geração».

Maria é, pois, aquela que, de modo particular e excepcional — como ninguém mais —, experimentou a misericórdia e, também de modo excepcional, tornou possível, com o sacrifício do coração, a sua participação na revelação da misericórdia divina. Este seu sacrifício está intimamente ligado à cruz do seu Filho, aos pés da qual ela haveria de encontrar-se no Calvário. Ninguém jamais experimentou, como a Mãe do Crucificado, o mistério da Cruz, o impressionante encontro da transcendente justiça divina com o amor, o «ósculo» dado pela misericórdia à justiça.

Maria, portanto, é aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado. Neste sentido chamamos-lhe Mãe da misericórdia, Nossa Senhora da Misericórdia ou Mãe da divina misericórdia. Em cada um destes títulos, há um profundo significado teológico, porque exprimem a particular preparação da sua alma e de toda a sua pessoa, para torná-la capaz de descobrir a misericórdia da qual todos se tornam participantes, segundo o eterno desígnio da Santíssima Trindade, «de geração em geração».

Estes títulos que atribuímos à Mãe de Deus falam dela sobretudo como Mãe do Crucificado e do Ressuscitado, daquela que, tendo experimentado a misericórdia de um modo excepcional, «merece» igualmente tal misericórdia durante toda a sua vida terrena e, de modo particular, aos pés da cruz do Filho.

No Evangelho de Lucas, encontramos-la empenhada num serviço de caridade à prima Isabel, junto da qual permanece « cerca de três meses » (1, 56) assistindo-a na última fase da gravidez. « Magnificat anima *mea Dominum* – A minha alma engrandece o Senhor » (Lc 1, 46), disse ela por ocasião de tal visita, exprimindo assim todo o programa da sua vida: não se colocar a si mesma ao centro, mas dar espaço ao Deus que encontra tanto na oração como no serviço ao próximo — só então o mundo se torna bom. Maria é grande, precisamente porque não quer fazer-se grande a si mesma, mas engrandecer a Deus. Ela é humilde: não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor (Lc 1, 38.48). Sabe que contribui para a salvação do mundo, não realizando uma sua obra, mas apenas colocando-se totalmente à disposição das iniciativas de Deus. É uma mulher de esperança: só porque crê nas promessas de Deus e espera a salvação de

Israel, é que o Anjo pode vir ter com ela e chamá-la para o serviço decisivo de tais promessas. É uma mulher de fé: « Feliz de Ti, que acreditaste », diz-lhe Isabel (Lc 1, 45).

O Magnificat — um retrato, por assim dizer, da sua alma — é inteiramente tecido com fios da Sagrada Escritura, com fios tirados da Palavra de Deus. Desta maneira se manifesta que ela se sente verdadeiramente em casa na Palavra de Deus, dela sai e a ela volta com naturalidade. Vemo-la na humildade com que Ela aceita ser “esquecida” no período da vida pública de Jesus, sabendo que o Filho deve fundar uma nova família e que a hora da Mãe chegará apenas no momento da cruz, que será a verdadeira hora de Jesus (Jo 2, 4; 13, 1). Então, quando os discípulos tiverem fugido, Maria permanecerá junto da cruz (Jo 19, 25-27); mais tarde, na hora de Pentecostes, serão eles a juntar-se ao redor dela à espera do Espírito Santo (At 1, 14).

Na Vida de Maria não existe nada de todo milagroso com que evangelhos apócrifos e lendas piedosas a quiseram adornar. Pelo contrário, Maria, a mulher do povo, teve de suportar e atravessar na sua vida inúmeras dificuldades e tribulações quando da gravidez, nascimento de Jesus, fuga para o Egito, procura do filho perdido em Jerusalém, da vida “errante” de seu filho adulto e sua coragem e permanência aos pés da cruz. Suportou com Ele a noite escura da morte. Não enfraqueceu e nem fugiu.

2. Conversando sobre a **Palavra - Lc 1, 46-56**

3. Comentários

Maria é a que corporifica o evangelho da misericórdia divina da forma mais pura e bela. Maria vive por inteiro a misericórdia de Deus, remete para a misericórdia divina revelada em Jesus e dá testemunho dela. Precisamente deste amor «misericordioso», que se manifesta sobretudo em contacto com o mal moral e físico, participava de modo singular e excepcional o coração daquela que foi a Mãe do Crucificado e do Ressuscitado. Nela e por meio dela, o mesmo amor não cessa de revelar-se na história da Igreja e da humanidade. Esta revelação é particularmente frutuosa, porque se funda, tratando-se da Mãe de Deus, no singular tato do seu coração materno, na sua sensibilidade particular, na sua especial capacidade para atingir todos aqueles que aceitam mais facilmente o amor misericordioso da parte de uma mãe. É este um dos grandes e vivificantes mistérios do Cristianismo, mistério muito intimamente ligado ao mistério da Encarnação.

Temos todo o direito de acreditar que também a nossa geração foi abrangida pelas palavras da Mãe de Deus, quando glorificava a misericórdia de que participam, «de geração em geração», aqueles que se deixam guiar pelo temor de Deus. As palavras do Magnificat de Maria têm conteúdo profético, que diz respeito não só ao passado de Israel, mas também a todo o futuro do Povo de Deus sobre a terra.

Também nós estávamos presentes naquelas palavras proféticas da Virgem Maria. Ao pé da cruz, Maria, juntamente com João, o discípulo do amor, é testemunha das

palavras de perdão que saem dos lábios de Jesus. O perdão supremo oferecido a quem O crucificou, mostra-nos até onde pode chegar a misericórdia de Deus. Maria atesta que a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém. Dirijamos-lhe a oração, antiga e sempre nova, da Salve Rainha, pedindo-lhe que nunca se canse de volver para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o rosto da misericórdia, seu Filho Jesus.

4. Troca de ideias. “O Senhor faz maravilhas com os pequenos”. Ele estende a sua misericórdia sobre aquele que confia Nele e eleva os humildes. Maria louva a Deus por isso”. a) E nós, podemos nos perguntar, nos lembramos de louvar a Deus? Agradecemos a Ele pelas grandes coisas que Ele faz por nós? Por todos os dias que ele nos doa, porque nos ama e nos perdoa sempre, por sua ternura? b) E por nos ter dado sua Mãe, pelos irmãos e irmãs que Ele coloca em nosso caminho, por que abriu para nós o Céu?” c) Conseguimos, como mãe, nos colocar em segundo lugar perante a vida do filho, sem ciúmes ou lamentos?

5. Oração.

Santa Maria, Mãe de Deus,
Vós destes ao mundo a luz verdadeira,
Jesus, vosso Filho – Filho de Deus.
Entregastes-Vos completamente
ao chamamento de Deus
e assim Vos tornastes fonte
da bondade que brota d'Ele.
Mostrai-nos Jesus.
Guiai-nos para Ele.
Ensinai-nos a conhecê-Lo e a amá-Lo,
para podermos também nós
tornar-nos capazes de verdadeiro amor
e de ser fontes de água viva
no meio de um mundo sequioso.

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Iluminando.

A- O Papa Francisco rezou a oração mariana na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora. Na alocução que precedeu a oração, Francisco recordou uma frase que ficou famosa quando o homem pôs os pés na lua: «Este é um pequeno passo para um homem, um grande salto para a humanidade.» A seguir acrescentou:

A humanidade tinha atingido um marco histórico. Hoje, na Assunção de Maria ao Céu, celebramos uma conquista infinitamente maior. Nossa Senhora colocou os pés no paraíso: ela foi lá não só em espírito, mas também com seu corpo. Este passo da pequena Virgem de Nazaré foi o grande salto pra frente da humanidade. De pouco adianta ir à lua se não vivermos como irmãos na Terra.

A seguir, Francisco fez a seguinte pergunta: “O que a nossa Mãe nos aconselha?” “Hoje, no Evangelho”, disse o Papa, “a primeira coisa que ela diz é: ‘A minha alma engrandece ao Senhor’. Acostumados a ouvir estas palavras, talvez não prestemos mais atenção ao seu significado”. *Engrandecer literalmente significa “tornar grande”, aumentar. Maria “engrandece ao Senhor”: não os problemas, que não lhe faltaram naquele momento, mas o Senhor. Quantas vezes, nos deixamos dominar pelas dificuldades e nos deixamos absorver pelos medos! Nossa Senhora não, porque ela coloca Deus como a primeira grandeza da vida. Daqui nasce o Magnificat, daqui nasce a alegria: não da ausência de problemas, que mais cedo ou mais tarde chegam, mas a alegria nasce da presença de Deus que nos ajuda e está perto de nós. Porque Deus é grande e olha para os pequenos. Somos a sua fraqueza de amor: Deus olha e ama os pequenos.*

Segundo o Papa, “Maria se reconhece pequena e exalta as “grandes coisas” que o Senhor fez para ela. Quais? Primeiramente, o dom inesperado da vida: Maria é virgem e fica grávida; e Isabel, que era idosa, também está esperando um filho.

B- Nós não adoramos Maria, pois só Deus é digno de adoração, mas a veneramos sim acima de todas as outras criaturas. Não a colocamos no mesmo patamar que Cristo e nem tampouco em concorrência com Ele. Por conseguinte, Maria recapitula em si e reflete os principais mistérios da fé. Nela resplandece uma imagem do homem novo. Ela demonstra que o evangelho da misericórdia divina em Jesus Cristo é o melhor que pode existir, mas é uma tarefa de todos nós. Devemos praticar a misericórdia, com palavras e obras. (adaptado de Walter Kasper).

Conselho do Papa Francisco

Segundo Francisco, “se esquecemos o bem, o coração diminui. Mas se, como Maria, nos lembrarmos das grandes coisas que o Senhor faz, se pelo menos uma vez por dia O engrandecermos, então damos um grande passo em frente. Uma vez por dia dizer: “Eu louvo ao Senhor”. Dizer “Bendito seja o Senhor”, que é uma pequena oração de louvor. Isso é louvar a Deus. O coração se dilatará com essa pequena oração, a

alegria aumentará”. Peçamos a Nossa Senhora, a porta do céu, a graça de começar cada dia levantando nosso olhar para o céu, para Deus, para dizer-lhe obrigado, como dizem os pequenos aos grandes”, concluiu Francisco.

9. Vamos cantar? Romaria

<https://youtu.be/o2DdOz2Fq0g>

É de sonho e de pó o destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó
De gibeira o jiló
Dessa vida cumprida a só

**Sou caipira, Pirapora
Nossa Senhora de Aparecida,
Ilumina a mina escura
E funda o trem da minha vida**

O meu pai foi peão
Minha mãe, solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
À custa de aventuras
Descasei, joguei, investi, desisti
Se há sorte eu não sei, nunca vi

Refrão (2x)

Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos.

Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar.

Refrão (2x)

10. Oração da Salve Rainha para encerrar.

11. Vida de santo hoje é Maria

Procure uma representação da Mater Dolorosa, as Sete Dores de Maria e fale sobre elas ou outra ideia que tiver sobre Maria.

Compaixão, a marca de Jesus

Tu também não devias ter compaixão do teu companheiro,
como eu tive compaixão de ti? (Mt 18, 33)

1. A compaixão é a marca de Jesus no seu encontro com os sofredores e os pecadores. O patrão da história teve compaixão do seu empregado que lhe devia uma enorme fortuna. Como ele não tivesse com que pagar, teria que ser vendido como escravo, junto com a mulher e os filhos e tudo que possuísse, para pagar a dívida. O empregado, de joelhos, suplicou pedindo um prazo e prometendo quitar a dívida. O patrão teve compaixão, soltou o empregado e perdoou a dívida. Esse patrão da história representa o Pai, nosso Deus. Nós somos esse empregado grande-devedor. Fomos perdoados.

2. Conversando sobre a **Palavra - Mt 18, 21-19,1**

3. **Comentários**

No Pai Nosso ensinado por Jesus, no registro do mesmo evangelho de São Mateus, essa parábola fica bem compreendida. Jesus ensinou a rezar com essas palavras: “Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. E era assim que antigamente se rezava o Pai Nosso. As nossas dívidas com Deus são as nossas faltas, os nossos pecados, as nossas ofensas. Depois, começou-se a dizer para maior clareza: “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Nossa dívida com Deus, nosso pecado é impagável. Mas, Deus nos perdoou por causa do sacrifício de Jesus. Jesus ofereceu a sua vida em remissão dos nossos pecados. E fomos liberados das consequências do nosso débito, a morte eterna. Nossa dívida foi redimida. Fomos perdoados. Nosso Deus teve compaixão de nós. Mas a história continua. O empregado, perdoado da grande dívida, encontrou um colega, um companheiro que lhe devia um dinheiro pouco. Cobrou o seu dinheiro, na maior ignorância. O colega fez como ele tinha feito com o patrão. De joelhos, pediu um prazo para quitar a dívida. O empregado não quis conversa, fez uma denúncia na Justiça e o colega acabou preso e lá ficaria até que pagasse o último centavo. A notícia circulou e chegou aos ouvidos do patrão. O empregado foi chamado. “Homem perverso, eu te perdoei toda a tua dívida porque tu me suplicaste. Não devias tu também

ter compaixão do teu companheiro como eu tive compaixão de ti?” Aí a coisa ficou feia pro lado do empregado que não teve compaixão do seu semelhante.

Você foi perdoado, perdoada, de uma grande dívida pelo seu Criador e Pai. Ele teve compaixão de você. Em Cristo, ele fez de você uma nova criatura, com o nome “limpo na praça”. Aprenda isso com ele. Aja também com compaixão com os seus irmãos. Seja compreensivo, paciente, misericordioso com os outros. E... tenha cuidado com o Pai Nosso... “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

Jesus está contando uma história para entendermos que assim como Deus nos perdoou, igualmente devemos perdoar os outros. Deus nos perdoou os pecados, as ofensas, que nós cometemos contra ele. Nossa dívida era impagável. Jesus a pagou por nós, na cruz. Já que fomos assim generosamente perdoados, precisamos tratar os nossos semelhantes com misericórdia e piedade. Tu também não devias ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti? (Mt 18, 33)

4. Troca de ideias. a) Já viveu alguma situação em que sua ira, raiva, mágoa se transformou em compaixão? b) Por que é tão difícil perdoar? c) Colocar-se no lugar do outro é condição indispensável nas relações pessoais. Saberia dar um exemplo? d) **“Senhor, tem misericórdia de mim”**. Quem poderá afirmar que não precisa fazer este pedido? Quando? e) Cite uma pessoa misericordiosa que você admira e o motivo.

5. Oração. Senhor, dá-me um coração como o de Jesus: misericordioso com os pecadores, compreensivo com os que erram, centrado na caridade. Sustenta-me, Senhor, no caminho do verdadeiro amor pelos meus parentes, amigos e pelos irmãos e irmãs de comunidade. Seja bendito o teu santo nome, hoje e sempre. Deus Pai, Tu és “amor, paciência e perdão” (Sl 86,15). Eu Te louvo e Te bendigo pelo Teu amor manifestado a mim na cruz de Teu Filho, amor que perdoa todos os meus pecados. Acolhe minha alma enferma, adoecida pela falta de perdão. Liberta-me do ressentimento, da raiva e da mágoa. Ajuda-me a enxergar a pessoa que me ofendeu para além do mal que ela me causou. Senhor, qualquer coisa que devemos perdoar-nos mutuamente é sempre bem pouco comparado com a bondade com que tu perdoas a todos.

6. Oração espontânea.

7. Pedidos, intenções

8. Completando

Perdoar não é fácil. E estar disposto a perdoar sempre que a pessoa pede uma chance ou mostra-se arrependida, é uma tarefa que parece superar nosso limite humano. Mas também é verdade que perdoar o outro é um gesto de humildade e gratidão para

com o Pai que nos perdoou de nossa grande dívida. Nós somos os filhos pródigos que voltamos arrependidos para casa. E ele nos recebe de braços abertos. Então, não há outro caminho, senão imitá-Lo na sua compaixão. Também precisamos ter compaixão dos nossos semelhantes. Ajuda-nos, Senhor, a imitar a compaixão do nosso Deus e sermos capazes de perdoar setenta vezes sete. E a rezar de verdade: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Com a tua compaixão, Senhor, concede-nos a generosidade do perdão e conforta-nos em nossos dramas e em nossas dores, com a tua bênção e com o teu amor. Amém.

Com certeza, na sua vida familiar, você tem, no seu coração, mágoas, ressentimentos... coisa de muito tempo atrás ou até coisa recente. Faça assim para praticar a palavra de hoje: foque em uma dessas situações e peça a Deus forças para ser capaz de perdoar. E tome uma decisão importante e libertadora: perdoe. (Adaptado de Pe. João Carlos Ribeiro)

Hoje nos encontramos com os limites de nossa força para curar, para superar o mal. Encontramo-nos com a prepotência do mal, a que não conseguimos dominar só com nossas forças. Isto é: sem Deus não há perdão; e, sem perdão, não há cura. Não é em vão que o tema do "perdão" aparece continuamente em todo o Evangelho.

Ao servo despiado —um alto mandatário do rei— foi-lhe perdoado a incrível dívida de dez mil talentos; mas logo ele não estava disposto a perdoar a dívida, ridícula em comparação, de cem denários que lhe deviam. Superar a culpa exige o preço de comprometer o coração; e ainda mais, entregar toda nossa existência. E nem sequer basta isso: só se pode conseguir mediante a comunhão com Aquele que carregou todas nossas culpas.

A comunidade cristã é o lugar da experiência do amor mútuo. Ela é constituída por pessoas amadas pelo Pai, renascidas em Cristo, santificadas pelo Espírito Santo. A comunidade é o lugar do amor, da unidade. É já um reflexo do amor e da comunhão da Santíssima Trindade. Comunidade cristã é a família, a comunidade eclesial da qual você participa, a comunidade paroquial, a Igreja.

Na comunidade, na família, no trabalho buscamos viver o ideal do amor em Deus, amor que nos gerou como filhos pela evangelização e pelo batismo. Deus nos ama, nós o amamos e procuramos viver em fraternidade, em comunhão. Vivendo em unidade, Jesus está presente conosco. “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí, no meio deles”, nos disse o Senhor.

Acontece que esse ideal de amor muitas vezes é ferido por atitudes egoístas, deslealdades, ofensas. São pecados contra a fraternidade, a comunhão, contrários ao amor que devemos uns aos outros. E todo mundo tem experiência disso... Gente que, por espírito de orgulho e soberba, humilha o irmão ou a irmã, desconsidera, trapaceia, difama o seu próximo. Gente movida pela inveja, por interesses escusos, por sede de poder.... tem de tudo. Estamos mergulhados na grande experiência do amor de Deus na comunidade, mas somos ainda fracos e pecadores.

A paciência é uma virtude cristã porque faz parte da mensagem do Reino dos Céus e se forja na experiência de que todos nós temos defeitos. Se Paulo nos exorta a nos suportarmos uns aos outros (Col 3,12-13), Pedro nos recorda que a paciência do Senhor nos dá a oportunidade de nos salvarmos (2 Pe 3,15). Certamente, quantas vezes a paciência do bom Deus nos perdoou no confessionário! Sete vezes? Setenta vezes sete? Quiçá mais!

9. Conversando mais

Poderemos abrir nosso coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma tão dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos mais afortunados. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, no conforto que anestesia o espírito e impede de descobrir o outro, no cinismo que destrói.

Não podemos escapar às palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados. De igual modo, ser-nos-á perguntado se ajudamos a tirar da dúvida, que faz cair no medo e ser fonte de solidão; se perdoamos a quem nos ofende; se tivemos paciência com os idosos e necessitados; etc.

Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: “ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor.”

Se alguém lhe perguntasse se você é compassivo, pode ser que prontamente respondesse que sim. Ou “acredito que sim”. Mas se fizer uma pausa e examinar a palavra compaixão, a resposta ficará mais complicada. A raiz dessa palavra significa literalmente “sofrer com”; demonstrar compaixão significa compartilhar da “paixão” do outro. Não é piedade. Usar de compaixão significa penetrar os momentos sombrios do outro. É caminhar em lugares de dor, não recuar ou desviar o olhar quando o outro sofre. Estar com as pessoas que sofrem. Em tantos encontros tentamos desviar o olhar da dor. Tentamos ajudar nossos amigos a processar o luto rapidamente. Procuramos apressadamente formas de trazer alegria para uma criança que sofre ou um parente doente. Todo o tempo, no entanto, agimos pouco a partir do genuíno “sofrer com” e agimos mais a partir de nossa necessidade de nos afastarmos daquele desconforto. Descobrimos que, apesar de todas as nossas boas intenções, a compaixão não se constitui na base de nossa vida.

A mensagem do Evangelho transborda compaixão, misericórdia, com um amor que se dispõe a “sofrer com”, mesmo com aqueles de quem não gostamos naturalmente. “Esse é o meu mandamento: que amem uns aos outros” (Jo 15,12).

A dor sofrida sozinha é muito diferente da dor sofrida ao lado de outra pessoa. Mesmo quando a dor permanece, sabemos como é diferente quando outra pessoa se aproxima e compartilha dessa dor conosco.

“Em todas as fases da história, mas especialmente na época atual porque é nesta em que vivemos, a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres proclamar e introduzir na vida o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo. Este mistério é, não só para a própria Igreja, como comunidade dos fiéis, mas também, em certo sentido, para todos os homens, fonte de vida diferente daquela que o homem é capaz de construir quando exposto às forças prepotentes da tríplice concupiscência que nele operam. É precisamente em nome deste mistério que Cristo nos ensina a perdoar sempre. Quantas vezes repetimos as palavras da oração que Ele próprio nos ensinou, pedindo: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6,12), isto é, aos que são culpados em relação a nós!

É realmente difícil expressar o valor profundo da atitude que tais palavras designam e inculcam. Quantas coisas dizem a cada homem acerca do seu semelhante e também acerca de si próprio! A consciência de sermos devedores uns para com os outros anda a par com o apelo à solidariedade fraterna, que São Paulo exprimiu concisamente, convidando-nos a suportar-nos «uns aos outros com caridade» (Ef 4,2). Que lição de humildade não está encerrada aqui, em relação ao homem, ao próximo e também a nós mesmos! Que escola de boa vontade para a vida comum de cada dia, nas várias condições da nossa existência!” (João Paulo II)

Se não há um momento em que nos libertamos e queremos verdadeiramente nascer do alto, como explicava Jesus a Nicodemos (Jo 3, 1-21), seremos sempre homem velho. Mesmo que o tempo seja novo, continuaremos envelhecidos. Sejam realistas. A vida adulta é um cemitério de coisas mal resolvidas, de pontas que não sabemos bem como retomar, de coisas que se perderam, de dívidas que temos em relação aos outros e do insustentável peso da omissão. Quantas vezes as reações que hoje temos, a nossa incapacidade de ser como o pássaro e como o lírio do campo, não tem a ver com esta prisão que, no fundo de nós, nos enovela, nos aprisiona? Queremos ir mais longe, mas estamos sempre tropeçando no mesmo: não estamos reconciliados! A purificação da memória não é apenas uma viagem ao passado. É deixar-se tocar pelo mistério da misericórdia, fazendo disso um sim pleno em relação ao instante presente em que vivemos. (Padre José Tolentino).

. A indiferença é o contrário do ensinamento de Jesus. Somos responsáveis uns pelos outros. Pense em que você poderia colaborar para o seu crescimento cristão e o de sua família.

Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído «nas margens da vida». Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade. (Fratelli Tutti)

10. Iluminando

Uma mulher vai a uma confeitaria encomendar um bolo para o aniversário do filho. Como qualquer um de nós faria, deixa lá o seu nome e um contato telefônico. Só que, exatamente na manhã do aniversário, a criança é atingida por um automóvel, entra em coma e morre. O confeiteiro não faz ideia do que se passa. Sabe apenas que aquela mulher encomendou um bolo que não veio buscar. E ele ficou no prejuízo. Começa a persegui-la nos dias seguintes com chamadas anônimas. A mulher, por um acaso, descobre que é ele o autor dos telefonemas e, em pleno trauma pela morte do filho, decide ir com o marido ao centro comercial dar-lhe uma lição. No primeiro momento do encontro, só se vê, de fato, o confronto da ira dela com o ressentimento do confeiteiro. Mas quando Ana diz o que ele não sabe, a fúria descongestiona-se, dando lugar a outra coisa.

- Deixem-me lhes dizer a pena que sinto – disse ele, pondo os cotovelos em cima da mesa. – Só Deus sabe quanto lamento. Ouçam lá, eu sou apenas um pasteleiro. Não pretendo ser outra coisa... Isso não vai justificar aquilo que fiz, eu sei. Mas sinto profundamente... Têm de compreender que tudo se resume ao fato de eu já não saber como atuar. Por favor, deixem-me lhes perguntar se posso encontrar perdão nos seus corações.

Fazia calor naquele pequeno lugar. O doceiro colocou umas xícaras de café sobre a mesa. Eles sentaram-se. E, muito embora estiverem cansados e angustiados, começaram a ouvir o que aquele homem tinha para dizer.

- Provavelmente, precisam comer alguma coisa – disse ele. – Espero que comam uns pãezinhos quentes, feitos por mim. Têm de comer e enfrentar a situação. Comer dá um certo conforto, numa ocasião como esta.

Continuavam a escutá-lo. Comiam agora devagar um pão escuro e perfumado que o homem lhes abriu e sentiam com surpresa o seu gosto revigorante e delicado. Pela madrugada dentro, deixaram-se ali a conversar. As luzes fluorescentes do estabelecimento foram substituídas pela luz da manhã, que começou a escorrer pelas janelas. (conto de Raymond Carver. Diz tanto em tão pouco).

As palavras criam um clima de acolhimento e escuta. O alimento (nem por acaso se trata do pão) consola, enxuga as lágrimas. Dentro das personagens acontece uma espécie de ressurreição. O perdão abre-nos efetivamente à compreensão do mistério pascal.

11. Exemplo

- Vale citar um caso de pessoa que ainda não foi beatificada, mas cujo processo está aberto e claramente se encaixa na via da oferta da vida: Salvo d'Acquisto (1920-1943), um jovem policial italiano que, para livrar da execução 22 pessoas acusadas de uma explosão que matou dois soldados nazistas, acusou a si mesmo de ter detonado os explosivos – o que não era verdade, pois a explosão tinha sido acidental.

12. Mensagem

Quando você é bom para os outros, você se torna melhor para si mesmo... Quando a sua motivação é ferir, você é que será ferido.

Quando a sua motivação é enganar, você é que será enganado.

Se a sua motivação é lesar, você fatalmente será lesado...

Se a sua motivação é a de dar, você irá receber em retorno.

Se a sua motivação é a de ensinar, você é quem irá aprender.

Quando a sua motivação é a de, genuinamente, apreciar, você é quem será admirado.

Quando a sua motivação é ajudar, você é quem será ajudado.

Se a sua motivação é nutrir, você é quem será fortalecido...Deus, ao lhe criar, estabeleceu certos princípios que jamais serão quebrados, princípios estes que estão acima de todo e qualquer avanço tecnológico.

Você não deve fugir das suas motivações, mesmo que elas sejam direcionadas para outras pessoas. À semelhança de um bumerangue, elas sempre voltam para você. As suas motivações irão levá-lo para frente ou para trás, dependendo da maneira como você decide agir.

A sinceridade e a integridade das suas motivações irão, fatalmente, afetar a qualidade da sua vida. (Mons. André Sampaio)

13. Vamos cantar? Girassol (Priscilla Alcântara)

<https://youtu.be/mfqeloc0lO0>

Se a vida fosse fácil como a gente quer/
Se o futuro a gente pudesse prever /
Eu hoje estaria tomando um café/
Sentado com os amigos em frente tv/
Eu olharia as aves como eu nunca olhe/i
Daria um abraço apertado em meu avós/
Diria eu te amo a quem nunca pensei/
Talvez, é o que o universo espera de nós/
Eu quero ser curado e ajudar curar/
Eu quero ser melhor do que eu nunca fui/
Fazer o que eu posso pra me ajudar/
Ser justo e paciente como era Jesus /
Eu quero dar valor até o calor do sol/
Que eu esteja preparado pra quem me conduz/
Que eu seja todo dia como um girassol /
De costas pro escuro e de frente pra luz/

Composição: Whindersson Nunes

Intérprete: Priscilla Alcântara

14. Vida de santo

Irmã Faustina Kowalska, apóstola da Misericórdia de Deus conhecida em todo o mundo, é considerada pelos teólogos como uma pessoa que faz parte de um grupo de notáveis místicos da Igreja. Nasceu no dia 25 de agosto de 1905, como a terceira dos dez filhos numa pobre, mas piedosa família de aldeões, em Glogowiec (Polônia).

A participante que preparou em casa sobre ela, conte ao grupo na reunião.

Atenção aos outros

“Dormia e sonhava que a vida era alegria, acordei e vi que a vida era serviço.
Servi e vi que o serviço era alegria. (R. Tagore)

1. Tendemos sempre a olhar o tempo em que vivemos como o pior, único e até dramático. Dias difíceis, apocalipse, pandemia, fins dos tempos! Não podemos nos esquecer que a História se repete, num vaivém de tempestade e bonança, luz e sombra. Guerras, pestes e fome intercaladas. E pandemia de vírus! A sabedoria é saber passar pelos problemas, buscar serenidade, fomentar a esperança e enfrentar os desafios.

O grande mal de nosso século é a desumanização. Parece que o próximo não importa. E recebemos ou sofremos, agressiva ou silenciosamente, machismo, racismo, xenofobia, aporofobia (rejeição ao pobre), indiferença com o idoso, com o obeso e por aí vai. Tudo isso atinge a vítima de maneira dolorosa, humilhante, destrutiva.

Tenhamos em mente que “ninguém pode ser humano sozinho; só somos humanos através da relação com o outro”. Por isso o Cristianismo e uma infinidade de filosofias, até a educacional, enfatizam a necessidade de sermos misericordiosos. De que maneira: olhar, cuidar, compreender, perdoar, servir o próximo.

2. Conversando sobre a **Palavra - Tiago 2, 1-9**

O olhar de Jesus qual é?

“Se buscarmos o princípio deste olhar, é necessário voltar ao livro do Gênesis, naquele instante em que, depois da criação do ser humano, “homem e mulher”, Deus viu “que era muito bom”. Esse primeiro olhar do Criador se reflete no olhar de Cristo”. (São João Paulo!!).

3. Comentários

a) A voz do Pastor

Trago a você, amigo leitor, o ensinamento que o Papa Emérito Bento XVI apresentou para a Igreja durante o seu pontificado no ano de 2008. Na audiência geral, em 26 de novembro, Bento XVI faz referência, nessa audiência especificamente, ao que o Papa chama de “mal-entendido” neste duplo entendimento entre fé e obras. Ele nos orienta para não cairmos no mesmo engano de pensar que existe uma contradição entre elas.

Papa Bento XVI, antes mesmo de tratar do tema fé e obras, faz referência à Encíclica *Deus caritas est* (Deus é amor), lembrando aos cristãos que, no amor recíproco entre os homens, encarna-se o amor de Deus e de Cristo por meio do Espírito Santo. Com isso, o Papa quer deixar claro que, justificados pelo dom da fé em Cristo, somos chamados a viver o amor de Cristo no próximo.

Com essa orientação, conseguimos interpretar que a fé e o amor podem ser entendidos como molas propulsoras para as nossas ações. Se as nossas obras não tiverem como pano de fundo o amor a Cristo e a fé em Deus, podem ser obras não de salvação, mas de perdição.

Encarnar a fé

Um dos perigos, no tempo de Jesus e também nos dias atuais, é uma fé desencarnada. Na mesma audiência geral, o Papa escreve: “São desastrosas as consequências de uma fé que não encarna no amor, porque se reduz ao arbítrio e ao subjetivismo, mais nocivo para nós e para os irmãos. Por isso, precisamos da fé traduzida em obras e digo mais, em obras de amor ao nosso próximo.

Sem a vivência de uma fé encarnada podemos perguntar nos apropriando das palavras de São Tiago: existe algum proveito na fé sem obras? Porém, notamos que a contradição não pode existir, mas sim uma completude, nem somente a fé nem somente as obras.

b) Comentários de Jean Vanier

No Evangelho de São Lucas, 16,19-31, Jesus conta uma história comovente. Havia um mendigo chamado Lázaro que vivia na rua. Tinha fome e as suas pernas estavam cobertas de chagas. À frente dele, numa bonita casa, habitava um homem rico que costumava dar grandes banquetes para os amigos. Lázaro bem gostaria de poder saciar-se com as migalhas que caíam da mesa dele, mas os cães comiam-nas todas. Quando Lázaro morreu, foi para o lugar da paz, no «seio de Abraão». Morreu também o rico e foi para o «lugar dos tormentos». Erguendo os olhos, viu Lázaro radiante de paz e exclamou: «Pai Abraão, envia por favor Lázaro aqui abaixo para que me refresque os lábios com um pouco de água, pois estou atormentado neste lugar! Abraão respondeu: «É impossível. Entre ti e ele há um grande abismo que ninguém pode transpor». Podia ter acrescentado: «Tal como houve um abismo entre ti e ele durante a tua vida na Terra».

Esta parábola de Lázaro diz-nos muito acerca do mundo atual, onde é enorme o abismo entre os que têm alimento, dinheiro e conforto e aqueles que estão esfomeados ou não possuem um lugar para viver. Lembro-me de ver crianças em Calcutá com os narizes colados à montra (vitrina) de um luxuoso restaurante. De vez em quando, o porteiro ia enxotá-las. Os ricos - e essa classificação abrange-me a mim e, certamente, a muitos de nós - não gostam de ver pedintes imundos a olhar para eles. Não ficamos já todos nós em dado momento embaraçados e receosos perante os famintos?

Um dia, em Paris, fui abordado por uma mulher de cabelos em desalinho que me gritou: «Dê-me algum dinheiro!». Começamos a falar. Fiquei a saber que ela tinha acabado de sair de um hospital psiquiátrico; rapidamente me apercebi de que estava a passar por enormes dificuldades e fiquei assustado. Tinha um encontro marcado e não queria chegar atrasado; por isso, dei-lhe algum dinheiro e segui o meu caminho, tal e qual o fariseu e o levita na parábola do Evangelho do bom samaritano. Tive receio de me deixar envolver pela dor e pela miséria dela.

O que é este abismo que separa as pessoas? Por que motivo somos nós incapazes de olhar Lázaro nos olhos e escutá-lo?

Tenho a impressão de que excluímos Lázaro porque receamos que os nossos corações fiquem tocados se estabelecermos uma relação com ele. Se escutarmos a sua história e o seu grito de sofrimento, descobriremos que ele é um ser humano. Poderemos ficar comovidos pelo seu coração destroçado e pelos seus infortúnios. E o que acontece quando os nossos corações são tocados? Poderemos desejar fazer alguma coisa para o confortar e ajudar, para aliviar a sua dor, e onde é que isso nos levará? Quando entramos em diálogo com um pedinte, arriscamo-nos a ser arrastados para uma aventura. Porque Lázaro precisa não só de dinheiro, mas também de um lugar para ficar, de tratamento médico, talvez de trabalho e, mais ainda, de amizade.

Por isso é que é perigoso estabelecer uma relação com os lázaros do nosso mundo. Se o fizermos, arriscar-nos-emos a que as nossas vidas sofram uma mudança.

Todos nós, em maior ou menor grau, estamos encerrados nas nossas culturas, nos nossos hábitos, até nas nossas amizades e nos lugares a que pertencemos. Se me torno amigo de um pedinte, eu gero ondas em meu redor. Os meus amigos podem sentir-se incomodados, talvez até ameaçados, pela mudança operada na minha vida; talvez sintam que estão a ser desafiados a fazer o mesmo. Podem tornar-se agressivos, criticar o procedimento louco e supostamente utópico daquele que pertence ao seu meio e que resolveu ajudar um mendigo.

Estou a começar a descobrir até que ponto o medo constitui uma terrível força motivadora em todas as nossas vidas. Temos receio dos que são diferentes. Assustam-nos as ideias de fracasso e rejeição. E tornei-me cada vez mais consciente não só dos meus próprios medos, mas também dos medos dos outros. O medo está na base de todas as formas de exclusão, tal como a confiança está na gênese de todas as formas de inclusão.

A história da humanidade é uma história de guerras, opressão, escravatura e rejeição. Ao longo dos tempos, todas as sociedades criaram as suas próprias formas de exclusão.

É infundável a lista daqueles que podemos excluir; podemos ter a certeza de que cada um de nós está na lista de alguém: os sem-abrigo, os doentes, os moribundos, os jovens, os idosos, os incapacitados, os estrangeiros, os imigrantes, os aidéticos, autistas, os que etc. (in Verdadeiramente Humanos)

4. Troca de ideias. a) Por que os meios de comunicação de massa não colaboram com nossa busca de ser melhores? b) Dê exemplos de banalização da vida, da mulher e da honestidade. c) Por outro lado, você certamente tem exemplos de pessoas boas, generosas na família, na escola, na sociedade, na comunidade que promovem e cuidam da dignidade da vida humana. d) Procure uma pessoa, na sua família, comunidade ou lugar de trabalho, que pensa em modo diferente do seu. Permita um tempo de escuta, tentando entender o ponto de vista do outro, vivendo uma escuta sem preconceitos. e) Você conhece a catequese inclusiva? f) Jesus expressou a libertação em plenitude, pondo-se ao lado dos marginalizados e libertando das doenças, do pecado e até mesmo da morte. Como sua presença de cristão, hoje, na história, favorece a libertação do outro?

5. Oração. Senhor, que eu seja mensageira de vossa misericórdia. Que eu possa promover a paz em meio aos homens e não ouça a voz de quem espalha divisões e intrigas. Fomos criados para viver juntos por mais que sejamos diferentes. Que eu não me esqueça de que cada injustiça ou indiferença é uma chaga a mais em seu corpo sofrido. Que eu veja, me solidariza e cuide de quem sofre. Amém.

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. iluminando

“Não há poder maior que o de uma comunidade que descobre o que lhe importa. Pergunta-te: “O que é possível?” e não “O que está errado?”

Continua a perguntar.

Sê consciente do que é importante para ti.

Imagina que muitos outros partilham os teus sonhos.

Sê corajoso para iniciar uma conversa significativa.

Fala com as pessoas que conheces. Fala com pessoas que não conheces. Fala com pessoas com quem nunca falaste antes.

Fica aberto para reparar nas diferenças que encontras à tua volta.

Valoriza a curiosidade mais do que a certeza.

Inclui todos os que se importam em trabalhar no que é possível.

Reconhece que todos são especialistas em alguma coisa.

Admite que as soluções criativas vêm de novas ligações.

Lembra-te, não se tem medo de pessoas cuja história se conhece.

A escuta autêntica aproxima sempre as pessoas. Confia que conversas significativas podem mudar o mundo.

Confia na bondade humana.

Permaneça unido.” Margaret J. Wheatly. 2004

9. Mensagem

Não podemos ler a Bíblia ficando parados na cultura do tempo que ela exprime, sem permitir que, de um lado, ela toque concretamente a nossa vida, hoje, guiando-nos em gestos concretos, e do outro lado, que ela mesma seja tocada pela vida, ou seja pela cultura e pelos valores humanos vividos hoje. Sabemos que é uma cultura que nasce do mesmo cristianismo, que se baseia nos ensinamentos de Jesus que guia a igreja e a humanidade na criação de uma sociedade fundada no amor: “Amai-vos como eu vos amei” é o mandamento maior, a sua herança para toda a humanidade.

Como podemos ver, a ligação entre Bíblia e vida acontece em duas direções, da Bíblia para nós e de nós para a Bíblia.

Da Bíblia para nós, é importante que em cada trecho ou tema que aprofundamos encontramos uma possibilidade de espelhamento que nos conduza a gestos concretos no nosso dia de hoje, permitindo que a leitura nos ajude a ter um novo olhar sobre a vida, a sociedade, a humanidade.

Mas no mesmo tempo, a ligação acontece de nós para a Bíblia: temos que iluminar o que lemos com a luz dos valores de hoje, evitando a tentação de uma leitura fundamentalista, ao pé da letra. Deus educou seu povo, e isso passou também através da cultura e dos “modos” do tempo. Mas Deus, hoje, já nos mostrou caminhos, modos de viver e não podemos agir hoje com as indicações culturais de mais de três mil anos atrás. Na pedagogia divina, é como se continuássemos a seguir indicações dadas para crianças mesmo se somos já bem adultos e maduros!

Infelizmente, ainda hoje, em nome de Deus, são cometidas barbáries. Mas não é isso o que Deus quer, pois Ele quer que nos amemos como Jesus nos mostrou. O resto não serve. A cultura atual defende o respeito, a tolerância e o diálogo com o diferente, que não é visto como o inimigo a ser destruído, mas como a possibilidade de enriquecimento, através do diálogo e da acolhida recíproca na diversidade, pois o Deus Trindade mostra que é a partir da diferença que a unidade é gerada!

Somente se permitimos que a Palavra viva nas duas direções, permitiremos a seus textos de tornar-se Palavra Viva para o nosso hoje e não ficar como palavras mortas.

Às vezes também nós somos rígidos na aplicação de regras na família, no lugar de trabalho, na sociedade. Jesus, com o dom da vida, nos deu o critério e a regra principal para o respeito da lei: o amor e o dom da vida pelo outro. Você consegue ter o olhar fixo na centralidade da pessoa humana, no cumprimento de toda lei?

Acreditamos que as soluções necessárias para que o mundo seja melhor para nossos netos não são de todo técnicas, mas profundamente humanas. Nesta época em que há evidências crescentes da maldade humana, há uma necessidade crescente de confiar no fato de que a maioria das pessoas, não importa sua cultura ou condição física, tem bondade. Eles, nós, queremos viver com outras pessoas de maneiras mais harmoniosas e humanas.

Usando a grande bondade de muitos, e desenvolvendo ativamente o pensamento crítico e as habilidades relacionais que nos tornam humanos, podemos surpreender o mundo com o que se torna possível quando nutrimos e sustentamos o espírito humano: a solidariedade.

10. Exemplificando

Mario Quintana, um dos grandes poetas brasileiros, tinha uma vida curiosa. Nascido em Alegrete, Rio Grande do Sul, em 1906, viveu grande parte de sua vida em Porto Alegre.

Era conhecido como o poeta das coisas simples. Irônico, profundo e de técnica apurada, foi também jornalista e traduziu mais de cem obras, entre elas “Em Busca do Tempo Perdido” de Marcel Proust, “Mrs Dalloway” de Virginia Woolf e de outros grandes autores, como os franceses Honoré de Balzac, Voltaire ou Guy de Maupassant.

Viveu de forma espartana, tendo inclusive enfrentado problemas financeiros. Morreu em 1994, em Porto Alegre. Esta história de Caco Mar trata de um fato que ficou muito marcado na vida do poeta.

O Hotel Majestic mostrou a Mário Quintana o olho da rua, colocou-o para fora.

A miséria chegou absoluta ao universo do poeta. Ele não foi feito para a riqueza, quando muito conquistar uma princesa com seus versos, depois voltar ao pântano.

Uma cidade que expulsa um poeta pode te transformar em estátua de sal. Mário está só, o Correio do Povo faliu, o passado faliu, as palavras faliram. Um império sem homens e sem sentimentos. O porteiro aproveita e joga um agasalho que tinha ficado no quarto.

“Toma, velho!”

Mário recita ao porteiro: A poesia não se entrega a quem a define.

Mário estava só.

Cadê os passarinhos?

A sarjeta aguardava o ancião.

Paulo Roberto Falcão fora avisado do acontecido.

Quando chega em frente ao hotel, observa aquela cena absurda, triste.

Estaciona e caminha até o poeta com as malas na calçada.

“Sr. Quintana, o que está acontecendo?”

Mário ergue os olhos e enxuga uma lágrima, destas que insistem em povoar os olhos dos poetas.

Quisera não fossem lágrimas, quisera eu não fosse um poeta, quisera ouvisse os conselhos de minha mãe e fosse engenheiro, médico, professor.

*Mas **ninguém vive de comer poesia.***

Mário lhe explica que o dinheiro acabou.

Está desempregado, sem família, sem amigos, sem emprego.

Restaram apenas essas malas nas ruas de Porto Alegre.

Mário observa Falcão colocando suas malas dentro do carro em silêncio. Em silêncio, Falcão abre a porta para Mário e o convida a sentar.

No silêncio de duas almas na tarde fria de Porto Alegre, o carro ruma na direção do arquipélago, na direção do infinito.

Falcão para o carro no Hotel Royal, desce as malas, chama um dos empregados:

“O Sr. Mário agora é meu hóspede!”

“Por quanto tempo, Sr. Falcão?”

Falcão observa o olhar tímido e surpreso do poeta e enquanto o abraça comovido, responde:

“Por toda a eternidade”.

11. Vamos cantar? A Bahia canta sua Santa (Ivete Sangalo)

<https://youtu.be/vwF6Axhi11M>

A Bahia inteira canta
Para celebrar nossa santa
Que cuidou de nós

Tocam sinos e atabaques
De um povo que viu seus milagres
Foste a voz daqueles que não tem voz

Pequena e tão gigante
Mãe desses Filhos de Gandhi

Que entram em Roma
Soltando as pombas
Pombas da paz (continua)

12. Pesquisar a vida de **irmã Dulce** e relatar na reunião.

Bom samaritano

Esta parábola, assim como o Filho Pródigo, é um símbolo de atitude misericordiosa; no entanto, não vamos focar no bom samaritano e sim nos outros dois personagens dessa história. Por quê? Porque muitas vezes não somos o bom samaritano.

1. Jesus não nos chama a ser servidores de Deus, mas a ser servidores do homem por amor a Deus, o que implica um desafio: nossa contínua conversão. Quem ficar ligado à velha maneira de pensar, não poderá nunca realizar a mensagem de Jesus. O samaritano deixa a segurança de Jerusalém e aventura-se em um mundo violento, onde encontra um homem semimorto. Nossa missão nos leva também a encontrar muitas pessoas feridas em nosso caminho. E como agimos?

Toda a catequese cristã envolve uma conversa. A palavra homilia vem de uma palavra que significa conversa. Conversemos, então, sobre a parábola do Bom Samaritano, muito explorada por sua relevância e ensinamento. O doutor da Lei pergunta a Jesus como pode possuir a vida eterna e Jesus conversa com ele, contando-lhe a parábola e lhe responde com outra pergunta.

2. Conversando sobre a **Palavra - Lc 10, 25-37**. Vamos refletir até o versículo **32**.

3. Comentários

A pergunta do doutor é literalmente egocêntrica. Ele vê o mundo de seu ponto de vista. A parábola convida o doutor a identificar-se com o samaritano, odiado inimigo dos judeus. Ele tem de ser liberto do estreito mundo da Lei, que formula regras bem rígidas. Tem de se tornar um ser humano misericordioso.

Onde estamos todos? Entre Jerusalém e Jericó, entre a vida e a morte.

“Cada tempo da história da humanidade é uma época de contrastes porque toda a história do homem é, de um lado, a fadiga e a luta que nos empurram a descermos de Jerusalém, a nos afastarmos de Deus, repetindo todas as vezes o pecado do orgulho e, de outro lado, a buscarmos incessantemente a nossa conversão”. (Carlo e Maria Carla Volpini). Que época, mais do que a nossa, atormentada por crises sociais, econômicas e religiosas, e até uma surpreendente epidemia de um vírus mortal, aparece suspensa entre a vida e a morte?

Os ladrões não são outra coisa que todos os limites, as insatisfações, as solidões, os vazios, as dificuldades, os obstáculos, os incômodos e as inquietudes que

experimentamos no decorrer de nossa vida...os ladrões são os males pessoais e sociais que nos atingem, nos espancam, nos deixam impotentes, nus, meio mortos... Os ladrões estão sempre conosco, prontos a nos agredir, a nos iludir, a nos tentar, a nos fazer acreditar na nossa potência e onipotência para depois nos deixar vazios no espírito e no coração.

As tentativas de escapar dos ladrões, de nos safar, estão ali, ao alcance das nossas mãos...como o sacerdote e o levita que, “chegando àquele lugar”, viram o homem meio morto. O sacerdote, símbolo da Lei e o levita, símbolo do culto: eu ajo como eles quando sigo apenas o ritual, o culto estéril e também não respondo às necessidades do irmão.

O caminho da viagem é um percurso normal, conhecido. (menos de 30 Km entre as duas cidades). Assalto e roubo eram comuns. A primeira ação dos ladrões é tirar a roupa. Vale lembrar que o modo como se vestem, especialmente em um mundo de várias culturas e povos, identifica, de alguma forma, a proveniência ou o grupo de origem. Remover a roupa é fazer com que esse homem se torne anônimo. Não pode ser identificado, o que era absolutamente necessário. Além de despojado, é espancado e roubado.

O sacerdote existia na vida do povo de Israel, pela tribo, pela pertença a um grupo concreto. Nosso sacerdote da parábola ocupava, embora não fosse a alta classe sacerdotal, uma posição na escala social e era respeitado. Preservou a dureza da lei e de seu coração, agindo com preconceito. A tradição proibía que o sacerdote se tornasse impuro, tocando em um moribundo. Se o homem estivesse morto, o sacerdote ficaria impuro caso tocasse nele.

Teria sido a correlação das regras com a situação que não o deixaram parar para ajudar o quase morto? Além do que, segundo o texto de Sirácida (texto que era provavelmente conhecido por ele), era necessário saber quem estava sendo ajudado. Não se podia correr o risco, pasmem, de ajudar um ímpio. Havia dificuldade para identificar se esse viajante era mesmo um próximo, um judeu ou não. Afinal, não podia falar (por estar quase morto) para que se identificasse se era mesmo um próximo ou não. Além disso, suas roupas, que também poderiam identificá-lo, tinham sido roubadas. Ele fora despojado. Mas essa omissão da nacionalidade do viajante ferido parece ser mesmo intencional.

O levita também pertence a um grupo. Poderia corresponder, na atualidade, a um seminarista. Se o sacerdote está limitado por suas leis de purificação e pela recomendação de não ajudar um ímpio, já o levita tinha mais liberdade de ação. Ao levita era exigida observação da pureza ritual apenas no curso das suas atividades litúrgicas. Repete o ato: aproximar-se, olhar, partir. E passa ao largo.

Há inúmeras histórias sobre esse não ver. Em Nova York fez-se uma experiência. Pediu-se a um grupo de seminaristas que preparassem uma homilia sobre esta parábola. Dedicaram-se a fazer o melhor e foram encaminhados para gravar em estúdio, em outro local. Tinham de andar na rua para chegar ao estúdio. Um ator “vestiu-se” de homem

ferido, caído na calçada, coberto de sangue, pedindo ajuda. Oitenta por cento dos seminaristas não o viram! Na Itália, jovens universitários expuseram à beira da estrada cartaz advertindo que, próximo dali, um homem necessitava ser urgentemente transportado a um hospital. Todos os motoristas eram parados adiante pela Polícia Rodoviária para responderem por que passaram indiferentes. Os motivos, os de sempre: pressa, nada tenho a ver com desconhecidos, medo de doença contagiosa ou de sujar o carro.

Quem parou para acudir foi um verdureiro que, numa velha camionete, transportava seus produtos à feira. Comprovou-se que os pobres, assim como as mulheres, são mais solidários que os homens burgueses.

Essa dramatização também se faz no Natal. No caminho da igreja coloca-se uma grávida pobre e seu marido...

4. Conversando. a) Quantas vezes nos deixamos arrastar pelo preconceito ou medo face à necessidade ou abandono de quem poderíamos ser o próximo? b) Somos atentos ao que o nosso próximo vive, aos pequenos sinais de decepção ou de tristeza? c) Procuramos aprender a desbloquear a sua alegria, a compreender seus medos e a não julgar os seus fracassos? d) Se a outra pessoa falha, aproveitamos para afirmar sobre ela nossa superioridade? Utilizamos as suas falhas e quedas para dominá-la e humilhá-la nas entrelinhas?

5. Oração. Senhor Jesus, às vezes, damos mais valor aos atos religiosos do que à caridade para com o próximo. Mas tu queres a misericórdia, mais do que o sacrifício, os ritos, o cumprimento de normas religiosas. Amar os irmãos, sobretudo defendendo, protegendo os doentes, os pobres, os mais frágeis, é mais importante do que apenas cumprir obrigações religiosas. Senhor, ajuda-nos a viver nossa vida cristã e nossas práticas religiosas em sintonia com o amor ao próximo. Que a nossa devoção e o culto que Te dirigimos tenham sua versão concreta no serviço aos mais necessitados. Amém.

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Iluminando

Por que só o samaritano viu? Porque ele não se colocou barreiras com os pensamentos racionais que talvez tenham feito desviar o sacerdote e o levita: “É-me lícito aproximar-me? É-me lícito tocar? É conveniente para mim? O que diz a lei a respeito? Será que é judeu?”

O levita e o sacerdote passaram pelo outro lado e faltaram ao compromisso com a vida porque naquele momento era Deus mesmo que os esperava no corpo ferido

daquele homem. Os dois não compreenderam que a vocação do cristão é compartilhar generosamente o amor nos diversos caminhos que hoje percorre a humanidade, caminhos novos e às vezes perigosos, mas sempre abertos às pessoas que estão caminhando.

Os dois encontraram de repente diante deles o corpo daquele homem e se omitiram com “justa razão” e escolheram ficar do lado da morte e prosseguir seu caminho. A pessoa que não ousa correr risco por amor mas manter o controle de tudo fica prisioneira de seu medo.

Temos de aprender a ser vulneráveis, correndo o risco de ser feridos, quando se faz necessário, como fez Jesus. Quando o sacerdote e o levita voltam de Jerusalém a gem de forma justa, de acordo com a lei vigente. Jesus, porém, ensina a agir de acordo com o amor, traduzido em serviço.

A grande diferença entre os três envolvidos reside na ação do VER. O samaritano Vê o homem caído; os outros dois VEEM um problema que não podem resolver. O sacerdote segue somente a lei e não responde às necessidades do irmão; o levita segue o ritual e preocupa-se com a hierarquia. Apenas o samaritano foi capaz de VER.

Ainda há uma outra simbologia. Jerusalém, cidade no alto (“Sobe a Jerusalém...”) representa a vida, a excelência, a busca do espiritual. A descida a Jericó simboliza a decadência, expressa por meio de nossos limites, insatisfações e até solidões.

Com Jesus, na figura do samaritano, temos de aprender a ver o interior da pessoa, suas feridas e descidas. Como? Mostrar a aceitação no FAZER, amparando tais com seu testemunho, seu trabalho, sua paciência. Procurar ser próximo, oferecer abertura, mostrar disponibilidade, conter-se na crítica, não se intrometer na vida. Escutar o outro com atenção e interesse real. Sair das comodidades diárias; não duvidar de que temos condições e capacidade para o serviço misericordioso ao próximo. Fazer como o samaritano: aproxima-se, auxilia, dá condições de o ferido se curar, e depois disso, vai cuidar da própria vida.

Concluindo. Numa época em que o medo da decepção com o “irmão” tem levado algumas pessoas a optarem por uma vida espiritual estritamente particular, privada, sem a presença “do outro”, Jesus afirma que Ele escolheu se fazer presente “onde dois ou mais estiverem reunidos em seu nome” (Mt 18,20). Isso significa que sempre que insistirmos em viver uma fé individualista, uma religião individualista, Jesus não estará ali. Quem se fecha no individualismo, quem cria pequenos grupos religiosos de pessoas que “pensam iguais”, não está fazendo isso “em nome de Jesus”, mas em nome da sua dificuldade em conviver com os outros, em nome do seu farisaísmo em achar-se melhor do que “os outros”, não passível de erro como “os outros”. O caminho para Deus passa necessariamente pela minha convivência com o “meu irmão”.

“De imediato a parábola faz-nos pousar o olhar claramente naqueles que passam ao largo. Esta perigosa indiferença que leva a não parar, inocente ou não, fruto do desprezo ou duma triste distração, faz das duas personagens – o sacerdote e o levita – um reflexo não menos triste daquela distância menosprezadora que te isola da realidade.

Há muitas maneiras de passar ao largo, que são complementares: uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros, ficar indiferente; outra seria olhar só para fora. Relativamente a esta última maneira de passar ao largo, nalguns países ou em certos setores deles, verifica-se um desprezo dos pobres e da sua cultura, bem como um viver com o olhar voltado para fora, como se um projeto de país importado procurasse ocupar o seu lugar. Assim se pode justificar a indiferença de alguns, pois aqueles que poderiam tocar os seus corações com as suas reivindicações simplesmente não existem; estão fora do seu horizonte de interesses.” (*Fratelli Tutti*)

Reforçando: Jesus não nos chama para sermos servidores de Deus mas sim servidores do homem por amor a Deus. Como conclusão: **“Vai e faze o mesmo”**.
Amém.

9. Entendendo a história

Os judeus não se davam com os samaritanos porque eles consideravam os samaritanos um povo mestiço e sincrético. O conflito entre judeus e samaritanos remonta aos tempos do Antigo Testamento.

Para entender melhor por que os judeus não se davam com os samaritanos é preciso considerar, primeiramente, o contexto histórico da monarquia em Israel. Após a morte do rei Salomão, o reino de Israel, formado por suas doze tribos, foi dividido em duas partes, cada qual com seu próprio rei. A parte norte fixou sua capital em Samaria; enquanto a parte sul continuou tendo Jerusalém como sua capital política e religiosa conforme estabelecido pelo rei Davi.

O Reino do Norte foi sendo progressivamente tomado por estrangeiros e logo Samaria caiu diante do Império Assírio. A queda de Samaria, que culminou numa miscigenação de seus habitantes, foi o ponto de partida do ódio entre judeus e samaritanos que se estendeu pelos séculos seguintes.

Em primeiro lugar, podemos dizer que os judeus não se davam com os samaritanos por causa de sua mistura com outros povos. Os judeus consideravam que os samaritanos não tinham sangue puro. Eram israelitas que se misturaram com outros povos. Principalmente através do casamento entre israelitas e estrangeiros, um povo mestiço foi sendo formado em Samaria. Por isso, na sequência da história, a palavra “samaritano” passou a designar especialmente esse povo misto da região de Samaria.

Em segundo lugar, os judeus não se davam com os samaritanos por causa de diferenças substanciais no aspecto religioso. Com o tempo os samaritanos edificaram seu próprio templo de adoração no Monte Gerizim e tiveram seus próprios sacerdotes. Eles também passaram a considerar a adoração no Templo em Jerusalém inapropriada, alegando, inclusive, que o Monte Gerizim era o único local correto de adoração designado por Deus a Moisés, ao invés do Monte Sião. Esses samaritanos monoteístas criam no único Deus e consideravam apenas a Torá como Escritura e eles desprezavam os escritos proféticos e outras tradições judaicas.

O Senhor Jesus, por outro lado, em nenhum momento aprovou ou fomentou esse ódio entre judeus e samaritanos. Jesus Cristo também anunciou o Reino de Deus aos samaritanos. Ele esteve em Siquém, uma cidade que reunia muitos samaritanos. Sua hospitalidade para com os samaritanos chegou a impressionar a mulher samaritana junto ao poço de Jacó (João 4:9).

Quando Jesus curou dez leprosos, o único que voltou para agradecer-lhe foi um samaritano. Mais tarde Jesus também repreendeu o apóstolo Tiago e o apóstolo João que queriam ver a destruição de um vilarejo samaritano que não demonstrou hospitalidade (Lucas 9:52-56).

Por fim, após a ressurreição, o Senhor Jesus também indicou que em Sua Igreja não havia espaço para o ódio entre judeus e samaritanos (Atos 1:8). Sua obra expiatória reuniu judeus, samaritanos e gentios na constituição de seu povo santo. Por isso, apesar da rivalidade entre judeus e samaritanos, o Evangelho foi anunciado na região de Samaria e muitos samaritanos foram convertidos a Cristo (Atos 8).

10. Mensagem

Quando você é bom para os outros, você se torna melhor para si mesmo...

Quando a sua motivação é ferir, você é que será ferido.

Quando a sua motivação é enganar, você é que será enganado.

Se a sua motivação é lesar, você fatalmente será lesado...

Se a sua motivação é a de dar, você irá receber em retorno.

Se a sua motivação é a de ensinar, você é quem irá aprender.

Quando a sua motivação é a de, genuinamente, apreciar, você é quem será admirado.

Quando a sua motivação é ajudar, você é quem será ajudado.

Se a sua motivação é nutrir, você é quem será fortalecido...

Deus, ao lhe criar, estabeleceu certos princípios que jamais serão quebrados, princípios estes que estão acima de todo e qualquer avanço tecnológico. Você não deve fugir das suas motivações, mesmo que elas sejam direcionadas para outras pessoas. À semelhança de um bumerangue, elas sempre voltam para você. As suas motivações irão levá-lo para frente ou para trás, dependendo da maneira como você decide agir. A sinceridade e a integridade das suas motivações irão, fatalmente, afetar a qualidade da sua vida. (Mons. André Sampaio)

11. Vamos cantar o Novo Samaritano:

<https://youtu.be/4aHJEwKrbA0>

**R: O bom samaritano... O bom samaritano
Quem é? Quem será? O bom samaritano.**

Quando alguém cai bem perto de você,
Qual reação que o outro vai merecer?
Bem do seu lado o que você vai fazer?

Vai fingir que não vê? Ou estender a mão e socorrer? **R.**

A todo momento nós podemos ajudar,
É você que decide a quem auxiliar.
Na escola, na rua, em casa, em qualquer lugar...
Vai fingir que não vê?
Ou estender a mão e socorrer? **R.**

12. Vida de santo

O Papa Francisco tem insistido muito na importância de aproximar-se dos enfermos e assim “tocar a carne de Cristo”. Ao canonizar a **Santa Guadalupe García**, Francisco disse: «Renunciar a uma vida cômoda para seguir ao chamado de Jesus amar a pobreza para poder amar mais aos pobres, enfermos e abandonados, para servir-lhes com ternura e compaixão, isto se chama “tocar a carne de Cristo”. Jesus tocava os enfermos e se deixava tocar por eles e pelos pecadores.

Conte a história desta santa na reunião.

Amem os seus inimigos

1. Prepare o seu coração. Jesus nos mandou amar os inimigos. Essa atitude cristã supera o comportamento humano digamos “normal” que seria amar os amigos e ter raiva dos inimigos ou não se importar com eles. Viver na fé em Jesus Cristo nos faz superar essa posição.

Ter raiva é uma coisa natural. Deixar que a raiva tome conta da gente, aí é que não dá. Permitir que a raiva se transforme em rancor, ódio e nos cegue em nossas atitudes, aí não. Segundo o ensinamento de Jesus, o melhor caminho é acalmar o coração e tentar ver em quem nos ofende ou nos agride um irmão, uma pessoa que está equivocada, mas continua a merecer nossa consideração. Não lhe responder na mesma medida, não lhe desejar o mal, antes preservar sua boa imagem, querer o seu bem, rezar por ele ou por ela. É o que Jesus está nos dizendo neste evangelho

2. Conversando sobre a **Palavra - Lc 6, 27-38**

3. Comentários

Amar o próximo é o mandamento. Amar a Deus e amar o próximo. E quando o próximo é o nosso inimigo ou a nossa inimiga? Amar os seus inimigos é o trabalhoso caminho da perfeição. Disse Jesus: “Assim vocês serão filhos do Altíssimo, porque ele é bom para com os ingratos e os maus”. O Pai é o modelo para o filho. O nosso Pai trata bem os maus, porque ele é pai de todos e a todos ama. Como filhos, nós devemos imitá-Lo.

O dom da filiação divina, nós o recebemos no batismo, por meio do Espírito Santo. Somos filhos de Deus. Mas Jesus está nos dizendo “assim vocês serão filhos do Altíssimo”. Então, mesmo tendo recebido a graça de sermos filhos de Deus, precisamos aprender a agir como Ele, neste caso, amando os nossos inimigos. Na carta aos Hebreus, a esse propósito, há uma passagem interessante sobre Jesus que aprendeu a ser um filho obediente. “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu”. (Hebreus 5,8). Pelo sofrimento, Jesus aprendeu a obediência de filho sendo nosso maior exemplo. Na cruz, humilhado, traído, torturado, só pediu ao Pai que perdoasse seus algozes, porque “eles não sabem o que fazem”. Rezou por eles. Também por eles deu a vida.

Jesus está chamando a nossa atenção para o diferencial do cristão. Não agir como os pagãos ou pessoas reconhecidamente longe de Deus. Eles amam os seus amigos, tratam bem os seus iguais. Aos inimigos, eles pisam, maltratam, prejudicam. E

acham tudo normal. Nós não podemos agir assim. Temos que imitar o Pai. Temos que imitar Jesus. Amar os inimigos, rezar pelos que nos perseguem, fazer o bem a quem nos maltrata, movidos também pela compaixão que tem duas faces: tenho de ver a pessoa como um ser humano como eu, meu irmão e minha irmã. E sabê-la diferente de mim.

Amar outra pessoa é vê-la como semelhante a nós, outro ser humano. Santo Agostinho dizia que o amigo é “outro eu” e escreveu: “Concordo com o poeta que chamava ao seu amigo “metade da sua própria alma” e, portanto, entender sua realidade.

A outra face da compaixão é aceitar que a outro pessoa **não** é igual a mim. A outra também é única e eu não posso conhecer seu íntimo exatamente como ela também não me conhece.

4. Troca de ideias. a) Identifique, hoje, na sua história de vida, alguém que lhe tenha feito muito mal. Ou a um dos seus. Como agiu? Agora ainda agiria assim? Fale com Jesus, em sua oração, pedindo-lhe forças para perdoar essa pessoa se ainda não a perdoou. b) Alguém o considera inimigo? Não gosta de você? Sabe o motivo? Você tentou melhorar o relacionamento?

5. Oração. Senhor Jesus Cristo, Tu me convidas a permitir que a minha vida destrave e volte a fluir, por meio do perdão. Liberta-me da prisão do ressentimento. Que eu saiba me defender das pessoas sem tornar-me uma pessoa desumana. Que eu combata o mal que há no mundo perseverando na força do Teu amor e confiança no perdão como remédio poderoso para curar os males dos desencontros humanos. Amém.

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Aprofundando

Se nós não perdoamos, impedimos que o perdão de Deus chegue a nós.

São Paulo também nos exorta: “Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente toda vez que tiverdes queixas contra os outros. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós” (Col 3, 13).

Pedir perdão a Deus é fácil, mas conceder o perdão aos outros na maioria das vezes é difícil e agimos como o servo mau que foi perdoado no muito que devia, e não soube perdoar seu próximo no pouco que lhe era devido (Mt 18, 23-35).

Perdoar de coração deveria nos levar a esquecer toda injustiça sofrida, mas nem sempre conseguimos e nem sempre voltamos a um relacionamento normal com a pessoa perdoada; isso não deve nos impedir de, à luz do Espírito Santo, exercitar e

aprimorar o perdão, pois nem sempre e na maioria das vezes um ato de vontade pode eliminar uma lembrança. No diálogo com Pedro, Nosso Senhor Jesus ensina que devemos perdoar sempre. Está aí uma coisa difícil: amar os inimigos. Mas esse é o jeito certo de o cristão ser.

A misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdando, transforma e muda a vida. É assim que se manifesta o seu mistério divino. Deus é misericordioso (Ex 34, 6), a sua misericórdia é eterna (Sal 136/135); de geração em geração abraça cada pessoa que confia n'Ele e transforma-a, dando-lhe a sua própria vida.

Imaginemos nós não comungarmos com os ideais de vida entre os membros da família? E termos que conviver, respeitar? Costumamos logo a nos afastar, discutir, brigar?

A verdadeira compaixão significa que olhamos para as pessoas com amor, mas também nos deixamos ver. Se só olharmos, estamos sendo apenas superiores. Não precisamos esconder nossas fraquezas, as nossas dúvidas, as nossas inseguranças. Não criemos fachadas de nós mesmos. Também erramos. Em alguma situação também fui o inimigo do irmão, mesmo involuntariamente.

O Evangelho de Lc 7, 36-50 nos chama a ficar atentos ao perdão que o Senhor nos oferece: «Teus pecados estão perdoados» (Lc 7,48). É preciso que os cristãos nos lembremos de duas coisas: que devemos perdoar sem julgar a pessoa e amar muito porque fomos perdoados gratuitamente por Deus. Gera-se um duplo movimento: o perdão recebido e o perdão amoroso que devemos dar. «Caso alguém o insulte, não lhe jogue a culpa, jogue-a ao demônio que, em todo caso, é quem faz insultar e descarregue nele toda sua ira; em troca, compadeça ao desgraçado que faz o que o diabo lhe mandar» (São João Crisóstomo). Não se deve julgar a pessoa, mas reprovar sua má ação, pois são as ações que nos distanciam do amor de Deus. Nós, então, devemos estar sempre dispostos a perdoar, acolher e amar a pessoa, mas a rejeitar aquelas ações contrárias ao amor de Deus. «Quem peca fere a honra de Deus e o seu amor, sua própria dignidade de homem chamado a ser filho de Deus e o bem espiritual da Igreja, da qual cada cristão deve ser pedra viva» (Catecismo da Igreja, n. 1487).

Através do Sacramento da Penitência, a pessoa tem a possibilidade e a oportunidade de refazer sua relação com Deus e com toda a Igreja. A resposta ao perdão recebido, só pode ser o amor. A recuperação da graça e a reconciliação nos levará a amar com um amor divinizado.

Qualquer que seja o seu passado, ou o que você tenha feito (*mentir, adulterar, enganar, maus hábitos, ódio, raiva, amargura, blasfêmias interiores*), seja o que for, você precisa saber que Deus viu tudo como aconteceu. Ele conhece toda a nossa vida e nada está oculto a seus olhos. Ele quer apenas que você saiba que Ele o ama e que está sempre disposto a lhe perdoar. E na liberdade que Ele mesmo lhe deu, Ele apenas fica pacientemente esperando o tempo que você vai deixar a situação fazer de você um

escravo. Deus só está esperando você pedir perdão, já que Ele não só perdoa, mas Ele se esquece de nossas iniquidades.

Ajuda-nos, Senhor, a tirar do nosso coração todo sentimento de rancor, de ódio, de vingança. Ajuda-nos a cultivar o amor cristão que vê no outro, mesmo no inimigo, um irmão ou uma irmã que precisa encontrar o caminho do bem. Abençoa, Senhor, os que nos fazem o mal. Eles também precisam encontrar a graça da conversão. Seja bendito o teu santo nome, hoje e sempre. Dá-me força para perdoar aqueles e aquelas que me fizeram tanto mal. Amém.

9. Mensagem em forma de Oração

*Tu nos ofereces o perdão
não nos pedes negociá-lo contigo na base de castigos e contratos.
“Teu pecado está perdoado. Não peques mais.
Vai e vive sem temor.
E não carregues o cadáver de ontem sobre teu ombro livre”*

*Não nos pedes sanear a dívida impagável
de havermo-nos voltado contra Ti.
Ofereces-nos uma vida nova sem ter que trabalhar abrumados pela angústia,
pagando os juros de uma conta infinita.*

*Nos perdoas de todo coração.
Não és um Deus de tantos por cento no amor
“A este setenta e cinco e ao outro apenas vinte e três.”
Façamos o que fazamos, somos filhos cem por cento.*

*Teu perdão é para todos.
Não apenas carregas sobre o ombro
a ovelha perdida, mas também o lobo manchado com o sangue da ovelha.*

Perdoas sempre setenta vezes sete.

*Saltas ao caminho para acolher nosso regresso,
sem fechar-nos o rosto nem racionar-nos a palavra por nossas fugas repetidas.*

*Com o perdão nos dás o júbilo.
Não queres que ruminemos em um canto da casa
nosso passado partido, mas que celebremos a festa de todos os irmãos,
vestidos de gala e de perfume, entrando em tua alegria.*

*Pedimos-te no Pai Nosso:
“Perdoa-nos como perdoamos”
Hoje te pedimos mais ainda:
ensina-nos a perdoar os outros e a nós mesmos
como tu nos perdoas. (Benjamin González Buelta)*

10. Vida real

Lincoln, presidente americano, experimentou o caminho do amor e legou à História um drama magnífico de reconciliação. Quando da sua campanha eleitoral para Presidente, um dos seus mais acérrimos inimigos era um homem chamado Stanton que, por qualquer razão, odiava Lincoln. Todas as suas energias eram empregadas para o diminuir aos olhos do público e tamanho era o ódio que sentia, que chegava a usar expressões injuriosas sobre o seu aspecto físico, procurando ao mesmo tempo embarçá-lo com as mais azedas diatribes (ofensas). Mas, apesar de tudo, Lincoln foi eleito Presidente dos Estados Unidos. Chegou então a hora de constituir o seu gabinete e nomear as pessoas que, mais de perto, teriam de participar na elaboração do seu programa. Começou por escolher um ou outro para as diversas pastas e, por fim, foi preciso preencher a mais importante, que era a da Guerra. Imaginai agora quem ele foi buscar: nada menos do que o tal homem chamado Stanton. Houve imediatamente grande agitação lá dentro quando a notícia começou a espalhar-se, e vários conselheiros vieram dizer-lhe: *“O Senhor Presidente está laborando num grande erro. Sabe quem é esse Stanton? Está lembrado do que ele disse a seu respeito? Olhe que ele é seu inimigo e vai tentar sabotar a sua política. Pensou bem no que vai fazer?”* A resposta de Lincoln foi nítida e concisa: *“Sei muito bem quem é Stanton, e as coisas desagradáveis que tem dito de mim. Considerando, porém, o interesse da nação, julgo ser o homem indicado para este cargo”*. Foi assim que Stanton se tornou Secretário da Guerra do governo de Abraão Lincoln e prestou inestimáveis serviços ao país e ao seu Presidente.

Alguns anos mais tarde, Lincoln foi assassinado e grandes elogios lhe foram feitos. Ainda hoje milhões de pessoas o veneram como a maior homem da América. H. G. Wells considerava-o um dos seis maiores vultos da História. Mas de todos os elogios que lhe fizeram, os maiores são constituídos, decerto, pelas palavras de Stanton. Junto do corpo do homem que ele odiara, Stanton a ele se referiu como um dos maiores homens que jamais tivesse existido, e acrescentou: *“agora pertence à História”*.

Se Lincoln tivesse retribuído o ódio com ódio, ambos teriam ido para a sepultura como inimigos implacáveis, mas, pelo amor, Lincoln transformou um inimigo num amigo. Foi essa mesma atitude que tornou possível, durante a Guerra Civil – e quando os ânimos estavam mais azedos – uma palavra sua a favor do Sul. Abordado então por uma assistente escandalizada, Lincoln retorquiu: *“Minha Senhora, não será fazendo deles meus amigos que destruirei os meus inimigos?”*

Este é o poder do amor que redime.

11. Vamos cantar? “É como a chuva que lava” (Padre Zezinho)

<https://youtu.be/rVhD1ndBNbw>

É como a chuva que lava
É como o fogo que arrasa
Tua palavra é assim
Não passa por mim sem deixar um sinal

Tenho medo de não responder
De fingir que eu não escutei
Tenho medo de ouvir o teu chamado
Virar do outro lado
E fingir que não sei

Tenho medo de não perceber
De não ver o teu amor passar
Tenho medo de estar
Distraído, magoado, ferido
E então me fechar

Tenho medo de estar a gritar
E negar o meu coração
Tenho medo de cristo que passa
Oferece uma graça
E eu digo que não

12. Em casa. O Santo Papa João Paulo II perdoou o terrorista pela tentativa de homicídio. Conte este fato na reunião.

Justiça e misericórdia

(Assunto difícil, complexo, polêmico, por isso tem bastante informação aqui. A maioria extraída de *Misericordia Vultus*. Conversem bastante).

1. O tema da misericórdia não surgiu no pensamento de João Paulo II quando ele estava sentado à mesa de seu escritório. Este Papa conheceu como nenhum outro, e padeceu na sua própria carne, a história do sofrimento da sua época. Cresceu nas proximidades de Auschwitz; na juventude, nos seus primeiros anos de sacerdote e na época em que foi bispo de Cracóvia, viveu os horrores das duas guerras mundiais e de brutais sistemas totalitários, experimentando muitas tribulações no seu povo e na sua própria vida. O seu pontificado ficou marcado pelas consequências de um atentado e, nos últimos anos de sua vida, pelo sofrimento pessoal. O testemunho do seu sofrimento foi uma homilia mais eloquente do que muitas das homilias que proferiu e do que os inúmeros documentos que escreveu.

Durante uma visita a um subúrbio de Cracóvia, em 1997, o papa disse que a história tinha inscrito o tema misericórdia na trágica experiência da Segunda Guerra Mundial como uma ajuda especial e uma inesgotável fonte de esperança. E foi essa imagem que assinalou seu pontificado.

2. Conversando sobre a **Palavra - Mt 20, 1-16**

3. **Comentários dialogados**

1- Pai, tua graça e teu amor me visitam nas horas mais imprevistas do meu dia. Constantemente, o Senhor passa e me chama a trabalhar na tua vinha. Quero acolher o teu chamado; quero abraçar o momento em que a tua graça passa e me alegrar por fazer parte a Igreja, da assembleia dos que foram chamados por ti a serem salvos em teu Filho Jesus.

Ó Jesus, manifestação viva do amor gratuito do Pai, a salvação que nos ofereces não depende dos nossos méritos, nem do tempo que dedicamos ao teu serviço. Não é reservada a poucos privilegiados, mas está aberta a todos os que, a qualquer hora, te buscam de coração sincero. Amém.

2- a) Que é denário? Quanto valia? b) Que é undécima hora? Por quê? c) Que são “chapas”? Esses homens seriam “chapas”? d) Qual a relação deste texto com Deuteronômio 24:14-15?

No Reino não existem marginalizados. Todos têm o mesmo direito de participar da bondade e misericórdia divinas, que superam tudo o que os homens consideram como justiça. No Reino não há lugar para o ciúme. Aqueles que julgam possuir mais méritos do que os outros devem aprender que o Reino é dom gratuito. Ao pagar o salário integral aos trabalhadores que chegaram ao final do dia, o senhor da vinha demonstrou uma bondade que vai além da justiça, mas sem ofendê-la;

4. Troca de ideias. a) Acha justo o pagamento igual a todos? b) Como você se classifica em relação ao chamado de Deus? Trabalhador da primeira hora? c) Num nível mais profundo, somos todos os trabalhadores da última hora. Mudando a metáfora, somos todos convidados de honra no reino de Deus. Não é realmente necessário decidir quem são os trabalhadores da última hora. O ponto da parábola é que Deus salva pela graça e não pela nossa dignidade. E se aplica a todos nós. Voltemos à pergunta da letra a. Comente-a. d) Os primeiros (aqueles que mantêm uma aliança com Deus desde o tempo de Abraão) devem se escandalizar com o fato de Deus admitir em seu Reino também os que chegaram mais tarde, os pecadores e pagãos?

5. Oração. Senhor, nosso Pai, que a paixão de Vosso Filho ilumine os nossos caminhos e nos ajude a estarmos sempre prontos a carregar o jugo que seu amor nos fará leve. Fazei, Senhor, que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao conhecimento da verdade. Em Vossa misericórdia, tende piedade de nós. Sede nosso amparo no tempo da provação. Ensinai-nos a carregar os fardos uns dos outros e juntos vivermos a Vossa vontade.

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Texto de apoio

Também o apóstolo Paulo fez um percurso tortuoso. Antes de encontrar Cristo no caminho de Damasco, a sua vida era dedicada a servir de maneira irrepreensível a justiça da lei (Fl 3, 6). A conversão a Cristo levou-o a inverter a sua visão, a ponto de afirmar na Carta aos Gálatas: «Também nós acreditamos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei » (2, 16). A sua compreensão da justiça muda radicalmente: Paulo agora põe em primeiro lugar a fé e já não a lei. Não é a observância da lei que salva, mas a fé em Jesus

Cristo, pela sua morte e ressurreição, traz a salvação com a misericórdia que justifica. A justiça de Deus torna-se agora a libertação para quantos estão oprimidos pela escravidão do pecado e todas as suas consequências. A justiça de Deus é o seu perdão (Sl 51/50, 11-16).

A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar. A experiência do profeta Oseias ajuda-nos, mostrando-nos a superação da justiça na linha da misericórdia. A época em que viveu este profeta conta-se entre as mais dramáticas da história do povo judeu. O Reino está próximo da destruição; o povo não permaneceu fiel à aliança, afastou-se de Deus e perdeu a fé dos pais. Segundo uma lógica humana, é justo que Deus pense em rejeitar o povo infiel: não observou o pacto estipulado e, conseqüentemente, merece a devida pena, ou seja, o exílio. Assim o atestam as palavras do profeta: « Não voltará para o Egito, mas a Assíria será o seu rei, porque recusaram converter-se » (Os 11, 5). E, todavia, depois desta reação que faz apelo à justiça, o profeta muda radicalmente a sua linguagem e revela o verdadeiro rosto de Deus: « O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas. Não desafogarei o furor da minha cólera, não voltarei a destruir Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira » (11, 8-9). Santo Agostinho, de certo modo comentando as palavras do profeta, diz: « É mais fácil que Deus contenha a ira do que a misericórdia ». É mesmo assim! A ira de Deus dura um instante, ao passo que a sua misericórdia é eterna.

Se Deus se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus; seria como todos os homens que clamam pelo respeito da lei. A justiça por si só não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir. Por isso Deus, com a misericórdia e o perdão, passa além da justiça. Isto não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Antes pelo contrário! Quem erra, deve descontar a pena; só que isto não é o fim, mas o início da conversão, porque se experimenta a ternura do perdão. Deus não rejeita a justiça. Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que está na base duma verdadeira justiça.

Devemos prestar muita atenção àquilo que escreve Paulo, para não cair no mesmo erro que o apóstolo censurava nos judeus seus contemporâneos: « Por não terem reconhecido a justiça que vem de Deus e terem procurado estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus. É que o fim da Lei é Cristo, para que, deste modo, a justiça seja concedida a todo o que tem fé » (Rm 10, 3-4). Esta justiça de Deus é a misericórdia concedida a todos como graça, em virtude da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Portanto a Cruz de Cristo é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre o mundo, porque nos oferece a certeza do amor e da vida nova.

Na Bíblia, as virtudes da misericórdia e da compaixão são mencionadas em várias formas centenas de vezes, especialmente na descrição da natureza de Deus. Em vez de nos dar o que merecemos, Deus tem demonstrado misericórdia repetidas vezes, não para tirar a nossa responsabilidade, mas para nos dar uma chance de nos arrependermos e sermos salvos. Podemos nos perguntar: O que fizemos com essa oportunidade?

Como destinatários indignos da misericórdia de Deus, nada mais seria apropriado do que nós mesmos mostrarmos misericórdia e compaixão sem reservas por outras pessoas. Na verdade, somos ordenados a ser misericordiosos como Deus é

misericordioso! A Bíblia fala até sobre compaixão e cuidado com animais. Compaixão é compartilhar a dor e o sofrimento dos outros e trabalhar ativamente para ajudá-los. Nosso maior exemplo nisto é o próprio Jesus, que tomou sobre Si a natureza humana, dando a Sua vida para abrir um caminho de salvação eterna para nós.

Podemos também abrir nossos corações a outros, amigos e estranhos, e aprender a amar desinteressadamente, como fomos amados? Considere uma seleção das centenas de versículos sobre misericórdia e compaixão na Bíblia.

Exemplos: Êxodo 34:6-7. Deuteronômio 7:9. 2 Samuel 22:26. Miquéias 7:18-19. Efésios 2:4-5. João 3:16. Marcos 6:34.

9. Iluminando

É evidente que exigência tão generosa em perdoar não anula as exigências objetivas da justiça. A justiça bem entendida constitui, por assim dizer, a finalidade do perdão. Em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, nem mesmo a misericórdia como sua fonte, significam indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada ou os ultrajes. Em todos estes casos, a **reparação** do mal ou do escândalo, a compensação do prejuízo causado e a satisfação da ofensa são condição do perdão.

“Perdoar não significa permitir que continuem a espezinhar a própria dignidade e a do outro, ou deixar que um criminoso continue a fazer mal. Quem sofre injustiça tem de defender vigorosamente os seus direitos e os da sua família, precisamente porque deve guardar a dignidade que lhes foi dada, uma dignidade que Deus ama. Se um delinquente cometeu um delito contra mim ou contra um ente querido, ninguém me proíbe de exigir justiça e me acautelar para que essa pessoa – ou qualquer outra – não volte a lesar-me nem cause a outros o mesmo dano. Compete-me fazê-lo, e o perdão não só não anula esta necessidade, mas reclama-a.

Aqueles que perdoam de verdade não esquecem, mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que os lesou. Quebram o círculo vicioso, freiam o avanço das forças da destruição. Decidem não continuar a injetar na sociedade a energia da vingança que, mais cedo ou mais tarde, acaba por cair novamente sobre eles próprios. Com efeito, a vingança nunca sacia verdadeiramente a insatisfação das vítimas. Há crimes tão horrendos e cruéis que, fazer sofrer quem os cometeu, não serve para sentir que se reparou o dano; não bastaria sequer matar o criminoso, nem se poderiam encontrar torturas comparáveis àquilo que pode ter sofrido a vítima. A vingança não resolve nada.

Também não estamos a falar de impunidade. Mas a justiça procura-se de modo adequado só por amor à própria justiça, por respeito das vítimas, para evitar novos crimes e visando preservar o bem comum, não como a suposta descarga do próprio rancor. O perdão é precisamente o que permite buscar a justiça sem cair no círculo vicioso da vingança nem na injustiça do esquecimento.

Se houve injustiças de parte a parte, é preciso reconhecer claramente a possibilidade de não terem tido a mesma gravidade ou de não serem comparáveis. A violência exercida a partir das estruturas e do poder do Estado não está ao mesmo nível que a violência de grupos particulares. Em todo o caso, não se pode pretender que sejam recordados apenas os sofrimentos injustos duma das partes. Como ensinaram os bispos da Croácia, «devemos o mesmo respeito a toda a vítima inocente. Aqui não pode haver diferenças étnicas, confessionais, nacionais ou políticas» (Fratelli Tutti).

Assim, a estrutura fundamental da justiça penetra sempre no campo da misericórdia. Esta, no entanto, tem o condão de conferir à justiça um conteúdo novo, que se exprime do modo mais simples e pleno, no perdão. O perdão manifesta que, além do processo de «compensação» e de «trégua» que é a característica da justiça, é necessário o amor para que o homem se afirme como tal. O cumprimento das condições da justiça é indispensável, sobretudo, para que o amor possa revelar a sua própria fisionomia.

Em um primeiro momento pode-se pensar que estes dois conceitos justiça e misericórdia são contrários e incompatíveis. Mas não é assim, se os consideramos e os valorizarmos desde a revelação bíblica e dentro do marco da fé cristã. Certamente a justiça é entendida também em muitos textos bíblicos como o fiel cumprimento da lei e como exigência de um comportamento humano em conformidade com os mandamentos dados por Deus (Sl 119,1-8). Porém diz o Papa que essa perspectiva, unilateralmente contemplada, teve e tem em todas as culturas o perigo de cair em um legalismo superficial, esquecendo ou relegando o sentido mais valioso e positivo da verdadeira justiça.

Com o fim de superar esse perigo legalista, é preciso recordar que a aceitação primordial e mais original da justiça na Sagrada Escritura é a de ser um dom gratuito e um projeto salvífico de Deus em favor do homem. A justiça, com efeito, tem como objetivo principal a salvação e a felicidade humana.

Neste contexto temos de situar aquela severa crítica de Jesus aos fariseus e mestres da lei: “Ai de vós que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omittis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importava praticar essas coisas, mas sem omitir aquelas. Condutores cegos, que coais o mosquito e tragais o camelo!” (Mt 23, 23-24). “Não é estranho, diz o Papa Francisco, que Jesus tivesse sido rejeitado pelos fariseus e doutores defensores da lei pela lei, já que eles punham só cargas sobre os ombros das pessoas, frustrando assim a misericórdia de Deus Pai?”.

Diante de qualquer forma de legalismo, Jesus fez suas aquelas palavras do profeta Oséias: “Eu quero misericórdia, não sacrifícios, conhecimento de Deus, mais do que holocaustos (Mt 9,13). A misericórdia foi, sem dúvida, a dimensão básica da atitude pessoal de Jesus e o princípio fundamental de sua missão. Desde uma visão autenticamente cristã, a justiça e a misericórdia não são incompatíveis, mas se exigem e complementam mutuamente. Mostrar misericórdia não significa menosprezar a justiça, “mas englobá-la e superá-la num evento superior”. A misericórdia e a justiça,

estritamente relacionadas e implicadas entre si, tiveram sua plena e definitiva expressão e cumprimento na vida, morte e ressurreição de Jesus.

A lei e sua aplicação em justiça são fundamentais para o reto funcionamento da vida social, sempre que se trate de uma lei “justa”, de acordo com a dignidade das pessoas e seus direitos fundamentais. Neste sentido, administrar a justiça é aplicar corretamente a lei. A justiça humana se atém à lei. Mas as relações humanas são mais do que a lei, e o amor e a misericórdia a superam, não a anulando, mas indo “mais além”, o que o Papa chama “a superação da justiça em direção à misericórdia”.

É verdade que na Bíblia se fala, também, de “castigo” de Deus, porém se trata de um castigo sempre medicinal. O castigo não é a última palavra em Deus. Se nos afastarmos dele será por nossa obstinação, porque nos obstinamos em permanecer no mal. Porque o mal é real e é possível obstinar-se nele. De qualquer maneira, estamos aqui diante do mistério de Deus, que nunca podemos decifrar completamente com nossos esquemas humanos. Permanece a grande afirmação da carta de São João: “Deus é amor” (1Jo 4,8), e o convite de Jesus: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso (Lc 6,36), que, se colocamos junto ao que encontramos em Mateus, “Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5,48) nos sugerem que a perfeição de Deus é sua misericórdia e a ela Ele nos convida imitar. Essa mensagem do amor misericordioso de Deus não nos deve levar a tomar nossa relação com Ele de forma leviana (se é bom e perdoa, para que esforçar-se tanto?), mas, ao contrário, a responder com uma vida de amor ao amor de Deus, ao Amor que é Deus. O temor pelo castigo é um estágio imperfeito (às vezes, quiçá, pedagogicamente necessário, porque os humanos somos assim). Entretanto a perfeição está no amor. “No amor não há temor; antes, o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em amor” (1Jo 4,18). *Dom Washington Cruz: Arcebispo de Goiânia (GO). CNBB, 11-03-2016.

10. Vamos cantar? Sol de primavera (Beto Guedes)

<https://youtu.be/41cdcdtP8NU>

Quando entrar setembro
E a boa nova andar nos campos
Quero ver brotar o perdão
Onde a gente plantou
Juntos outra vez

Já sonhamos juntos
Semeando as canções no vento
Quero ver crescer nossa voz
No que falta sonhar

Já choramos muito

Muitos se perderam no caminho
Mesmo assim não custa inventar
Uma nova canção
Que venha nos trazer
Sol de primavera
Abre as janelas do meu peito
A lição sabemos de cor
Só nos resta aprender

11. Exemplificando

Padre Pio de Pietrelcina (1887-1968)

Como resposta aos estragos causados durante a Segunda Guerra Mundial, Padre Pio fundou os “Grupos de Oração do Padre Pio”. Quando morreu existiam 726 e os quais contavam com 68 mil membros. Em 5 de maio de 1956 fundou junto a seus amigos a “Casa Alívio do Sofrimento” com o fim de que os doentes se recuperem física e espiritualmente. Seus inimigos o caluniaram e a Santa Sé tirou-lhe a administração de sua obra. O Padre Pio suportou com paciência esta perseguição até sua morte e manteve seu amor e fidelidade à Igreja.

Uma integrante se encarregue de saber mais sobre Padre Pio para partilhar na reunião.

Mensagem. Às vezes também nós somos rígidos na aplicação de regras na família, no lugar de trabalho, na sociedade. Jesus, com o dom da vida, nos deu o critério e a regra principal para o respeito da lei: o amor e o dom da vida pelo outro. Consegue ter o olhar fixo na centralidade da pessoa humana, no cumprimento de toda lei com misericórdia?

Santidade e santos

1. O Papa Francisco, ao publicar a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual (março de 2018), assim concluía:

“Espero que estas páginas sejam úteis para que toda a Igreja se dedique a promover o desejo da santidade. Peçamos ao Espírito Santo que infunda em nós um desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus; e animemo-nos uns aos outros neste propósito. Assim, compartilharemos uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos”. (GE, 177)

Ninguém é chamado a viver uma vida medíocre, mas, sim, uma vida repleta de espiritualidade e de amor a Deus e aos irmãos, como um caminho de santidade. Cada reunião deverá ser um momento ou um degrau no nosso esforço de santificação como pessoa e como comunidade. E não nos esqueçamos o que nos diz o Papa Francisco: "A santidade é o rosto mais belo da Igreja". (GE, 9). É necessário, contudo, que cada um compreenda e faça o seu próprio caminho de santidade, vivendo com amor e testemunhando, onde quer que se encontre, o amor a Deus e aos irmãos. Não desanimes, nos diz o Papa Francisco, “porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade”, uma vez que ela é fruto da graça e da presença de Deus em tua vida. (GE, 15)

2. Conversando sobre a **Palavra - Mt 5, 43-48**

3. Comentários

“Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Cristo convida-nos a amar sem medida, que é a medida do amor verdadeiro. Não o amor interesseiro, que usa de uma “calculadora” para ver se vale a pena ajudar o outro. Assim, a perfeição proposta por Jesus é o amor gratuito, incondicional, magnânimo e não o que convém por esperar algo em troca. Esta Palavra nos ensina que a fonte original e a medida da santidade estão em Deus, porque só pelo amor divino é que podemos ser perfeitos como o Pai celeste é perfeito “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele”. (1Jo 4,16) De acordo com o Papa Bento XVI, em sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, “essas palavras exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã [...]”. Por que será que Lucas, ao tratar do mesmo tema – o amor aos inimigos –, substitui a expressão de Mateus: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” pela: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso”? (Lc 6,36) Na verdade, é para nos mostrar que é na proximidade compassiva com os pequeninos, os rejeitados e os pecadores que Jesus revela de maneira especial a “perfeição” e a “santidade” de Deus

como Pai. E nos convida a aprender a agir no estilo do Pai e Dele mesmo, com a finalidade de nos tornarmos “filhos do Pai que está nos céus”. A santidade de Deus não é somente exemplo inspirador para cada um de nós cristãos. Ela atua a partir do nosso interior quando traduzimos nossos gestos concretos de amor e partilha, no cotidiano da vida, em favor do outro, seja de alguém que nos ama ou de nossos inimigos. Cristo nos sugere que o “caminho cristão” rumo à perfeição, à santidade, é um caminho nunca acabado, e que precisamos percorrê-lo com nossos olhos postos neste Deus santo que nos espera no final de nossa viagem terrena. Nunca seremos perfeitos igual a Deus. Contudo, o chamado à perfeição deve ser o parâmetro a nos guiar em nossa jornada rumo à pátria celeste. Por isso, temos que pedir ao Senhor que derrame sobre nós um “espírito decidido”, espírito que anime e santifique, todos os dias, as nossas novas proposições, pois é preciso decidir-se pela santidade todos os dias, escolhê-la a cada dia em cada nova situação que se apresente.

4. Troca de ideias. Este trecho de Mateus é de difícil seguimento. a) Conversemos sobre isto: como somos humanos, imperfeitos e pecadores, Jesus nos pede a perfeição (a santidade) por meio da prática do amor, amando nossos inimigos, orando por aqueles que nos perseguem, sendo diferentes dos gentios e publicanos. Na verdade, devemos então amar sem distinção. Na cruz, Jesus perdoou todos aqueles que tiraram sua vida. Do mesmo modo, para sermos perfeitos, temos que perdoar aqueles que tiram vidas; aqueles que cometem violências contra indefesos e inocentes; aqueles que nos ofendem e nos tratam mal; aqueles que não são gentis; aqueles que são indiferentes; aqueles que nos prejudicam. b) Você, na sua juventude, alguma vez pensou que poderia de ser santo? Que conceito fazia de santidade?

5. Oração. Papa Bento XVI sublinha muitas vezes, em seus escritos, a relação que existe entre o amor e a verdade. Senhor, me ajude a ter um olhar verdadeiro, tendo um olhar de amor que se atente à verdade e à necessidade do outro. Ajude-me a olhar as necessidades dos mais vulneráveis, indo ao encontro do irmão ferido em sua dignidade, em seus direitos, em sua natureza humana e divina. Amém.

6. Oração espontânea.

7. Intenções

8. Alargando a compreensão.

Não é necessário que pensemos na santidade como um conjunto de gestos extraordinários ou modos de agir incomuns, raros, distantes da vida das pessoas simples com as quais convivemos. Cada um de nós é chamado à santidade. Cada um é chamado à santidade no seu estado de vida, seja ele qual for. Cada um percorre um caminho próprio e particular de santidade. É importante, portanto, compreender que cada um tem seu próprio caminho, único e irrepetível, de acordo com sua missão: seja a pessoa

individualmente ou o casal. “Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos” (GE, 16), de amor e partilha, de doação, de abnegação, de oração, de participação nos sacramentos, de vida em comunidade, de testemunho, de cuidado do outro, vivendo e realizando a mensagem de Jesus que Deus quer de cada um ao longo de sua vida aqui no mundo. Tudo sendo realizado a partir de um “espírito de santidade”, aberto à ação sobrenatural que purifica e ilumina. (GE, 31). A vocação de todo batizado à santidade está ligada a Cristo.

O que é, então, santidade? Como nos esclarece a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*: (67-94)

- Ser pobre no coração: isto é santidade.
 - Reagir com humilde mansidão: isto é santidade.
 - Saber chorar com os outros: isto é santidade.
 - Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade.
 - Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade.
 - Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade.
 - Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade.
- Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade

Por fim, olhemos os Santos, aqueles que praticaram de forma exemplar a caridade, a misericórdia. Penso, de modo especial, em Martinho de Tours († 397), primeiro soldado, depois monge e Bispo: como se fosse um ícone, ele mostra o valor insubstituível do testemunho individual da caridade. Às portas de Amiens, Martinho partilhara metade do seu manto com um pobre; durante a noite, aparece-lhe num sonho o próprio Jesus trazendo vestido aquele manto, para confirmar a perene validade da sentença evangélica: « Estava nu e destes-Me de vestir (...). Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes » (Mt 25, 36.40).

Mas, na história da Igreja, quantos outros testemunhos podem ser citados! Em particular, todo o movimento monástico, logo desde os seus inícios com Santo Antão Abade († 356), exprime um imenso serviço de caridade para com o próximo. No encontro « face a face » com aquele Deus que é Amor, o monge sente a impelente exigência de transformar toda a sua vida em serviço do próximo, além do de Deus naturalmente. Assim se explicam as grandes estruturas de acolhimento, internamento e tratamento que surgiram ao lado dos mosteiros. De igual modo se explicam as extraordinárias iniciativas de promoção humana e de formação cristã, destinadas primariamente aos mais pobres, de que se ocuparam primeiro as ordens monásticas e mendicantes e, depois, os vários institutos religiosos masculinos e femininos ao longo de toda a história da Igreja.

Figuras de Santos como Francisco de Assis, Inácio de Loyola, João de Deus, Camilo de Lellis, Vicente de Paulo, Luísa de Marillac, José B. Cottolengo, João Bosco,

Luís Orione, Teresa de Calcutá — para citar apenas alguns nomes — permanecem modelos insignes de caridade social para todos os homens de boa vontade.

Na vida de Francisco de Assis, há um episódio que nos mostra o seu coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião: é a sua visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito. A mesma exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, aos poucos recursos que possuía, à distância e às diferenças de língua, cultura e religião. Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes «entre sarracenos e outros infiéis (...), não façais litígios nem contendas, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus». No contexto de então, era um pedido extraordinário. É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma «submissão» humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé. (in Fratelli Tutti)

Os Santos são os verdadeiros portadores de luz dentro da história, porque são homens e mulheres de fé, esperança e caridade. (Papa Bento XVI)

9. Mensagem

“Se não há um momento em que nos libertamos e queremos verdadeiramente nascer do alto, como explicava Jesus a Nicodemos (Jo3), seremos sempre o homem velho. Mesmo que o tempo seja novo, continuaremos envelhecidos. Sejam realistas. A vida adulta é um cemitério de histórias mal resolvidas, de pontas que não sabemos bem como retomar, de coisas que se perderam, de dívidas que temos em relação aos outros ou que os outros têm em relação a nós, de amor que não aconteceu e do insustentável peso da omissão. Quantas vezes as reações que hoje temos, a nossa incapacidade de ser como o pássaro ou como o lírio do campo, não têm a ver com esta prisão que no fundo de nós se enovela, nos aprisiona? Queremos ir mais longe, mas estamos sempre tropeçando no mesmo: não estamos reconciliados! E isso continua deixando-nos desconfiados em relação à vida. A purificação da memória não é apenas uma viagem ao passado. É deixar-se tocar pelo mistério da misericórdia, fazendo disso um sim pleno em relação ao instante presente que vivemos”.

“Quando não nos permitimos que nada nem ninguém nos toque, a nossa dificuldade é com nós mesmos. O problema de fundo é não conseguirmos nos amar, não gostarmos de nós, de nossa cara, do nosso corpo, da nossa idade, da nossa cultura, do que temos ou não temos, do que sabemos ou não. Não gostamos, não amamos. E somos infelizes. E acontece-nos disfarçar essa lacuna num orgulho ou numa autossuficiência que apenas escondem (e escondem mal) a nossa fragilidade profunda. Aprender a amar-se a si mesmo, isto é uma tarefa para uma vida inteira.

É uma coisa que nunca está acabada. Estamos sempre a descobrir o que significa.

Quando nos amamos a nós próprios, sabemos também amar os outros. Multiplicamo-nos em atenções e serviços, e nem sempre isso é amor. Damos até muitas coisas, mas não somos capazes de nos darmos. Não raro, o que julgamos ser amor é uma forma de poder sobre os outros, tê-los na mão controlar, manipular, obter admiração. O verdadeiro amor é entregar o nosso amor aos outros sem estarmos preocupados com aquilo que os outros vão fazer dele.

Escrevia o Mestre Eckhart: « Se te amas a ti mesmo, amas todos os homens como a ti mesmo. Enquanto amares uma só pessoa menos do que a ti mesmo, não te amaste verdadeiramente a ti mesmo. » Do livro *A mística do instante*.

10. Vamos cantar? Nada te perturbe

<https://youtu.be/FZ4cbEvFlqg>

Nada te perturbe
Nada te espante
Tudo tudo passa
Só Deus não muda

**R: A paciência tudo alcança
Nada te falta com Deus no coração
Só Deus só Deus te basta**

Nada te perturbe
Nada te espante
Tudo tudo passa
Só Deus não muda

R:

Nada te perturbe
Nada te espante
Tudo tudo passa só Deus não muda

11. Participante designada - discorra sobre um **santo** de sua devoção. Se possível, leve a imagem.

Oração e Misericórdia

Nosso Pai celestial deseja derramar sobre nós a plenitude de Suas bênçãos. Em seu momento de oração, peça ao Senhor que lhe dê um coração misericordioso com os pecadores, compreensivo com os que erram, centrado na caridade que é a alma da lei de Deus.

1. Dificilmente homilias, textos e encontros religiosos, livros, áudios e as mais diversas publicações de incentivo à ascese deixam de falar em ORACÃO. O mesmo acontece neste tema.

Deus está sempre pronto e sempre disposto a ouvir a oração sincera do mais humilde de seus filhos. É nosso privilégio beber em grande medida da fonte desse amor ilimitado.

Orar é conversar com Deus. A Bíblia diz em Salmos 4:3: “Sabei que o Senhor separou para si aquele que é piedoso; o Senhor me ouviu quando eu clamo a Ele.” A oração é um grande privilégio. A Bíblia diz em Hebreus 4:16: “Cheguemo-nos, pois, confiadamente ao trono da graça, para que recebamos misericórdia e graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno.” Deus é acessível. A Bíblia diz em Salmos 65:2: “Ó Tu que ouves a oração!”

Está Deus disposto a escutar e responder às nossas orações?

2. Conversando sobre a **Palavra - Mateus 7, 7-11; Tiago 1,5-8; Salmos 66:18-19; João 14:13-14. E muito mais!**

3. Às vezes Deus responde às nossas orações dizendo, ‘Espera’. A Bíblia diz em Salmos 37:7: “Descansa no Senhor e espera nEle.” As orações não são mágicas.

A Bíblia diz em 1 João 5:14-15: “E esta é a confiança que temos nEle, que se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve e, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que já alcançamos as coisas que lhe temos pedido.” A Bíblia dá-nos um modelo de oração com a oração do Pai Nosso em Mateus 6:9-13.

A Bíblia diz em Mateus 6:7-8: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.”

Justificado assim o valor da oração neste tema da misericórdia, vamos entrar em nossa realidade de pessoas sós que procuram crescer em sabedoria para viverem melhor os ensinamentos de Cristo.

Comumente fazemos sozinhos as nossas orações. E começamos com a prática da oração silenciosa. Alguns estabelecem um lugar e um tempo e começam com uma grande fidelidade, mas depois o entusiasmo dissipa-se, e uma manhã deixam-se ficar na cama, depois vão de férias, e certo dia tomam consciência de que há três meses que não rezam. Só o fazem por meio da mídia que recebem no celular. E não oram verdadeiramente. Deverão concluir que não é possível rezar, que é demasiado difícil e que estavam enganados pensando que poderiam ser místicos? Um consolo: todos aqueles que tentam a aventura da oração passam por isso. E não é por se rezar regularmente há vários anos que se está livre de cair nesse engano. As férias, sobretudo, são momentos terríveis para a oração. Julgamos sempre que teremos mais tempo, que será mais fácil e é completamente ao contrário. A mudança de ritmo e de lugar e a desorganização dos dias são inimigos temíveis em termos de regularidade. Imagine Deus tirando férias de nós!

Se tomarmos consciência de que abandonamos a oração há dois dias, duas semanas ou dois meses, a única coisa a fazer é sentarmo-nos e recomeçar. Assim como durante o tempo de oração a nossa atenção a Deus se vai mantendo, mal ou bem, apesar de todo o tipo de imagens e de distrações que nos tentam desviar para outras coisas, também ao longo dos dias e dos anos a nossa fidelidade à oração passa por falhas e esquecimentos, devido aos quais não devemos ficar pesarosos nem tirar outra conclusão a não ser o apelo a recomeçar. Indubitavelmente nos faz falta ao crescimento espiritual, porque estagnamos.

Com uma grande paciência, vai-se estabelecendo um certo hábito, mas este não nos protege de esquecimentos nem de falhas. Permite apenas que sejamos mais rapidamente sensíveis ao fato de que falta qualquer coisa no nosso dia quando omitimos o tempo de oração habitual.

Se essa forma de oração for praticável em condições muito variadas, em viagem ou em férias, visto não requerer nenhum material particular, é facilitada, contudo, por uma aplicação estável na vida quotidiana: um lugar, um horário, uma posição, um pequeno ritual pessoal que marque o início e o fim desse momento consagrado a Deus.

4. Troca de ideias. Aqui é diferente. Vamos falar só de orações, comentando sobre cada uma delas, evidenciando a misericórdia. E iluminando com momentos exigentes pelos quais você passou em sua vida e usou ou não de compaixão. A dinâmica consiste em oração e partilha da vida simultaneamente.

1. «Não devias também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?»

Desejo transformar-me toda na Misericórdia e ser o Vosso vivo reflexo. Que o mais grandioso atributo de Deus, a Sua insondável Misericórdia, possa penetrar pelo

meu coração e através da minha alma em direção aos outros. Ajudai-me, Senhor, para que os meus olhos sejam misericordiosos: que não suspeite de ninguém e não julgue segundo as aparências exteriores. Que eu apenas observe o que é belo na alma do próximo e que vá em seu socorro.

Ajudai-me, Senhor, para que os meus ouvidos sejam misericordiosos: que eu esteja sempre atenta às necessidades dos outros e os meus ouvidos não sejam indiferentes às dores e aos gemidos do próximo.

Ajudai-me, Senhor, para que a minha língua seja misericordiosa: que eu nunca diga mal dos outros, mas tenha para cada um palavras de consolação e de perdão.

Ajudai-me, Senhor, para que as minhas mãos sejam misericordiosas e cheias de boas obras: que só possa fazer bem ao próximo, reservando-me os trabalhos mais duros e difíceis.

Ajudai-me, Senhor, para que os meus pés sejam misericordiosos: que eu esteja sempre pronta a ir ajudar o meu próximo, dominando o próprio cansaço e fadiga. Que o meu verdadeiro descanso seja servir os outros.

Ajudai-me, Senhor, para que o meu coração seja misericordioso: que eu sinta todos os sofrimentos dos outros. A ninguém negarei o meu coração. Que eu conviva sinceramente, mesmo com os que sei que não de abusar da minha bondade. Que, por mim mesma, me encerrarei no Misericordiosíssimo Coração de Jesus e guardarei silêncio sobre os meus próprios sofrimentos.

Ó meu Senhor, que habite em mim a Vossa Misericórdia!

Sois Vós que me mandais exercitar nos três graus da misericórdia:

– o primeiro é qualquer ato de misericórdia;

– o segundo é a palavra de misericórdia, ao menos palavra, se não puder realizar uma obra;

– o terceiro, a oração: se não me for possível praticar a misericórdia por atos ou por palavras, sempre ao menos o posso fazer pela prece. E a minha oração leva-me a atingir mesmo onde já não posso chegar fisicamente.

Ó meu Jesus, transformai-me em Vós, já que tudo podeis.

(Santa Faustina Kowalska)

2. Agora, meu amor, meu Rei e meu Deus, meu bem-amado Jesus, recebe-me na misericordiosa proteção de teu divino coração, e prende-me ao teu amor, para que eu viva inteiramente para Ti. Faz-me mergulhar no vasto mar da tua profunda misericórdia, confia-me às entranhas da tua bondade superabundante... Ó meu doce Salvador, consola-me pela visão da tua dulcíssima presença, reconforta-me pelo gosto

do precioso resgate com que me adquiriste. Chama-me a Ti com a voz intensa do teu amor, recebe-me ao calor do teu perdão infinitamente misericordioso. Pelo sopro da doçura do teu Espírito, fragrância de suavidade, atrain-me a Ti, puxa-me para Ti e atrain-me. No abraço da união perfeita, faz-me mergulhar na alegria eterna de Ti e faz-me ver-Te, possuir-Te, porque a minha alma foi seduzida por Ti, ó Jesus, mais caro de todos quantos são caros. Amém. **(Santa Gertrudes de Halfa)**

3. Senhor, necessito encontrar-me contigo, na Tua verdade. Necessito descobrir o tesouro que Tu és no profundo de mim mesmo, a pérola preciosa que o meu coração busca, aquilo que dá sentido à minha vida e me enche de alegria e de entusiasmo.

Senhor, quando foi que eu fiz uma verdadeira experiência de Ti? Quando foi que eu me encantei por Ti, por Teu Reino, por Teu projeto em favor de todo ser humano? Quando foi que eu experimentei a alegria interior de abrir mão de tudo somente para estar contigo, na Tua vontade?

Ainda que eu tenha me afastado da profundidade de mim mesmo, Tu continuas a habitar em mim como um tesouro escondido. Ainda que eu tenha relativizado tantos valores, Tu continuas a ser a pérola preciosa cujo valor é absoluto em minha vida, jamais relativo.

Hoje quero parar, sentar-me, recolher-me, para analisar a rede da minha vida, esta rede repleta de apelos, de pensamentos e desejos, onde tudo está confuso e misturado. (Paroquiasjojundiaí)

4. Santo Padre por que incomodas?
Só por que acolhe sem discriminar?
Por que os gestos de Cristo resolveste imitar?
Quem são esses que te jogam pedras?
Que não entendem o verbo amar?

Santo Padre, te jogam pedras porque acolheste um filho teu?
Porque não importa o credo, seja rico ou plebeu
De qualquer partido político e até mesmo um homem ateu.

Santo Padre, assim fizeram com Cristo
O Julgaram por acolher pecador e publicano
O cego que estava para morrer
Hoje te jogam pedras
Não é difícil de entender!

Santo Padre, quando assumiu a missão de a Igreja governar
De levar adiante o projeto de Cristo
Vós aceitastes sem hesitar

Só porque recebeu um homem público
Querem te crucificar!

Saiba, Santo Padre, que a Igreja
Está unida ao Senhor
Nossas orações se dobram
Sobem aos céus como clamor
Aquieta teu coração nosso amado Pastor!

Católico que é católico, autêntico de coração
Nesta hora deve elevar a Deus sua oração
Pelo nosso Santo Padre pra continuar sua missão.

As redes sociais não perdoam
Alimentam o ódio e o rancor
Como é triste ver pessoas
Que não têm um pingão de temor
Difamar o Santo Padre de Pedro o sucessor!

Rezo a Deus que este sentimento
Se transforme em oração
Em vez de julgarmos o Santo Padre
Rezemos por sua missão
Não vamos nos contagiar
Estejamos em comunhão! **(Padre Erenildo)**

5. Oração proposta pelo **Santo Padre Francisco em 2020**

ORAÇÃO A MARIA

«À vossa proteção, recorreremos, Santa Mãe de Deus».

Na dramática situação atual, carregada de sofrimentos e angústias que oprimem o mundo inteiro, recorreremos a Vós, Mãe de Deus e nossa Mãe, refugiando-nos sob a vossa proteção.

Ó Virgem Maria, volvei para nós os vossos olhos misericordiosos nesta pandemia do coronavírus e confortai a quantos se sentem perdidos e choram pelos seus familiares mortos e, por vezes, sepultados dum maneira que fere a alma. Sustentai aqueles que estão angustiados por pessoas enfermas de quem não se podem aproximar, para impedir o contágio. Infundi confiança em quem vive ansioso com o futuro incerto e as consequências sobre a economia e o trabalho.

Mãe de Deus e nossa Mãe, alcançai-nos de Deus, Pai de misericórdia, que esta dura prova termine e volte um horizonte de esperança e paz. Como em Caná, intervindo

junto do vosso Divino Filho, pedindo-Lhe que conforte as famílias dos doentes e das vítimas e abra o seu coração à confiança.

Protegei os médicos, os enfermeiros, os agentes de saúde, os voluntários que, neste período de emergência, estão na vanguarda arriscando a própria vida para salvar outras vidas. Acompanhai a sua fadiga heroica e dai-lhes força, bondade e saúde.

Permanecei junto daqueles que assistem noite e dia os doentes, e dos sacerdotes que procuram ajudar e apoiar a todos, com solicitude pastoral e dedicação evangélica.

Virgem Santa, iluminai as mentes dos homens e mulheres de ciência, a fim de encontrarem as soluções justas para vencer este vírus.

Assisti os Responsáveis das nações para que atuem com sabedoria, solicitude e generosidade, socorrendo aqueles que não têm o necessário para viver, programando soluções sociais e económicas com clarividência e espírito de solidariedade.

Maria Santíssima, tocai as consciências para que as somas enormes usadas para aumentar e aperfeiçoar os armamentos sejam, antes, destinadas a promover estudos adequados para prevenir catástrofes do género no futuro.

Mãe amadíssima, fazei crescer no mundo o sentido de pertença a uma única grande família, na certeza do vínculo que une a todos, para acudirmos, com espírito fraterno e solidário, a tanta pobreza e inúmeras situações de miséria. Encorajai a firmeza na fé, a perseverança no serviço, a constância na oração.

Ó Maria, Consoladora dos aflitos, abraçai todos os vossos filhos atribulados e alcançai-nos a graça que Deus intervenha com a sua mão onipotente para nos libertar desta terrível epidemia, de modo que a vida possa retomar com serenidade o seu curso normal.

Confiamo-nos a Vós, que resplandeceis sobre o nosso caminho como sinal de salvação e de esperança, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. Amém.

6. Senhor, sabes que me perco nas tarefas, nos pensamentos, nesta ou naquela responsabilidade, num imprevisto, num cansaço. E no meio de tudo isso, minha vida mais parece uma fuga do que uma busca de espiritualidade. Quero pedir-Te a sabedoria de viver e repartir meu tempo, de modo que eu tenha tempo para Vós, diariamente. Amém.

7. “Senhor, hoje queria dizer mais. Queria que a minha oração não fosse esse rumor de sempre, as mesmas palavras disparadas às pressas, entre uma coisa e outra; ou o balbucio esquivo, cheio de tudo o que eu não disse, porque não encontrei o tempo, o modo ou a verdade. Hoje queria dizer mais. Não trago intenções nem pedidos (...) Dia após dia, sinto que, mais do que tudo, preciso do teu olhar. Talvez me falem palavras...

Queria apenas colocar devagar as minhas mãos dentro das tuas. E isso, Senhor, seria a minha oração e a minha vida” (Um Deus que dança – José Tolentino Mendonça).

7. Oração espontânea.

8. Intenções

9. Esta é uma das mais belas orações que foi encontrada entre os escassos pertences de um judeu, morto precisamente num campo de concentração. Diz o seguinte: «Senhor, quanto vieres na tua glória, não te lembres somente dos homens de boa vontade; lembra-te também dos homens de má vontade. E, no dia do Julgamento, não te lembres apenas das crueldades e violências que eles praticaram: lembra-se também dos frutos que produzimos por causa daquilo que eles nos fizeram. Lembra-te da paciência, da coragem, da confraternização, da humildade, da grandeza de alma e da fidelidade que os nossos carrascos acabaram por despertar em cada um de nós. Permite, então, Senhor, que os frutos em nós despertados possam servir também para salvar esses homens».

10. Oração. Salve Rainha para finalizar.

11. Vamos cantar? Orar costuma fazer bem (Padre Zezinho)

<https://youtu.be/nvxn-8jaYSQ>

Orar costuma fazer bem
O coração de quem se entrega à oração
Tem mil histórias pra contar
Orar costuma fazer bem
O coração de quem conversa com o céu
Tem tanta coisa pra dizer

Quando alguém se ajoelha
Invocando a grande luz
Quando o povo olha pro alto
Onde crê que está Jesus

Uma força diferente
E é do céu que a força vem
Toma conta dessa gente
O infinito ela contém

Não importa se não vem como esperava

Orar costuma fazer bem
Orar costuma fazer bem
Orar costuma fazer bem

11. Vida de santo: São Domingos de Gusmão

Conte na reunião sobre a vida desse homem de oração, penitência e amor à Palavra de Deus.

A Misericórdia e os Sacramentos

Obs.: façam duas reuniões. São dois sacramentos. Muito a conversar.

1. O Papa João XXIII disse, na abertura do Concílio Vaticano II, que a Igreja deve utilizar todas as armas da misericórdia. Daí se conclui que é tarefa da Igreja dar testemunho da misericórdia divina (João Paulo II).

A Igreja vive vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora. Neste contexto, assumem grande significado a meditação constante da Palavra de Deus e, sobretudo, a participação consciente e refletida na Eucaristia e no sacramento da Penitência ou Reconciliação.

A mensagem do Evangelho da misericórdia é fundamental, pois todos os sacramentos são sacramentos da Misericórdia de Deus. A começar pelo Batismo.

2. Vamos conversar sobre a **Palavra- Lc 15, 2-10**

3. A Penitência

Somos chamados para amar como Deus ama!! Perguntemo-nos hoje, especialmente, se somos conscientes da grandeza do perdão de Deus, se somos aqueles que amam a pessoa e lutam contra o pecado e, finalmente, se vamos com confiança ao Sacramento da Reconciliação. Tudo o podemos com o auxílio de Deus. Que nossa humilde oração nos ajude.

Jesus concedeu à Igreja o poder de atar e desatar: Mt 16, 19; 18, 18. Em João interpreta-se como autoridade para perdoar ou não os pecados: Jo 20, 22ss. O sacramento da penitência é o verdadeiro **sacramento da misericórdia de Deus**, que repetidamente nos perdoa e nos concede outra oportunidade para um novo recomeço.

Hoje não podemos deixar de falar de uma grave crise deste sacramento. Na maioria das paróquias perdeu-se, em grande medida, a sua prática. Muitos cristãos participam da Eucaristia sem cuidar da prática da Penitência. Esta situação é uma das feridas mais profundas da Igreja atual. As razões são múltiplas.

4. Troca de ideias. a) Este sacramento para você é uma obrigação? Um meio de controle? Um castigo imposto por Jesus? b) Não é satisfatório, feito às pressas pelo sacerdote? c) Seus familiares e conhecidos usam esta misericórdia divina? d) Usa o sacramento como um despejar de seus problemas? e) Você coloca seus erros nos outros quando vai se confessar? f) Nunca sabe quais os pecados que deve confessar? Por quê? g) Quanto tempo faz que não se confessa?

5. Comentários

Existem, seguramente, diversas formas de penitência: a oração penitente, as obras de misericórdia, a correção fraterna, o jejum etc. Todas essas formas possuem seu valor e sua importância, mas a sua razão de ser é preparar, acompanhar e prolongar o sacramento da Penitência, não podendo substituí-lo. E também nenhum psicólogo pode dizer “os teus pecados estão perdoados”.

O sacramento da Penitência é o verdadeiro refúgio dos pecadores, algo que todos somos. Em nenhum outro momento experimentamos a compaixão de Deus de forma tão imediata e direta.

Sem dúvida que não é fácil para ninguém confessar humildemente os seus pecados, que costumam ser quase sempre reincidentes.

O sacramento da Penitência ou Reconciliação aplanar o caminho a cada um dos homens, mesmo quando sobrecarregados com graves culpas. Neste Sacramento todos os homens podem experimentar de modo singular a misericórdia, isto é, aquele amor que é mais forte do que o pecado.

A misericórdia em si mesma, como perfeição de Deus infinito é também infinita. Infinita, portanto, e inexaurível é a prontidão do Pai em acolher os filhos pródigos que voltam à sua casa. São infinitas também a prontidão e a força do perdão que brotam continuamente do admirável valor do Sacrifício do Filho. Nenhum pecado humano prevalece sobre esta força e nem sequer a limita. Da parte do homem pode limitá-la somente a falta de boa vontade, a falta de prontidão na conversão e na penitência, isto é, o permanecer na obstinação, que está em oposição com a graça e a verdade, especialmente diante do testemunho da cruz e da ressurreição de Cristo.

É por isso mesmo que a Igreja professa e proclama a conversão. Deus do amor benigno é a fonte constante e inexaurível de conversão, não somente como momentâneo ato interior, mas também como disposição permanente, como estado de espírito. Aqueles que assim chegam ao conhecimento de Deus, aqueles que assim O «veem», não podem viver de outro modo que não seja convertendo-se a Ele continuamente. Passam a viver *in statu conversionis*, em estado de conversão; e é este estado que constitui a característica mais profunda da peregrinação de todo homem sobre a terra *in statu viatoris*, em estado de peregrino. É evidente que a Igreja professa a misericórdia

de Deus, revelada em Cristo crucificado e ressuscitado, não somente com as palavras do seu ensino, mas sobretudo com a pulsação mais profunda da vida de todo o Povo de Deus.

Jesus Cristo ensinou que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a «ter misericórdia» para com os demais. «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia». A Igreja vê nestas palavras um apelo à ação e esforça-se por praticar a misericórdia. Se todas as bem-aventuranças do Sermão da Montanha indicam o caminho da conversão e da mudança de vida, a que se refere aos misericordiosos é particularmente eloquente a tal respeito.

O homem alcança o amor misericordioso de Deus e a sua misericórdia, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, segundo o espírito de amor para com o próximo.

Este processo autenticamente evangélico não consiste numa transformação espiritual realizada de uma vez para sempre; mas é um completo estilo de vida, uma característica essencial e contínua da vocação cristã. Consiste, pois, na descoberta constante e na prática perseverante do amor, como força que ao mesmo tempo unifica e eleva, não obstante todas as dificuldades de natureza psicológica ou social. Trata-se, efetivamente, de um amor misericordioso que, por sua essência, é amor criador. O amor misericordioso, nas relações recíprocas entre os homens, nunca é um ato ou um processo unilateral. Ainda nos casos em que tudo pareceria indicar que apenas uma parte oferece e dá, e a outra não faz mais do que aceitar e receber (por exemplo, no caso do médico que cura, do mestre que ensina, dos pais que sustentaram e educam os filhos, do benfeitor que socorre os necessitados), de fato, também aquele que dá é sempre beneficiado. De qualquer maneira, também ele pode facilmente vir a encontrar-se na posição de quem recebe, de alguém que obtém um benefício, experimenta o amor misericordioso, ou se encontra em estado de ser objeto de misericórdia.

6. Oração

Que eu, Senhor, no sacramento da Reconciliação, seja qual for o pecado que eu tenha cometido, que eu me reconheça humilde e me aproxime confiante do sacerdote confessor, experimentando sempre a alegria pacificadora do perdão de Deus. Amém.

7. Oração espontânea.

8. Intenções

9. Iluminando

O sacramento da Penitência: a realidade do pecado à luz da infinita misericórdia de Deus

Hoje, inesperadamente entra uma hóspede não convidada nem prevista: uma mulher prostituta. Compreensível o embaraço dos presentes, do qual contudo a mulher não se preocupa. Ela avança e para aos pés de Jesus. Chegaram aos seus ouvidos as suas palavras de perdão e de esperança para todos, também as prostitutas. Molha com as lágrimas os pés de Jesus, enxuga-os com os cabelos, beija-os e unge-os com um perfume suave. Fazendo assim a pecadora pretende expressar o afeto e o reconhecimento que sente pelo Senhor com gestos que lhe são familiares, mesmo se socialmente censurados.

É preciso fazer experimentar a quem se confessa aquela ternura divina para com os pecadores arrependidos que tantos episódios evangélicos mostram com tonalidades de intensa comoção.

10. Conselho

Se deseja fazer uma profunda Confissão, há uma infinidade de livros, sites e páginas na Internet sobre o assunto. Vamos colocar uma pequena parte como exemplo:

- Amo de coração o meu próximo como a mim mesmo e como o Senhor Jesus me pede que o ame?
- Em minha família, colaboro em criar um clima de reconciliação com paciência e espírito de serviço?
- Como filhos, são obedientes a seus pais, prestando-lhes respeito e ajuda em todo momento?
- Preocupam-se, como pais e avós, em educar na vida cristã seus filhos e netos?
- Insultei meu próximo? Escandalizei-o gravemente com palavras ou com ações?
- Se me ofenderam, sei perdoar, ou guardo rancor e desejo de vingança?
- Compartilho meus bens e meu tempo com os mais pobres, ou sou egoísta e indiferente à dor dos outros?
- Participo das obras de evangelização e promoção humana da Igreja?
- Me Preocupo com o bem e a prosperidade da comunidade humana em que vivo ou passo a vida preocupado tão somente comigo mesmo?
- Sou invejoso? Sou fofoqueiro e enganador? Difamei ou caluniei alguém? Violei segredos? Fiz julgamentos temerários sobre outros?
- Sou mentiroso?

- Causei algum dano físico ou moral a outros? Inimizei-me com ódios, ofensas ou brigas com ao meu próximo? Fui violento com as palavras?
- Fui honesto em meu trabalho?
- Fui justo na relação com meus subordinados, tratando-os como eu gostaria de ser tratado por eles?
- Recebi dinheiro ilícito?
- Uso produtos piratas: canais de tevê, discos, etc.? E justifico com o alto preço do legalizado?
- Etc., etc., etc.

11. Vamos Cantar? Quero Confessar a Ti

<https://youtu.be/sr9HxxIDToY>

Quero confessar a ti, ilumina minh´alma
 Eu reconheço: sou pecador!
 Diante de mim eu sei está sempre o meu pecado
 Foi contra vós que eu pequei

Kyrie eleison
 Criste eleison
 Kyrie eleison (2x)

12. Vida de santo. Discorre sobre **São Leopoldo Mandic**

Eucaristia

1. Na Carta Apostólica *Misericordia et misera*, o Papa Francisco escreveu que “em primeiro lugar, somos chamados a celebrar a misericórdia. Quanta riqueza está presente na oração da Igreja, quando invoca a Deus como Pai misericordioso! Na liturgia, não só se evoca repetidamente a misericórdia, mas é realmente recebida e vivida.

Desde o início até ao fim da Celebração Eucarística, a misericórdia reaparece várias vezes no diálogo entre a assembleia orante e o coração do Pai, que rejubila quando pode derramar o seu amor misericordioso”, e que “a celebração da misericórdia tem lugar, numa forma muito particular, no sacramento da Reconciliação. Este é o momento em que sentimos o abraço do Pai, que vem ao nosso encontro para nos restituir a graça de voltarmos a ser seus filhos”.

O Concílio Vaticano II afirmou que a Eucaristia é “fonte e centro de toda a vida cristã”, na medida em que é a união com a vida de Cristo, que transforma a vida do homem. Portanto, na “santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo” (Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, nº 11)

Receber Jesus Cristo na Eucaristia nos impele a nos transformar n’Ele, a nos conformar com Ele, pois “quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e Eu nele” (Jo 6,56). Como afirma o Papa Francisco, “nutrir-se da Eucaristia significa deixar-se transformar naquilo que recebemos”. Por isso, cada vez que recebemos a Eucaristia, “assemelhamo-nos mais a Jesus, transformamo-nos mais em Jesus”. Enfim, “tornamo-nos aquilo que recebemos”. A Eucaristia é a fonte de nossa santidade. A Eucaristia “está colocada no centro da vida eclesial”, porque “a Igreja vive de Jesus eucarístico, por Ele é nutrida, por Ele é iluminada”. Por isso que “o domingo é um dia santo para nós católicos, pois ele é santificado pela celebração eucarística, presença viva do Senhor entre nós e para nós. Portanto, é a missa que faz o domingo cristão. O domingo cristão gira em torno da missa. Que domingo é, para o cristão, aquele no qual falta o encontro com o Senhor?” Tudo isto é dom e tarefa; comungar o Cristo é uma graça, e assemelhar-se a Ele é uma tarefa. Eis a lógica mais clara do caminho de santidade!

A Igreja vive a comunhão dos Santos. Na Eucaristia, esta comunhão, que é dom de Deus, realiza-se como união espiritual que nos une, a nós crentes, com os Santos e Beatos cujo número é incalculável (Ap 7, 4). A sua santidade vem em ajuda da nossa fragilidade, e assim a Mãe-Igreja, com a sua oração e a sua vida, é capaz de acudir à fraqueza de uns com a santidade de outros. A participação na Eucaristia tem a virtude de perdoar os nossos pecados quotidianos. Santo Agostinho afirmou: “É o sacramento da unidade e do amor” que nos leva à misericórdia.

2. Conversemos sobre o **Texto Bíblico: 1 Coríntios 11, 23-26**

3. **Breve Reflexão ao Texto Bíblico**

De fato, todas as vezes que comerdes desse pão e beberdes desse cálice, proclamais a morte do Senhor, até que ele venha. (1Cor,11,26) Os cristãos de Corinto haviam se desviado da boa conduta, manchando a celebração da Ceia do Senhor com jantares suntuosos de alguns, suscitando divisões entre eles. São Paulo repreende aquela comunidade e reafirma o que já lhes havia ensinado: que na Ceia do Senhor o pão e o vinho são transformados (transubstanciados) no Corpo e no Sangue do Senhor, como Jesus Cristo o disse e fez na véspera da sua paixão e morte. A instituição da Eucaristia é o ato culminante da missão de Jesus Cristo: nela, Ele anuncia sua morte iminente para a remissão dos pecados da humanidade: “Isto é o meu corpo, que é entregue em favor de vocês”; “Este cálice é a nova aliança ... garantida pelo meu sangue”. Mais do que isso, Jesus anuncia a sua ressurreição: ao mandar repetir o que ele mesmo está fazendo (“fazei isto em memória de mim”), está mandando celebrar até o fim dos tempos este mistério, no qual ele se faz vivo, em corpo e sangue: “De maneira que, cada vez que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha”.

No Evangelho segundo Lucas (22,15), Jesus, ao celebrar a sua última páscoa judaica, assim fala aos apóstolos: “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco”, pois que estava concluindo sua missão visível no meio da humanidade e em favor dela: dar a vida para remissão de todos os pecados. Mais: realiza uma nova aliança com a humanidade, uma aliança definitiva, selada com o próprio sangue. Porque seu amor é infinito, o desejo ardente de Jesus é dar vida eterna a cada pessoa, pois com sua morte Ele vence o pecado e com a sua ressurreição ele dá vida plena a quem adere à sua pessoa.

Esse mistério é celebrado pelos cristãos desde os primeiros dias da Igreja (cf. At 2,42) e, fiel à ordem de Jesus Cristo, a Igreja continua a celebrá-lo até a sua vinda gloriosa no final dos tempos (CIC 1333). Na Eucaristia, o pão e o vinho são de fato corpo e sangue, por isso Jesus manda comer “deste pão” e beber “deste cálice”. Ele mesmo o afirma: “Pois a minha carne é a comida verdadeira, e o meu sangue é a bebida verdadeira” (Jo 6,55). Entretanto, não é a razão que nos fará compreender este mistério. Somente a **fé** pode aceitar esta verdade da qual Jesus fala insistentemente no capítulo 6 do Evangelho de João (Jo 6, 26ss). Quando recebemos o pão eucarístico, fazemos comunhão com Jesus Cristo: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue vive em mim, e eu vivo nele” (Jo 6,56). A Eucaristia revela o imenso amor de Deus por nós. Na Eucaristia, Jesus Cristo, o Santo, se une a nós pecadores, quer viver em nós, para que vivamos nele e nos tornemos santos. É na Eucaristia que o cristão encontra forças para realizar em sua vida as bem-aventuranças, para cumprir o mandamento cristão: “Eu lhes dou este novo mandamento: amem uns aos outros. Assim como eu os amei, amem também uns aos outros” (Jo 13,34). A Eucaristia é o sacramento da unidade e do amor. “Ó sacramento da piedade, ó sinal da unidade, ó vínculo da caridade!” (CIC, 1.398), exclamava Santo Agostinho.

4. Troca de ideias. a) Qual o nosso merecimento em receber a Eucaristia? b) Que damos em troca da vida de Jesus? c) Levamos para a mesa da Eucaristia o espírito de nosso ser, as cruzes suportadas com paciência, a crucificação de nosso egoísmo, a morte de nossa concupiscência e até a nossa displicência? d) A Eucaristia, para você, é mero cumprimento de um preceito ou, de fato, tem sido transformadora, mesmo que de maneira lenta e imperceptível?

5. Oração. Agradeçamos o dom da Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã. Que descubramos sempre mais e mais o seu sentido e valor e encontremos nela a real presença do Senhor, agradecendo por Seu amor concreto e misericordioso que se faz alimento para nossa vida.

6. Oração Pessoal

7. Intenções.

8. Aprofundando. A Eucaristia aproxima-nos sempre do amor que é mais forte do que a morte. Com efeito, «todas as vezes que comemos deste Pão e bebemos deste Cálice», não só anunciamos a morte do Redentor, mas proclamamos também a sua ressurreição, «enquanto esperamos a sua vinda gloriosa». A própria ação eucarística, celebrada em memória d'Aquele que na sua missão messiânica nos revelou o Pai por meio da Palavra e da Cruz, atesta o inexaurível amor, em força do qual Ele deseja sempre unir-se e como que tornar-se uma só coisa conosco, vindo ao encontro de todos os corações humanos.

Necessitamos da Eucaristia a cada dia, por causa das nossas dúvidas, da fraqueza da nossa fé e para que nos firmemos no caminho de Deus e em Seus mandamentos. A Eucaristia é uma necessidade para nossa pobreza.

A Igreja precisa da Eucaristia, pois é santa e pecadora; ela é pecadora, porque fazemos parte dela. Somos o corpo de Cristo e, por causa da nossa pobreza, empobrecemos a Igreja. Por causa do nosso pecado, fazemos a Igreja pecadora.

A Igreja Católica é a imagem do amor do Pai, pois não põe, para fora, ninguém que comente pecado. Ao contrário, ela recebe o filho pecador, o filho pródigo, de braços abertos.

Mesmo com os nossos pecados, não deixamos de ser filhos. A Igreja continua sendo mãe e continuamos sendo filhos. Ela não põe ninguém para “fora de casa”, não faz nenhum julgamento e não condena ninguém como réu. Como a Igreja, nós também precisamos ser cheios de misericórdia: por isso, necessitamos da Eucaristia.

Não podemos celebrar a Eucaristia alimentando mágoa no coração, porque a Ceia do Senhor é a Ceia do amor e da unidade. Como o próprio Jesus disse, é

preciso que deixemos nossa oferta no altar e voltemos para nos reconciliar com nosso irmão.

9. Mensagem do Papa Francisco - (trechos) - 10/11/2018

Na Última Ceia Jesus escolheu, como sinal do seu dom, o pão e o cálice da fraternidade. Disto deriva que a celebração da memória do Senhor, que nos nutre com o seu Corpo e o seu Sangue, exige e funda a comunhão com Ele e dos fiéis entre si

São muitas as situações na Igreja e na sociedade sobre as quais derramar o bálsamo da misericórdia com obras espirituais e corporais: famílias em necessidade, jovens e adultos sem trabalho, doentes e idosos sozinhos, migrantes marcados por dificuldades e violências — e rejeitados — e outras pobreza. Nestes lugares da humanidade ferida, os cristãos celebram o memorial da Cruz e tornam vivo e presente o Evangelho do Servo Jesus, que se entregou por amor. Desta maneira, os batizados semeiam uma cultura eucarística fazendo-se servos dos pobres, não em nome de uma ideologia, mas do próprio Evangelho, que se torna regra de vida dos indivíduos e das comunidades, como testemunha a multidão ininterrupta de santos e santas da caridade.

Por fim, a Missa alimenta uma vida eucarística trazendo à superfície palavras de Evangelho que as nossas cidades muitas vezes esqueceram. É suficiente pensarmos no termo misericórdia, quase eliminado do vocabulário da cultura atual. Todos se lamentam do rio de miséria que percorre a experiência da nossa sociedade. Trata-se de inúmeras formas de medo, opressão, arrogância, maldade, ódio, fechamento, negligência para com o meio ambiente, e assim por diante. Todavia os cristãos experimentam todos os domingos que este rio impetuoso nada pode contra o oceano de misericórdia que inunda o mundo. A Eucaristia é a fonte deste oceano de misericórdia porque nela o Cordeiro de Deus, imolado, mas elevado, do seu lado trespassado faz brotar rios de água viva, efunde o seu Espírito para uma nova criação e oferece-se como alimento sobre a mesa da nova Páscoa. Deste modo, a misericórdia entra nas veias do mundo e contribui para construir a imagem e a estrutura do Povo de Deus, adequada ao tempo da modernidade.

Resumindo

O Espírito Santo atua em nós todas as vezes que, dignamente, recebemos os sacramentos, especificamente a Confissão e a Eucaristia que, em busca de santidade, nos fazem experimentar a grandeza do Senhor que nos ama e nos sustenta. O primeiro nos prepara, oferecendo o perdão cada vez que erramos e a Eucaristia nos faz verdadeiramente Um com Cristo, validando a nossa oração e fecundando a nossa ação de modo que nada de mal possa nos afastar de Deus.

10. A participante encarregada na reunião anterior conte-nos sobre a vida do beato (12/10/2020) italiano **Carlo Acutis**.

11. Vamos Cantar? Como és lindo!

https://youtu.be/vi3im4_C7Y

Que bom ,Senhor, ir ao teu encontro,
Poder chegar e adentrar a tua casa

Sentar-me contigo e partilhar da mesma mesa
Te olhar, te tocar e te dizer: meu Deus como és lindo (2x)

Ó meu Senhor, sei que não sou nada.
Sem merecer fizeste em mim tua morada.

Mas ao receber-te, perfeita comunhão se cria.
Sou em Ti, és em mim, minh'alma diz: meu Deus como és lindo (bis)

O temperamento que Deus lhe deu

Observação- usaremos, provavelmente, mais de uma reunião para conversar sobre nossos temperamentos e os de quem amamos. Ideal é explorar bem este assunto, mesmo que demore.

Historinha para começar.

Já deve ter ouvido a história do camponês que percebeu que toda vez que levava seu cavalo para o novo celeiro que carinhosamente construía, via o animal bater a cabeça no suporte da entrada. Resolveu então retirar seis milímetros da madeira do suporte em formato oval, logo acima de onde o cavalo passava. Quando já estava pegando a serra, um amigo lhe sugeriu para desenterrar os milímetros do chão sem mexer na estrutura. O camponês respondeu: “não, o problema não são as pernas e sim a cabeça”. O que esta historinha ilustra?

1. Neste capítulo, sem nenhuma pretensão mais profunda, vamos conversar sobre a relevância dos temperamentos para o nosso crescimento espiritual e psicológico, tomando como base o livro cujo nome está no título desta página, de Art & Laraine Bennet (que o dedicaram ao Papa São João Paulo II) e também da leitura de *Teología de la Perfección Cristiana* - Pe. Antonio Royo Marín.

Justificativa deste capítulo aqui neste tema: a maioria das pessoas alega não conseguir usar de misericórdia, perdoar, ser compreensivo com os deslizes dos outros porque seu “temperamento” não deixa, porque tem brio, porque não quer ser injusto, porque é “esquentado”, porque cansou de ser bobo, porque não tem “sangue de barata” e por aí vai. Vamos então recordar (ou aprender) que não devemos utilizar os temperamentos como um álibi para nos esquivarmos das realidades dos nossos pecados e de nossa necessidade de conversão.

2. Conversemos sobre a **Palavra: Mt 13, 24-30**

3. **Comentários**

Em nosso processo de crescimento e de amadurecimento, não nos esqueçamos de que “o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza” (Rm 8,26). Ele é o princípio do bem em nós. Ele nos faz pacientes e tolerantes com o joio que há em nós e nas outras pessoas. O Espírito Santo “intercede em nosso favor, com interações inefáveis.” É sempre segundo Deus que o Espírito intercede em favor dos santos” (Rm 8,26-27). Aqui está mais um motivo para não nos tornarmos pessimistas ou nos sentirmos fracassados: por não conhecer a boa semente que somos; o Espírito Santo intercede constantemente ao Pai, para que a verdade do trigo prevaleça em cada um de nós, apesar do joio que carregamos conosco. Entreguemos ao Espírito Santo nosso processo diário de amadurecimento, pedindo-Lhe a graça da paciência, da tolerância e da confiança em relação à semente de trigo que cada um de nós é.

Vamos, para tanto, entender os temperamentos.

4. Os quatro temperamentos

Como a descoberta e o trabalho do nosso temperamento pode ajudar no caminho de nossa santificação? Autoconhecimento é uma virtude que Santa Teresa d'Ávila disse que nunca deve ser negligenciada. Ao compreender melhor a nós mesmos e as nossas pessoas queridas, seremos capazes de melhorar a nós mesmos e de crescer em nossa vida espiritual.

“O temperamento é o conjunto de inclinações íntimas que brotam da constituição fisiológica de um homem. É a característica dinâmica de cada indivíduo, que resulta do predomínio fisiológico de um sistema orgânico (sistema nervoso, sistema sanguíneo) ou de um humor (bílis, linfa). O temperamento é algo inato no indivíduo. Por isso mesmo, ele nunca desaparece inteiramente. Comprova este provérbio espanhol: *genio y figura hasta la sepultura* — “gênio e figura permanecem até a sepultura”. Mas uma educação oportuna e, sobretudo, a força sobrenatural da graça podem, se não transformá-lo totalmente, ao menos reduzir ao mínimo suas agudezas, e ainda suprir de todo suas manifestações exteriores. É testemunha disso — entre outros mil — São Francisco de Sales, que passou para a posteridade com o nome de “Santo da doçura”, apesar de seu temperamento fortemente colérico”.

O homem é uma misteriosa união de corpo e espírito. E o temperamento pode influenciar nossa personalidade, nossas motivações, nossas vidas. Temperamento não é o mesmo que personalidade. Personalidade diz respeito à totalidade dos padrões de comportamento de um indivíduo, seus pensamentos e emoções. O temperamento é a matéria-prima da personalidade. Com a mesma matéria-prima, podemos fazer inúmeras variações. Pense nas artes. Da mesma maneira, a personalidade total é afetada pela educação, experiências, família, trabalho, relacionamento, etc. Portanto, nosso temperamento NÃO define nossa personalidade, mas sim como naturalmente *tendemos* a reagir primeiramente. Se eu sei que tenho pavio curto, tenho de evitar situações que o provoquem.

Cada temperamento tem suas qualidades e defeitos e devemos trabalhar para transformar os pontos fracos nos pontos fortes, porque o temperamento não sela o nosso destino. A pessoa que não trabalha seu temperamento é um sedentário espiritual.

É preciso advertir que nenhum dos temperamentos que vamos descrever existe “quimicamente puro” na realidade. Geralmente, apresentam-se mesclados e, além disso, apresentam graus muito diversos. Assim, os fleugmáticos nunca o são de todo, pois se encontram neles muitos traços de sensibilidade. Os sanguíneos têm, às vezes, qualidades próprias dos melancólicos, etc. Trata-se unicamente de algo predominante e não determinante na constituição fisiológica de um indivíduo. É preciso levar muito em conta esta observação, ao descobrir alguns traços próprios de um determinado temperamento, para evitar um juízo prematuro, que poderia estar muito longe da realidade objetiva. E, conseqüentemente, desanimar. Ou pior, justificar as atitudes.

O temperamento faz parte da nossa natureza dada por Deus. Somente Jesus, o homem perfeito, tinha o temperamento perfeito.

Classificação mais comum: sanguíneo, colérico melancólico, fleugmático.
--

Sanguíneo. — O sanguíneo se entusiasma fácil e fortemente por qualquer impressão. A reação pode ser também imediata e forte, mas a impressão ou duração pode ser curta. A lembrança de coisas passadas não provoca tão facilmente novas emoções.

O sanguíneo é afável e alegre, simpático e prestativo, dócil e submisso para com seus superiores, sincero e espontâneo (às vezes até à inconveniência). É verdade que, ante a injúria, raciocina às vezes com violência e prorrompe em expressões ofensivas; mas esquece rapidamente tudo, sem guardar rancor de ninguém. Desconhece a teimosia e a obstinação. Sacrifica-se com desinteresse. Seu entusiasmo é contagioso e arrebatador. Seu bom coração cativa e apaixona, exercendo uma espécie de sedução em torno de si.

Por ter uma concepção serena da vida, é fundamentalmente otimista, não o arredam as dificuldades, confia sempre no bom êxito. Surpreende-se muito de que os outros se incomodem com uma brincadeira pouco agradável, que lhe parece a coisa mais natural e simpática do mundo. Tem grande sentido prático da vida e é mais inclinado a idealizar do que a criticar.

Dotado de uma exuberante riqueza afetiva, é fácil e ágil para a amizade e se entrega a ela com ardor, às vezes apaixonadamente.

Seus principais defeitos são a superficialidade, a inconstância e a sensualidade. A primeira se deve principalmente à rapidez de suas concepções. Julga haver compreendido logo qualquer problema que se lhe proponha, quando na realidade o

percebeu tão-somente de maneira superficial e incompleta. Daí procedem seus juízos apressados, ligeiros, frequentemente inexatos, quando não inteiramente falsos. É mais amigo da amplitude fácil e brilhante do que da profundidade.

A inconstância do sanguíneo é fruto da pouca duração de suas impressões. Em um instante passa do riso ao pranto, da alegria delirante a uma negra tristeza. Arrepende-se pronta e verdadeiramente de seus pecados, mas volta a eles na primeira ocasião que se lhe apresenta.

Sanguíneos foram o Apóstolo São Pedro, Santo Agostinho, Santa Teresa e São Francisco Xavier, São Felipe Neri.

É preciso que se lute tenazmente contra esses defeitos, até tê-los vencido totalmente. Há de combater sua superficialidade, adquirindo o hábito da reflexão e ponderação em tudo.

Colérico. — O colérico se estimula pronta e violentamente. Raciocina num instante, mas a impressão lhe fica na alma por muito tempo.

Boas qualidades. — Atividade, entendimento agudo, vontade forte, concentração, constância, magnanimidade, liberalidade. Os coléricos (ou belicosos) são apaixonados e voluntariosos. Práticos, desembaraçados, são mais inclinados a fazer do que a pensar. O repouso e o ócio repugnam à sua natureza. Sempre estão acariciando o seu espírito com um grande projeto. Apenas acabam de conceber um fim, põem mãos à obra, sem desistir por causa das dificuldades. Entre eles abundam os chefes, os conquistadores, os grandes apóstolos. São homens de chefia. Não são daqueles que deixam para amanhã o que deveriam fazer hoje; antes, preferem fazer hoje o que deveriam deixar para amanhã. Se surgem obstáculos e inconvenientes, esforçam-se para os superar e vencer. Apesar do seu ímpeto irascível, quando conseguem reprimi-lo pela virtude, alcançam uma suavidade e doçura da melhor cepa. Tais foram São Jerônimo, São Tiago, Santo Inácio de Loyola e São Francisco de Sales.

Más qualidades. — A tenacidade do seu caráter os faz propensos à dureza, obstinação, insensibilidade, ira e orgulho. Se lhes opomos resistência, irritam-se. Geralmente são ambiciosos e tendem ao mando e à glória. São mais pacientes do que o sanguíneo, mas não conhecem tanto a delicadeza de sentimento, compreendem menos a dor das outras pessoas, têm em suas relações um trato menos fino.

Suas paixões fortes e impetuosas sufocam essas afeições doces e esses sacrifícios desinteressados que brotam espontaneamente de um coração sensível.

Tais homens seriam de um preço inestimável se soubessem dominar-se e governar suas energias. Com relativa facilidade chegariam aos mais altos cumes da perfeição cristã. Muitíssimos santos canonizados pela Igreja possuíam este temperamento. Em suas mãos, as obras mais difíceis chegam a feliz termo. Por isso, quando conseguem processar suas energias, são tenazes e perseverantes nos

caminhos do bem e não cessam em seus empenhos até alcançar os píncaros mais elevados.

Melancólico. — Os melancólicos têm uma sensibilidade menos viva do que a dos sanguíneos, mas mais profunda. São naturalmente inclinados à reflexão, à solidão, ao silêncio, à piedade e vida interior. Compadecem-se facilmente das misérias do próximo, são benfeitores da humanidade, sabem levar a abnegação até o heroísmo, sobretudo ao lado dos enfermos.

Sua inteligência pode ser aguda e profunda, maturando suas ideias com a reflexão e a calma. É pensador e gosta do silêncio e da solidão. Pode ser um intelectual seco e egoísta, encerrando-se na sua torre de marfim, ou um contemplativo que se ocupe das coisas de Deus e do espírito. Sente atração pela arte e tem aptidão para as ciências.

É sóbrio e não sente a desordem passional, que tanto atormenta os sanguíneos. É o temperamento oposto ao sanguíneo, como o colérico é oposto ao fleugmático.

Más qualidades. — O lado desfavorável deste temperamento é a tendência exageradamente inclinada à tristeza e à melancolia. Quando recebem alguma forte impressão, ela penetra-lhes profundamente a alma e lhes produz uma ferida sangrante. Não possuem o coração na mão como o sanguíneo, mas, sim, muito no fundo, e aí saboreiam a sós sua amargura. Sentem-se inclinados ao pessimismo, ao ver sempre o lado difícil das coisas, ao exagerar as dificuldades. Isto os torna retraídos e tímidos, propensos à desconfiança em suas próprias forças, ao desalento, à indecisão, aos escrúpulos e a certa espécie de misantropia.

Foram de temperamento melancólico o Apóstolo São João, São Bernardo, São Luís Gonzaga, Santa Teresinha do Menino Jesus, Pascal.

Fleugmático. — O fleugmático trabalha devagar, mas assiduamente, contanto que não se exija dele um esforço intelectual demasiadamente grande. Não se irrita facilmente por insultos, fracassos ou enfermidades. Permanece tranquilo, sossegado, discreto e criterioso. É sóbrio e tem um bom sentido prático da vida. Não conhece as paixões vivas do sanguíneo, nem as profundas do melancólico, nem as ardentes do colérico. Dir-se-ia que carece por completo de paixões. Sua linguagem é clara, ordenada, justa, positiva; mais do que brilho, tem energia e atrativo.

O coração é bom, mas parece frio. Falta-lhe entusiasmo e espontaneidade, porque sua natureza é reservada. É prudente, sensato, reflexivo, chega aos fins sem violência, porque afasta os obstáculos em lugar de os romper. Às vezes a sua inteligência é muito clara.

Santo Tomás de Aquino possuiu os melhores elementos deste temperamento, levando a cabo um trabalho colossal com serenidade e calma imperturbáveis. O grande Doutor Angélico possuía os melhores elementos de um fleugmático.

Más qualidades. — Sua calma e lentidão lhe fazem perder boas ocasiões, porque tarda muitíssimo em pôr-se em ação. Não se interessa nada pelo que se passa fora de si. Vive para si mesmo, em uma espécie de concentração egoísta.

Pode-se tirar muito partido do fleugmático, se lhe forem inculcadas convicções profundas e lhe forem exigidos esforços metódicos e constantes em ordem à perfeição. Lentamente chegará muito longe. Deve-se sacudi-lo de sua inércia e lentidão, empurrando-o às alturas, acender em seu coração apático a labareda de um grande ideal. Deve-se estimulá-lo ao pleno domínio de si mesmo, excitando-o e pondo em uso suas forças adormecidas; não como ao colérico, que deve obtê-lo contendo-se e moderando-se.

5. Iluminando

Como não existe temperamento puro, essas são, além de outras, as combinações comuns encontradas nas pessoas comuns e nos santos:

Sanguíneo-colérico: São Pedro

Colérico-sanguíneo: Santa Teresa d'Ávila

Colérico-melancólico: São Paulo

Fleugmático-melancólico: considerado o verdadeiro amigo

Melancólico-fleugmático: mais organizado

Sanguíneo-fleugmático: amado pela maioria das pessoas

Fleugmático-sanguíneo: otimista

6. Considerações

1- São apenas algumas características genéricas. Uma visão geral dos temperamentos. Pesquise mais se lhe interessa. Nos livros citados e na internet.

2- Repetimos o que dissemos mais acima: nenhum destes temperamentos existe em estado “quimicamente puro”. O leitor poderá não ter encontrado aqui os traços completos de sua particular fisionomia. A realidade é mais complexa do que todas as categorias especulativas.

3- Com frequência encontramos, na prática, reunidos em um só indivíduo, elementos pertencentes aos temperamentos mais díspares.

4- Contudo, é indubitável que em cada indivíduo predominam certos traços temperamentais que permitem catalogá-lo, com as devidas reservas e precauções, em algum dos quadros tradicionais. Por outro lado, sem negar a grande influência do

temperamento fisiológico sobre o conjunto da psicologia humana, dadas as íntimas relações e interdependências entre a alma e o corpo, não devemos conceder-lhe uma importância exagerada — sobretudo no que diz respeito à moralidade de nossos atos

5- Temperamento ideal. — Se quisermos estabelecer, em sintética visão de conjunto, as características do temperamento ideal, tomaríamos algo de **cada um** dos que acabamos de descrever. Ao sanguíneo pediríamos sua simpatia, seu grande coração e sua vivacidade; ao melancólico, a profundidade e a delicadeza de sentimentos; ao colérico, sua atividade inesgotável e sua tenacidade; ao fleugmático, o domínio de si mesmo, a prudência e a perseverança.

Conseguir pelo esforço sistemático e inteligente este ideal humano, que a natureza não pode conceder a quase ninguém, conduz à difícil empresa do aperfeiçoamento e melhora do próprio temperamento, juntamente com o contínuo trabalho da formação do caráter.

6- Recomendamos que enxergue esse resumo como uma ferramenta para a auto-avaliação e auxílio para compreender e valorizar a si e os outros. Não pense que cada pessoa deva se encaixar exatamente dentro de um temperamento.

7- Deus concede a cada um de nós talentos específicos, projetados para nos ajudar a realizar a Sua vontade, crescer em santidade. Que sejamos produtivos com eles. (Mt, 25, 14 e ss). Jesus não era um rabino que ficava sentado esperando as pessoas se achegarem a Ele. Ele caminhava pelas cidades e aldeias, pregando e anunciando com ações a Boa-Nova, rezando e agindo.

7. Conclusão

Somos dependentes da graça de Deus. Nenhum temperamento é melhor que o outro. Todos podem progredir em santidade. A ORAÇÃO é de vital importância para todos os temperamentos. Não há crescimento na vida espiritual sem uma vida de oração vivida na autêntica caridade.

Exemplificando. Agostinho foi a grande preocupação da mãe, Santa Mônica, motivo de amarguras e muitas lágrimas. Mesmo dando bons conselhos e educando o filho nos princípios da religião cristã, a vivacidade, inconstância e o espírito de insubordinação de Agostinho fizeram com que a sábia mãe adiasse o seu batismo, com receio de que ele profanasse o sacramento.

E teria acontecido, porque Agostinho, aos 16 anos, saindo de casa para continuar os estudos, tomou o caminho dos vícios. O coração de Mônica sofria muito com as notícias dos desmandos do filho e por isso redobrava as orações e penitências. Certa vez, ela foi pedir os conselhos do bispo, que a consolou dizendo: 'Continue a rezar, pois é impossível que se perca um filho de tantas lágrimas'.

Agostinho tornou-se um brilhante professor de retórica em Cartago. Mas, procurando fugir da vigilância da mãe aflita, às escondidas embarcou em um navio para Roma, e depois para Milão, onde conseguiu o cargo de professor oficial de retórica.

Mônica, desejando a todo custo ver a recuperação do filho, viajou também para Milão, onde, aos poucos, terminou seu sofrimento. Isso porque Agostinho, no início por curiosidade e retórica, depois por interesse espiritual, tinha se tornado frequentador dos envolventes sermões de santo Ambrósio. Foi assim que Agostinho se converteu e recebeu o batismo, junto com seu filho Adeodato, filho dele com uma concubina. Assim, Mônica colhia os frutos de suas orações e de suas lágrimas. E via o temperamento de seu filho modificado!

Escreveu Santo Agostinho: “Senhor, meu Deus, minha única esperança, ouve-me para que eu procure sempre a tua face com ardor. Dá-me forças para procurar a Ti que te deixas encontrar e nos dás a esperança de sempre mais e mais ao te encontrarmos. Diante de ti estão minha força e minha fraqueza; conserva uma e cura a outra!. Diante de ti está o meu saber e a minha ignorância: onde abriste, recebe-me quando entrar. Onde me vedaste a entrada, abre quando eu bater. Em Ti quero pensar, a ti conhecer e amar. Que tudo isto cresça em mim até que me transformes na consumação final”.

Quem quiser seguir a Cristo será sinal de contradição (Julio Langbehn)!

O Senhor é bom e reto, por isso aos pecadores Ele ensina o caminho. Todos os caminhos do Senhor são graça e fidelidade. (Sl 24,8.10a).

8. Fábula

Um escorpião, não sabendo nadar, pediu a uma tartaruga que o carregasse em suas costas através de um rio.

“Você está louco?” exclamou a tartaruga.

“Você vai me picar, enquanto eu estiver nadando e eu vou me afogar.”

“Minha querida tartaruga”, riu o escorpião, “se eu a picasse, você se afogaria, e obviamente eu me afundaria com você. Agora, onde está a lógica nisso?”

“Você está certo!” exclamou a tartaruga. “Suba aí!”

O escorpião subiu nas costas da tartaruga e na metade da travessia do rio deu uma forte picada na tartaruga. Como ambos iriam se afogar, a tartaruga resignadamente disse:

“Me responda seu louco! Você disse que não haveria lógica em me picar. Então por que você fez isso?”

“Não tem nada a ver com a lógica nem com loucura”, disse o escorpião se afogando, e acrescentou: “É apenas o meu caráter.”

Ainda bem que não somos irracionais e podemos nos livrar da síndrome da Gabriela: “eu nasci assim, eu cresci assim”.

Obras de misericórdia corporais e espirituais

Disse Jesus, de quem nos esforçamos para sermos discípulos: “*Sede misericordiosos como vosso Pai do céu é misericordioso*” (Lc 6, 36). Ainda, em outro momento reafirmou citando o Profeta Oséias: “*Quero misericórdia e não sacrifícios*” (Mt 9, 13); e, mais uma vez insistiu nas bem-aventuranças: “*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*” (Mt 5, 7).

O quanto Deus é misericordioso não é mais necessário descrever pois já ser uma verdade, assimilada, experimentada e profundamente, talvez, internalizada.

Ter misericórdia não é ter pena da alguém. Longe disto, ter e exercitar a misericórdia é ter compaixão e solidariedade para com a necessidade do outro. Mais do que só dar esmola, é descer até a carência física, espiritual e material da outra pessoa, envolvendo-a com nosso ser e elevando-a à dignidade e à vida.

Vamos fazer uma reunião com uma dinâmica diferente.

Vamos trocar ideias, exemplificar, dar testemunho, contar experiência, falar da impossibilidade de realizar tal misericórdia e o que mais surgir na troca de ideias.

1. Obras de misericórdia corporais

– Dar de comer a quem tem fome

Várias vezes, Nosso Senhor Jesus Cristo se preocupou com a fome dos que O seguiam (Lc 9, 10-17). Seu mandato ecoa até hoje: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*” (Lc 9, 13).

Pe. Zezinho expressa muito bem isto na letra de sua canção: “somos a Igreja do pão, do pão repartido, do abraço e da paz.” É bem verdade que nossas cestas básicas, missas do quilo e “sopões”, servidos nas madrugadas frias, não resolvem os problemas sociais, mas é uma solução imediata que sacia quem sente o desespero da fome.

– Dar abrigo aos peregrinos

Jesus foi um desabrigado já em seu nascimento, quando negaram a José e Maria que estava para dar à luz, um lugar na hospedaria (Lc 2).

Sem querer forçar a natureza desta obra de misericórdia, não se poderia entendê-la de uma forma mais ampla, como por exemplo, simplesmente “acolher” na vida familiar, na convivência, no afeto, no dedicar algum tempo? Na escravidão de compromissos intermináveis e espaços curtíssimos entre um programa de tevê e outro, arrumar um tempo e simplesmente se dispor em “acolher”?

Interessante constatar que os pobres são os que mais acolhem os mais pobres que eles.

– Assistir os enfermos

Os Evangelhos relatam abundantemente, momentos em que Jesus acolhe, atende, socorre e cura os doentes. Às vezes eram levados a Ele no entardecer (*Mc 1,32-34*); em outras pediam que Ele fosse até a casa do enfermo, como fez o oficial que pediu a cura do filho que estava morrendo (*Jo, 4, 46-53*). Vale lembrar a ação de Jesus, quando na casa de Pedro, cura sua sogra (*Mt 8, 14-15*). Jesus se desdobrou em misericórdia para com os doentes. Maria, mesmo grávida, andou quilômetros para ajudar e pôr-se a serviço da idosa Isabel, sua prima, grávida de seis meses.

– Dar de beber ao sedento

Nosso Mestre Jesus disse: *“Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, porque é meu discípulo, em verdade eu vos digo: não perderá sua recompensa”* (*Mt 10, 42*). Em nossos tempos esta obra de misericórdia parece sem sentido, quando cada um tem água encanada. Mas em todo o Brasil? E será que é apenas sede de água?

– Vestir os nus

Chamados somos nós a sermos discípulos de um Mestre que exortou: *“Quem tem duas túnicas dê uma ao que não tem”* (*Lc 3, 11a*)

O apóstolo Tiago escreveu à comunidade que lhe foi confiada pastorear: *“Se a um irmão ou a uma irmã faltarem roupas e o alimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma.”* (*Tg 2, 15-17*).

– Socorrer os prisioneiros

Ficará à direita de Deus, no grupo dos bem-aventurados, aquele que visitou os que estavam na prisão (*Mt 25, 36*).

Hoje o acesso nos presídios não é livre, há um certo rigor e triagem para visitas a presidiários. E temos muito medo. Porém, nossas dioceses ainda são deficientes em se tratando de uma pastoral carcerária efetiva e dinâmica.

– Enterrar os mortos

Crer na ressurreição da carne, na vida eterna, faz parte da oração pela qual professamos nossa fé.

O Novo Catecismo da Igreja Católica, assim diz: “Os corpos dos defuntos devem ser tratados com respeito e caridade, na fé e na esperança da ressurreição. O enterro dos mortos é uma obra de misericórdia corporal que honra os filhos de Deus, templos do Espírito Santo” (CIC § 2300).

Conversem sobre cremação: onde colocar as cinzas e fazer doação de órgãos; qual o conselho da Igreja.

Certo dia, minha mãe na sua simplicidade, disse-me: “filho, Jesus Cristo, às vezes desce do céu e se veste com roupas de mendigo, anda pelas ruas e bate nas casas pedindo esmola. Nunca se desfaça de uma pessoa pobre”. Certamente, para alguns não passará de “lorota”, mas há muito de verdade neste ensinamento. *“Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber, era peregrino e me acolheste, nu e me vestiste. (Mt 25, 35-40).”*

2. Obras de Misericórdia Espirituais

Sete são chamadas obras de misericórdia espirituais: instruir; aconselhar, consolar, confortar, perdoar, suportar com paciência e rogar pelos vivos e pelos mortos.

A seguir conversaremos sobre as obras espirituais.

– Instruir (ensinar os que não sabem)

Instruir não é simplesmente transmitir conhecimentos, é também corrigir os que erram, doutrinar, ensinar os valores do Evangelho, formar na doutrina e nos bons costumes éticos e morais.

Evangelizar é também instruir para a verdade, a luz que vem de Jesus Cristo.

À comunidade de Colossenses Paulo diz: “A palavra de Cristo permaneça em vós com toda sua riqueza, de sorte que com toda sabedoria possais instruir e exortar-vos mutuamente.” (Col 3, 16a)

Lembremos que toda instrução que brota da caridade, oração e paciência gera frutos em abundância.

– Aconselhar (dar bons conselhos aos que necessitam)

É o dom de orientar e ajudar a quem precisa.

Jesus nos orientou e aconselhou a não sermos cegos guiando cegos *Mt 15, 14*); e também a primeiro tirarmos a trave do nosso olho, para depois tirar o cisco do olho do irmão (*Lc 6, 39*). Apesar da força deste conselho e alerta de Jesus, não podemos nos eximir de dar bons conselhos àqueles que necessitam.

Por conselhos desprovidos da luz de Deus muitas amizades foram desfeitas, casamentos destruídos e guerras iniciadas. Lembrar do pecado da omissão.

Aconselhar é ajudar a lançar luz no caminho de quem hoje pisa em sombras.

– Consolar (Aliviar o sofrimento dos aflitos)

Nosso Senhor Jesus Cristo deu-nos muitos exemplos de consolação; lembremos principalmente, seu empenho em consolar Marta e Maria na morte de Lázaro (*Jo 11, 19*). Paulo também em *2Cor 1, 3-4*.

A atitude de consolar apresentada como uma obra de misericórdia, mais do que nunca, torna-se uma virtude cristã a ser exercitada no cotidiano.

Exercitar os olhos para as tragédias alheias; aguçar os ouvidos para escutar os soluços dos que sofrem; oferecer o ombro para deixar reclinar quem chora; estender a mão para levantar quem tropeça e cai.

– Confortar (Fortalecer os angustiados e abatidos)

Deus conforta os humildes (*2Cor 7, 6*). Também assim devemos agir, aperfeiçoando nossas virtudes.

Muitos de nós não estamos dispostos a nos colocar ao lado de quem está abatido e desanimado, achamos que essas pessoas nos põem para baixo.

Coloquemo-nos à disposição do Espírito Santo de Deus para que Ele nos inspire e nos use para confortar aqueles que precisam.

– Perdoar (as injustiças de boa vontade)

O perdão é uma exigência do Evangelho e uma condição para entrar no Reino. Jesus nos dá essa lição ao ensinar a oração do Pai Nosso: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará.” (*Mt 6, 14-15*) (*Mt 18, 21-22*).

– Suportar com paciência (as adversidades e fraquezas do próximo)

Para viver o evangelho de Jesus é preciso ser paciente. Esta obra espiritual nos exorta a suportar com paciência os que estão próximos a nós, com todas as suas limitações, fraquezas, defeitos, adversidades e misérias.

Isto não quer dizer que devemos nos omitir de orientar, encorajar, oferecer oportunidades e servir de suporte, para que essas limitações e fraquezas sejam superadas.

– Rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos

Na oração sacerdotal Jesus rogou a Deus pelos seus e por todos que em todos os tempos viriam a ser seus discípulos, isto é, por todos nós (*Jo 17*). Em várias outras passagens dos Evangelhos Jesus retirava-se para rezar, **entre elas: Mt14, 23; Mt 26,36; Mc 6,46; Lc 3,21; Lc 5,16.**

Na Carta aos Efésios, São Paulo recomenda que se intensifiquem as súplicas e pede por ele oração (*Ef 6, 18-19*).

Que as obras de misericórdia corporais e espirituais nos ajudem a sermos mais perfeitos e assim construirmos um mundo novo e bem melhor.

3. Iluminando

Todos lutamos com a vergonha e o medo de não sermos bons o suficiente. E temos receio de deixar o nosso verdadeiro eu vir à tona e sermos vistos. Na comunidade, preciso me mostrar à altura dos demais! Prendemo-nos a palavras como autoestima, descanso, diversão, confiança, fé, intuição, esperança, amor, gratidão. E cobramo-nos demais a perfeição, convicção, autossuficiência, crítica, cumprimento de regras, ter filhos com atitudes perfeitas...E nos esquecemos de nos amarmos primeiramente. e desenvolvermos os dons da coragem, compaixão e conexão diariamente. Nossa vida tem de ser repleta de autocompaixão, aceitação e gratidão.

Assumir nossa história pode ser difícil, mas nem de longe é tão difícil quanto passarmos a vida fugindo dela. Aceitar nossas vulnerabilidades é arriscado, mas nem longe é tão perigoso quanto camuflar a honestidade, o amor, o pertencimento e a alegria. É difícil praticarmos a compaixão quando estamos lutando com nossa autenticidade ou quando nossa autoestima vacila.

A compaixão não é a nossa primeira reação ao sofrimento. A palavra deriva dos termos latinos *pati* e *cum*, que significam *sofrer junto*. A primeira reação à dor, nossa ou alheia, é a autoproteção: buscamos alguém ou algo para culpar ou recorreremos à crítica. Somente quando aceitarmos a nossa própria escuridão podemos estar presentes nas trevas dos outros. Amarmo-nos e aceitarmo-nos são atos supremos de nossa coragem. Não vale a pena sacrificar quem somos em nome do que os outros pensam. Mas faz parte de nossa autoestima.

Até Jesus quis saber (Mt 16,15) o que o povo e os discípulos estavam pensando e dizendo dEle. As opiniões dos outros de alguma forma sempre mexem conosco, sobretudo quando são maldosas, destruidoras, mal-intencionadas. Mesmo sentindo tristeza e, às vezes, raiva, não podemos deixar que elas nos paralisem, nos bloqueiem os passos. Não podemos ser tudo para todos.

Se não conseguimos ser misericordiosos sempre, vamos agir com sinceridade e, aos poucos, com a vivência na fé e a busca de um conhecimento maior, vamos aprendendo a sê-lo. Deus nunca está longe quando vivemos os dramas. Uma palavra que anima, um abraço que nos faz sentirmo-nos compreendidos, uma carícia que deixa perceber o amor, uma oração que permite ser mais forte... são todas expressões da proximidade de Deus através da misericórdia oferecida pelos irmãos ou recebida por nós. Coragem!

4. Vida prática. Será que é difícil?

a- Ligar para alguém que está passando por dificuldades

A vida é feita de muitos momentos felizes e também de passagens desafiadoras. Nesse sentido, conversar com quem que está sentindo a cruz pesar sobre os ombros, muitas vezes é algo simples e que ajuda muito. Esse simples exemplo de solidariedade auxilia a outra pessoa a colocar ordem nos pensamentos e precisa encontrar soluções para os problemas.

b- Fazer uma pequena doação

Fazer um esforço a fim de doar uma pequena quantia de dinheiro ou então do seu tempo para um projeto social faz bem para as pessoas e para o espírito de quem ajuda. Dessa forma, auxiliar com aquilo que temos e está ao nosso alcance pode ser decisivo para salvar vidas, melhorar a qualidade de vida de alguém ou colocar comida no prato de pessoas necessitadas.

c- Se oferecer para fazer compras para alguém que não pode sair de casa

As pessoas que estão passando por algum problema de saúde ou não podem sair de casa por exigência de medidas sanitárias podem encontrar dificuldades para fazer compras de mercado, farmácia e panificadora. Assim, se colocar à disposição é um exemplo de atitude de solidariedade simples, efetivo e que, de quebra, ainda pode render nova amizades. Mesmo que use o delivery, sempre há o que ajudar.

d- Dar aulas gratuitas sobre um assunto que você domina

Existem inúmeras pessoas interessadas em obter novos conhecimentos para mudar de profissão, se divertir ou até mesmo sobreviver. Portanto, contribuir com o conhecimento que você tem já é um importante passo. Aulas de português para estrangeiros, de violão para crianças do bairro, de teatro para idosos, reuniões de autoajuda, enfim, há uma infinidade de temas que podem servir de pano de fundo para atitudes de solidariedade.

e- Rezar e interceder pelo próximo

Colocar o nome de uma pessoa que você quer bem em seus pedidos de oração ou até mesmo fazer interseções relacionadas ao bem coletivo é uma prova de amor. Afinal, se a oração salva nossas vidas, por que também não fazer isso pelo próximo? Para a atitude ganhar força, você também pode levar as intenções para as orações em família e em grupos.

5. Vamos cantar? A clássica Oração de São Francisco

https://youtu.be/99_GuzlkiUM

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz

Posfácio

“A misericórdia não é sinal de fraqueza, é qualidade da onipotência divina”

A audaciosa convocação do Ano Santo da Misericórdia comprovou a intuição singular do Papa Francisco no exercício de sua missão. É pelo caminho da misericórdia que a humanidade alcançará as mudanças e respostas que a contemporaneidade espera, com urgência. É remédio incidente. Pode ocorrer de se pensar, equivocadamente, que agir de modo misericordioso se trata de fraqueza e conivência. Mas, assinala o Papa Francisco, reportando-se a palavras de Santo Tomás de Aquino, que a misericórdia não é sinal de fraqueza, é qualidade da onipotência divina.

A experiência da misericórdia alimenta a esperança. Permite a compreensão lúcida da fraternidade e da solidariedade como pilares indispensáveis da sociedade. Bases que devem substituir a lógica perversa da economia que gera ganância, raiz de um “desenvolvimento” que recai como peso sobre os ombros de todos, particularmente dos pobres e indefesos. Todos são convocados a compreender que Deus é misericordioso, fonte da misericórdia. E Jesus Cristo é o rosto dessa misericórdia do Pai porque n’Ele, Jesus, a misericórdia se tornou viva, visível e chegou ao seu ápice. Esse é o mistério da fé cristã.

Ser cristão é, portanto, contemplar o mistério da misericórdia, revelado por Jesus Cristo, fonte da alegria, da serenidade e da paz. Uma interpelação incidente, pois permite reconhecer que a misericórdia é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao encontro de todos. Pertinente é a indicação do Papa Francisco, quando sublinha que “a misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação de nosso pecado”.

Coluna mestra de sustentação da Igreja, a experiência da misericórdia é indispensável para conseguir respostas novas e transformadoras, diante dos desafios da atualidade. Sem o remédio da misericórdia, crescerão os fundamentalismos, não se controlará a intolerância, haverá sempre mais polarização de grupos políticos e religiosos, um contínuo desgaste da cultura da vida e da paz. Investir na misericórdia começa pela competência indispensável de perdoar, como Jesus indicou a Pedro, ao responder a sua pergunta a respeito de quantas vezes deve-se perdoar. O perdão é núcleo central do Evangelho e da autenticidade da fé cristã. Por isso, Jesus mostra que a misericórdia não é apenas o agir de Deus Pai, mas é o verdadeiro critério para reconhecer quem são os verdadeiros filhos de Deus.

“Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens,

vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos». Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”.(Fratelli Tutti)

Ninguém está preparado para o mal do outro, porque sempre esperamos que coisas boas voltem para nós se nós as espalhamos. Por isso devemos sempre manter a bondade dentro de nós, haja o que houver. Mesmo que nossa bondade adormeça enquanto nossa decepção se afoga em raiva momentânea, ela jamais morrerá, jamais se apagará. A misericórdia cria raízes fortes em nossa alma e, na hora certa, ela nos fortalece para combater o mal. Por mais que nos instiguem a pagar o mal com o mal ou com a indiferença, acredito que a resposta será o amor. A maldade fica no outro e o amor juntamente com a paz reinarão em nós.

Lembremo-nos sempre: **Deus nos cria sem nossa participação, mas a nossa salvação depende de nosso comprometimento!**

Eterno Pai, olhai com misericórdia as almas dos fiéis que Vos buscam. Concedei-nos a Vossa incessante proteção e animai-nos a vivermos os momentos difíceis sem esmorecer. Deixemos a palavra de Deus germinar em nossos corações. Ele, humildemente, nos espera em cada irmão necessitado. São inúmeras as graças que recebemos quando olhamos para o caminho do amor que percorremos. Que este tema nos tenha auxiliado a transformar nossos sentimentos em atitudes de ação que exige tempo, recursos, aproximação, envolvimento e transformação no homem novo. Amém.

MIBM

Bibliografia consultada

- 1- Carta Encíclica Fratelli Tutti- Papa Francisco- 2020
- 2- Misericordiae Vultus- O rosto da misericórdia. Papa Francisco -2015
- 3- Carta apostólica Misericordia et Misera- Papa Francisco-2016
- 4- Carta Encíclica- Dives in Misericordia- Papa João Paulo II-1980
- 5- Deus Caritas Est- Papa Bento XVI- 2006
- 6- Carta Encíclica- Caritas in Veritate-Papa Bento XVI- 2009
- 7- Exortação Apostólica Gaudete et Exultate- Papa Francisco- 2018
- 8- Homilia do Papa Francisco na celebração extraordinária de oração pela pandemia da Covid-19. E outra homilias dele.
- 9- Bíblia de Jerusalém; Bíblia- Edição Pastoral.
- 10- Catecismo da Igreja Católica
- 11- A Misericórdia. Kasper Walter. Loyola
- 12- A Volta do Filho Pródigo- Nowen Henri J.M.
- 13- Transforma meu pranto em dança. Nouwen Henri. Vozes
- 14- "Pai-nosso que estais na Terra" - Tolentino Mendonça José
- 15- A Mística do Instante- Tolentino Mendonça, José
- 16- A Nobreza da Alma Humana- Mestre Eckhart
- 17- Verdadeiramente humanos. Vanier John
- 18- Construir Pontes- Ubuntu- para uma liderança servidora
- 19- Reflexões sobre o Calvário e a Santa Missa. Fulton J. Sheen
- 20- Da exclusão à inclusão – Um caminho para a cura ; Jean Vanier, In
"Verdadeiramente humanos"
- 21- A arte da imperfeição- Brown, Brené
- 22- Pedrinhas para o caminho - Loredana Vighini

- 23- O Temperamento que Deus lhe deu- Bennet Laraine & Art
- 24- *Teología de la Perfección Cristiana* - Pe. Antonio Royo Marín. Tradução: S.O.S.
Família/Equipe CNP15 de Janeiro de 2019
- 25- Pequeno tratado da oração silenciosa, Jean-Marie Gueulette. Paulinas
- 26- Publicações diversas da CNBB
- 27- Equipes de Nossa Senhora- Encontros, Encontro Internacional de Aparecida e de Fátima, artigos, Cartas Mensais, publicações, temas do ano.
- 28- Sites, blogs: Diocese de Blumenau. Homem hoje. Cristianismoativo.org.
Evangeli.net. Associação Evangelizar é preciso. Canção Nova. A Comunidade Católica Shalom. Equipe Bíblia.com.br. Vatican News. Refletir para refletir.
História do dia. Reavivadosporsuapalavra.org.
- 29- Homilias, mensagens e formação- Padre Paulo César Mazzi; Padre Roger Araújo; Padre João Carlos; Dom Walmor Oliveira de Azevedo; padre Renato; Dom Henrique Soares da Costa
- 30- Músicas: Youtube, Spotify, Vagalume
- 31- Figura da capa extraída de www.arquidiocesedearacaju.org